



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

MANUEL DE FÁTIMA DIAS CARLOS

**A Espiritualidade presbiteral nas Intervenções
do Papa Bento XVI, por Ocasão do Ano
Sacerdotal e na Pastores Dabo Vobis**

Dissertação Final
sob orientação de:
Doutor Isidro Pereira Lamelas

Lisboa
2012

SIGLAS E ABREVIATURAS

AAS - Acta Apostolicae Sedis

PDV- Pastores Dabo Vobis

PO – Presbyterorum Ordinis

LG – Lumen Gentium

SC – Sacrosanctum Concilium

PL – Patrologia Latina

AO – Apostolado da Oração

BAC – Biblioteca de Autores Cristianos

Gl - Carta aos Gálatas

Hb – Carta aos Hebreus

Mt – Evangelho Segundo Mateus

Jo – Evangelho Segundo João

Is – Isaías

Jr – Jeremias

Ez - Ezequiel

Mc – Evangelho Segundo Marcos

Lc – Evangelho Segundo Lucas

2 Cor – Segunda Carta aos Coríntios

1 Pe – Primeira Carta de Pedro

2 Tm – Segunda Carta a Timóteo

DA – Discípulo Amado

AT – Antigo Testamento

NT – Novo Testamento

CEVM – Comissão Episcopal Vocações e Ministérios

Cit. por – Citado por

Cf. – Conferir

VV. AA. – Vários Autores

Ed. - Edição

sd – Sem Data

ss. – Seguintes

pp. – Páginas

p. – Página

ÍNDICE

SIGLAS E ABREVIATURAS	2
ÍNDICE	4
INTRODUÇÃO	6
 I CAPÍTULO	
1. Motivo e Finalidade do Ano Sacerdotal.....	9
1.1. Os Destinatários do Ano Sacerdotal	11
1.2. Ano Sacerdotal: Iniciativas da Igreja em Portugal.....	12
1.3. Ecos de Algumas Dioceses de Portugal	13
a) Ecos da Diocese do Porto.....	13
b) Ecos da Diocese de Viseu	14
c) Ecos da Diocese de Leiria-Fátima	15
d) Ecos da Diocese de Santarém	16
e) Ecos da Diocese do Algarve	18
f) Ecos da Diocese de Bragança-Miranda.....	19
g) Ecos da Arquidiocese de Évora	20
h) Ecos da Diocese Arquidiocese de Braga	21
i) Ecos do Patriarcado de Lisboa.....	22
1.4 Os textos e o contexto	23
2. Questões suscitadas	25
2.1 Os Leigos e os movimentos	26
2.2 O sacerdócio comum e o sacerdócio ministerial.....	29
2.3 O Sacerdócio Ordenado: Os Bispos e Presbíteros	31
2.4 Igreja Casta e Pecadora	33
3. Balanço do Ano Sacerdotal	34

II CAPÍTULO

1. Fundamentos e Modelos de uma Espiritualidade sacerdotal, segundo o Papa Bento XVI e a Pastores Dabo Vobis.....	37
1.1. O Fundamento: Cristo.....	37
1.2. Maria na Vida dos Presbíteros	39
1.3. Os Modelos Bíblicos do Pastor.....	41
1.4. Os Profetas	42
1.5. O Profeta Jeremias	44
1.6. São Paulo	46
1.7. São Pedro	48
2. Alguns «Modelos» Patrísticos de Sacerdote	50
2.1. São Gregório de Nazianzo	51
2.2. Santo Agostinho	53
2.3. São João Crisóstomo	55
3. Modelos de Sacerdote mais recentes.....	57
3.1. São João Maria Vianney, «modelo» de sacerdote	58
3.2. São João Eudes.....	64
3.3. São João Leonardo	66

III CAPÍTULO

1. A Espiritualidade do Presbítero	69
1.1. A Identidade e Missão do Presbítero	72
1.2. O Presbítero e o Anúncio do Evangelho.....	75
1.3. O Presbítero, Ministro da Eucaristia	78
1.4. O Presbítero ao Serviço da Caridade	81
1.5. A Oração na Vida do Presbítero	86
1.6. Os Conselhos Evangélicos na Vida do Presbítero	90
1.7. A Formação Permanente do Presbítero.....	93
CONCLUSÃO	99
BIBLIOGRAFIA	106

INTRODUÇÃO

Em 2010 o Santo Padre Bento XVI convocou toda a Igreja para celebrar um ano especialmente dedicado ao “sacerdócio”. Coincidindo tal acontecimento com o facto de me encontrar em fase de conclusão do Mestrado em Teologia e preparação para a ordenação, surgiu naturalmente a ideia de dedicarmos a dissertação final do nosso curso a este assunto.

O nosso trabalho versará, pois, sobre a espiritualidade do presbítero nas intervenções do Papa Bento XVI, por ocasião do Ano Sacerdotal. Tomaremos, por isso, como fontes do nosso estudo os textos que conseguimos reunir e que se inserem cronológica e tematicamente no âmbito da celebração do “Ano sacerdotal”. Não deixaremos, contudo, de ter também presente, como pano de fundo, a exortação apostólica pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis* sobre a espiritualidade presbiteral que, embora não seja frequente e explicitamente citada pelo actual papa, está, sem dúvida presente como horizonte de referência das suas intervenções.

Uma vez definido o tema e as fontes, o nosso trabalho decorrerá em três etapas, correspondentes a outros tantos capítulos.

O primeiro capítulo fará uma abordagem introdutória ao Ano Sacerdotal, apresentando o motivo e a finalidade do Ano Sacerdotal, os destinatários, as iniciativas da Igreja em Portugal e ecos de algumas dioceses Portuguesas, os textos e o contexto, questões suscitadas: os leigos e os movimentos, o sacerdócio

comum e o sacerdócio ministerial, o sacerdócio ordenado: os bispos e presbíteros, a Igreja: casta e pecadora e um balanço final do Ano Sacerdotal.

O segundo capítulo tratará dos fundamentos e modelos de uma espiritualidade sacerdotal, segundo o Papa Bento XVI e a PDV. Surge naturalmente em primeiro lugar Cristo como fundamento e fonte de todo o Sacerdócio. Como suas prefigurações temos os profetas que por sua vez, são também modelos dos sacerdotes cristãos. O Sacerdócio segundo Cristo é, contudo, realmente “novo”. Tal novidade foi assumida pelos Apóstolos e é representada especialmente por Pedro e Paulo que, por isso, permanecem como os grandes modelo do sacerdócio cristão. Os Apóstolos, por sua vez, constituíram na mesma autoridade os seus sucessores que viveram e ensinaram a mesma “Tradição apostólica” e sacerdotal comunicada por “sucessão”. Por isso, o Santo Padre assume também algumas figuras da tradição da Igreja como modelos privilegiados do sacerdócio da Nova Aliança: São Gregório de Nazianzo, Santo Agostinho e São João Crisóstomo. Modelos mais recentes de uma espiritualidade sacerdotal: São João Maria Vianney, São João Eudes e São João Leonardo. Também Maria ocupa um lugar particular, segundo o Sumo Pontífice, na vida dos presbíteros, enquanto «modelo» singular pela sua ligação à Igreja e a Cristo.

No terceiro capítulo abordaremos o tema da espiritualidade do presbítero, centrando-nos na sua identidade e missão, na sua tarefa de anunciar o Evangelho, no seu lugar insubstituível como presidente da Eucaristia e da comunidade reunida à volta da mesma, mas também e ainda no serviço da caridade, e na vida

de oração. Não deixamos de falar, finalmente, da importância dos Conselhos evangélicos na vida do presbítero, bem como da sua formação permanente.

No decorrer da nossa exposição, em que trataremos da espiritualidade do presbítero, iremos perscrutar os aspectos mais relevantes que podem potenciar uma espiritualidade do presbítero, centrada em Cristo. Na nossa perspectiva de abordagem, não iremos fazer qualquer distinção entre «espiritualidade» dos presbíteros diocesanos e religiosos. Também não é nosso objectivo apresentar a espiritualidade do presbítero compartimentada em aspectos específicos, ou seja, «espiritualidade eucarística», «espiritualidade da caridade pastoral». Com efeito, entendemos que a espiritualidade do presbítero se realiza no exercício quotidiano do seu ministério.

O tema que nos propomos tratar pressupõe algumas questões sempre actuais: Qual a especificidade do “sacerdócio” cristão; Como renovar hoje a identidade e espiritualidade dos presbíteros? Como é que os “antigos modelos” do sacerdote podem iluminar os presbíteros hodiernos, situados em contextos histórico-socio-religiosos tão diferentes? Até que ponto é que o papel de Maria na vida dos presbíteros deve ser interpretado em ligação com Cristo e a Igreja? Que relevância e compreensão se poderá esperar da formação permanente no futuro? O nosso trabalho não irá responder a estas questões, mas não as poderíamos ignorar agora e no futuro.

CAPÍTULO I

1. Motivo e Finalidade do Ano Sacerdotal

É legítimo questionarmo-nos sobre o motivo de se proclamar um Ano Sacerdotal. Podemos perguntar-nos igualmente por que razão se faz coincidir a data da celebração do Ano Sacerdotal com a comemoração dos 150 anos da morte de São João Maria Vianney? Não é a primeira vez que se proclama um Ano Sacerdotal, pois, já o havia feito o Papa Pio XI, em 1929.¹

Com efeito, mais uma vez, e em contextos diferentes, desponta mais uma iniciativa semelhante à que o Papa Pio XI levou a cabo. Assim, a 16 de Março de 2009, o Papa Bento XVI proclamava um Ano Sacerdotal para comemorar os 150 anos da morte de São João Maria Vianney. O referido Ano Sacerdotal teve início oficial no dia 19 de Junho de 2009 e culminou no dia 19 de Junho do ano 2010, data em que também se celebra a Solenidade do Sagrado Coração de Jesus. A coincidência destas ocorrências não é, sem dúvida, por acaso ou sem razão. Também não foi sem motivo que o Papa Bento XVI escolheu como lema para este Ano Sacerdotal: «Fidelidade de Cristo, fidelidade do sacerdote».

¹ «Consideramos que o mais importante dos nossos ensinamentos é a Encíclica *Ad Catholici Sacerdotii*, onde expomos o Nosso pensamento sobre a muito alta dignidade do sacerdócio e ordenamos que esta Encíclica seja lida e comentada não somente aos seminaristas, senão também a todos os sacerdotes». Cf. Carta Apostólica *Con Singular Complacencia*, de 18 de Janeiro de 1939, AAS 34 (1942) 254. Na bibliografia geral, o leitor poderá encontrar a totalidade dos elementos bibliográficos concernentes a cada obra. Nas notas de rodapé, apresentaremos só os dados indispensáveis à remissão pretendida.

Quanto aos objectivos de uma tal iniciativa, foram assim expressos pelo Sumo Pontífice:

«Favorecer a tensão de todo o presbítero para a perfeição espiritual da qual depende sobretudo a eficácia do seu ministério, e ajudar em primeiro lugar os presbíteros, e com eles todo o Povo de Deus, a redescobrir e revigorar a consciência do dom de Graça extraordinário e indispensável que o ministério ordenado representa para quem o recebeu, para a Igreja inteira e para o mundo, que sem a presença real de Cristo seria perdido».²

Com isto, ficamos inteirados quanto ao que se esperava deste Ano Sacerdotal, bem como alertados para as implicações inerentes, que procuraremos abordar ao longo do nosso trabalho. O Sumo Pontífice centra as suas intervenções no sacerdócio ministerial, mais em particular no presbiterado. Ele procura, através da redescoberta do ministério ordenado, o aperfeiçoamento do Povo de Deus. É igualmente, importante, diz o Papa Bento XVI, «promover o compromisso de renovação interior de todos os sacerdotes, para que o seu testemunho evangélico no mundo de hoje seja mais intenso e incisivo».³

O Sumo Pontífice faz igualmente votos para que a Carta que ele dirigiu aos presbíteros por ocasião deste Ano Sacerdotal, constitua «uma ocasião propícia para crescer na intimidade com Jesus, que conta connosco, seus ministros, para difundir e consolidar o seu Reino».⁴

² Bento XVI, «*Audiência Geral*», 24 de Junho de 2009.

³ Bento XVI, «*Litterae Apostolicae*», AAS 101 (2009) 569.

⁴ Bento XVI, «*Homilia*», AAS 101 (2009) 585.

1.1 Os destinatários do Ano Sacerdotal

Os destinatários directos do Ano Sacerdotal foram os ministros ordenados e, mediante estes, o Povo de Deus, pois, os presbíteros acham-se ao serviço do sacerdócio comum dos fiéis⁵: «Como esquecer que nós, presbíteros, fomos consagrados para servir, humilde e respeitavelmente, o sacerdócio comum dos fiéis?»⁶

O Sumo Pontífice pensa pois nos presbíteros que, diariamente procuram imitar as atitudes do Bom Pastor, Jesus Cristo, e aderir a Ele com a totalidade da sua existência;⁷ e dirige-se particularmente aos sacerdotes imersos no sofrimento, participando da dor humana ou incompreendidos pelos destinatários do seu ministério.⁸

A par do trabalho que a Congregação para o Clero desenvolveu em prol deste Ano Sacerdotal, ao longo do Ano dedicado ao sacerdócio, Sua Santidade dirigiu-se aos ministros ordenados, no decorrer do Ano Sacerdotal através de uma Carta dirigida particularmente aos sacerdotes, de Homilias, as Audiências Gerais, a Oração do Ângelus, Regina Caeli, uma Videomensagem dirigida aos participantes do retiro sacerdotal internacional, realizado de 27 de setembro a 3 de outubro de 2009, em Ars, Entrevistas, Diálogos, Discursos e Lectio Divina, aquando do encontro com os párocos da diocese de Roma.

⁵Cf. Bento XVI, «*Homilia*», AAS 101 (2009) 585.

⁶ Bento XVI, «*Homilia*», AAS 101 (2009) 585.

⁷ Cf. Bento XVI, «*Litterae Apostolicae*», AAS 101 (2009) 569.

⁸ Cf. Bento XVI, «*Homilia*», AAS 101 (2009) 570.

1.2 Ano Sacerdotal: Iniciativas da Igreja em Portugal

Durante o Ano Sacerdotal, foram levadas a cabo também muitas iniciativas nas dioceses portuguesas. Mas antes de referirmos as iniciativas particulares de cada diocese, vamos fazer referência a um acontecimento que envolveu todas as dioceses do país: O VI Simpósio do Clero de Portugal, que decorreu em Fátima entre de 1 e 4 de Setembro de 2009. Tendo por mote: «Reaviva o dom que há em ti», este Simpósio contou com a presença de cerca de 1000 sacerdotes provenientes de todas as dioceses e dos muitos Institutos religiosos presentes em Portugal⁹, e de oradores que desenvolveram temas inerentes ao ministério ordenado. Todos os oradores tiveram o tema deste VI Simpósio bem presente nas suas intervenções: reflectiram sobre a vida do sacerdote e sobre o ministério presbiteral vivido em fraternidade sacerdotal e na comunhão da Igreja, povo sacerdotal¹⁰. Reflectiu-se igualmente acerca do sentido sacerdotal da existência a partir do baptismo e na descoberta da beleza e a alegria do ministério sacerdotal.¹¹ «Abriram-se perspectivas de futuro nos difíceis, mas também desafiantes, tempos novos em que o sacerdote é chamado a viver o seu ministério»¹². A verdadeira formação sacerdotal há-de ser permanente, pois, só assim cumprirá o desígnio.¹³ Os presbíteros hão-de estar sempre disponíveis para regressarem ao coração de

⁹ Cf. Comissão Episcopal Vocações e Ministérios, «*Reaviva o dom que há em ti*», p. 5.

¹⁰ Cf. Comissão Episcopal Vocações e Ministérios, «*Reaviva o dom que há em ti*», p. 5.

¹¹ Cf. Comissão Episcopal Vocações e Ministérios, «*Reaviva o dom que há em ti*», p. 6.

¹² Comissão Episcopal Vocações e Ministérios, «*Reaviva o dom que há em ti*», p. 6.

¹³ Cf. Comissão Episcopal Vocações e Ministérios, «*Reaviva o dom que há em ti*», p. 190.

Cristo, de onde brotaram¹⁴, desse modo, reavivarem o dom que há neles, parafraseando o mote do VI Simpósio do Clero de Portugal.

1.3 Ecos de Algumas Dioceses de Portugal

Não é nosso objectivo apresentar de forma exaustiva, todas as actividades que foram levadas a cabo durante o Ano Sacerdotal. Haverá iniciativas que não foram publicadas, que ficaram mais «delimitadas» ao ambiente paroquial ou diocesano. Nesta linha, apresentaremos as iniciativas diocesanas (que acabam por ser também paroquiais) mais relevantes, sem a pretensão de ser exaustivos.

a) Ecos da Diocese do Porto

De entre os acontecimentos mais relevantes, destacamos, na Diocese do Porto, as Notas Pastorais de Dom Manuel Clemente¹⁵, onde o Bispo fala de uma «oportunidade para reflectirmos sobre o sentido sacerdotal da existência e o sacerdócio ministerial na Igreja».¹⁶ Merece igualmente ser mencionado, a reunião do Conselho Presbiteral, presidida por Dom Manuel Clemente, que abordou os seguintes temas: a formação permanente do clero, «em ordem a uma mais perfeita vivência de Presbitério»; importância da Fraternidade Sacerdotal e da Irmandade dos Clérigos; favorecer os diversos estilos de vida em comum; nomeação de um

¹⁴ Cf. Bento XVI, «Homilia», AAS 101 (2009) 585.

¹⁵ Cf. Manuel Clemente, «Notas Pastorais», In Igreja Portucalense, Boletim da Diocese do Porto, Ano 7 (2009) Nº 20, Maio-Agosto, pp. 57-63.

¹⁶ Manuel Clemente, «Notas Pastorais», p. 57.

delegado do Bispo para o acompanhamento dos padres novos, entre outros temas.¹⁷

b) Ecos da Diocese de Viseu

Na Diocese de Viseu, destacamos as Jornadas de Formação Permanente, cujo tema foi: «Ser presbítero no seio da nossa cultura». A síntese das Jornadas apresenta-nos diversas reflexões concretas para a vivência do ministério presbiteral.¹⁸ Deve destacar-se também o encontro de reflexão e oração, na quarta-feira de Cinzas, dos sacerdotes do Presbitério da Diocese de Viseu.¹⁹ Lugar houve também para reflexões diversas em torno do Sacerdócio Ministerial, alertando para riscos e preconceitos a evitar no decorrer do Ano Sacerdotal, a saber: «o de simples ignorar ou passar ao lado, o da superficialidade ou simples activismo, o da falta de sequência na aplicação de eventuais conclusões, entre outras».²⁰ Assim, traçou-se alguns aspectos acerca de um «perfil» do presbítero para hoje, tendo em consideração a missão do presbítero e a sua peculiar e específica vocação. Uma outra reflexão foi tecida pelo padre Nuno Santos, em jeito de «resumo» da mensagem deixada pelo Sumo Pontífice aos sacerdotes e consagrados da Igreja em Portugal, destacando a necessidade de os presbíteros serem «livres para ser

¹⁷ Cf. Conselho Presbiteral, «*Em Ano Sacerdotal, Comissão Para a Formação do Clero e Delegado do Bispo Para o Acompanhamento dos Padres Novos*», In Igreja Portucalense, Boletim da Diocese do Porto, Ano 7 (2009) Nº 20, Maio-Agosto, pp. 142-143.

¹⁸ Cf. Secretariado Diocesano do Clero, «*Síntese das Jornadas de Formação Permanente*», In Igreja Diocesana. Boletim da Diocese de Viseu, Ano XI (2010), Nº 30 e 31, pp. 208-211.

¹⁹ Cf. «*Quarta-Feira de Cinzas*», In Igreja Diocesana. Boletim da Diocese de Viseu, Ano XI (2010), Nº 30 e 31, p. 212.

²⁰ Luís Miguel, «*Ano Sacerdotal*», In Igreja Diocesana. Boletim da Diocese de Viseu, Ano XI (2010) Nº 30 e 31, pp. 212-213.

santos, livres para ser pobres, castos e obedientes; livres para todos...»²¹, e reconhecendo que «a nossa fé tem fundamento, mas é preciso que esta fé se torne vida em cada um de nós».²² Abordou-se igualmente temas como: Padres: amigos no Senhor, destacando a unidade de Presbitério; A amizade Sacerdotal, tendo como referência o modo como Jesus viveu a amizade; “Amigos no Senhor”, “Irmãos no Sacerdócio”²³, entre outros temas que foram tratados ao longo do Ano Sacerdotal.

c) Ecos da Diocese de Leiria-Fátima

Na Diocese de Leiria-Fátima, fazemos menção a Carta aos Sacerdotes, dirigida aos sacerdotes da mesma Diocese por Dom António Marto, por ocasião do Ano Sacerdotal. Nesta carta, o Bispo de Leiria-Fátima dirige-se aos presbíteros, reafirmando a beleza do sacerdócio ministerial, tendo como «referência» o Santo Cura d’Ars. Dom António Marto chama a atenção para uma «visão deformada e redutora acerca do padre como funcionário duma instituição religiosa, um prestador de serviços de que se tem necessidade algumas horas na vida. Assim perde-se a dimensão sobrenatural do sacerdócio de Cristo e dos padres para o povo de Deus e a humanidade».²⁴ Houve também recolções mensais; retiro anual; o VI Simpósio do clero de Portugal, que teve igualmente

²¹ «*A Propósito do Ano Sacerdotal*», In Igreja Diocesana. Boletim da Diocese de Viseu, Ano XI (2010) Nº 30 e 31, p. 214.

²² «*A Propósito do Ano Sacerdotal*», In Igreja Diocesana. Boletim da Diocese de Viseu, Ano XI (2010) Nº 30 e 31, p. 214.

²³ Cf. «*Padres: Amigos no Senhor*», In Igreja Diocesana. Boletim da Diocese de Viseu, Ano XI (2010) Nº 30 e 31, pp. 215-217.

²⁴ António Marto, «*Carta aos Sacerdotes, Ano Sacerdotal*», In Leiria-Fátima. Órgão Oficial da Diocese, Ano XVI (2009) Nº 47, pp. 16-18.

repercussão no seio da Diocese de Leiria-Fátima, concretamente nos ministros ordenados; teve igualmente lugar a Formação Permanente para os presbíteros da Diocese; o incentivo para se cuidar das vocações ao sacerdócio²⁵, entre outros temas. Finalmente, referimo-nos à homilia na Missa Crismal proferida por Dom António Marto, onde o Bispo aborda os seguintes temas: «Presbitério em comunhão e ao serviço da comunhão»; «Fisionomia do presbitério-comunhão»; «A gramática da comunhão: implicações e aplicações»; «Ao serviço da comunhão na comunidade cristã»; «Testemunho da comunhão e promoção vocacional».²⁶

d) Ecos da Diocese de Santarém

Na Diocese de Santarém, apraz-nos destacar a homilia de Dom Manuel Pelino Domingues, Bispo da mesma diocese, reunido com os sacerdotes, por ocasião da Solenidade do Sagrado Coração de Jesus. O Ano Sacerdotal foi proposto pelo Sumo Pontífice para «fomentar a renovação interior de todos os sacerdotes em ordem a um testemunho evangélico mais vigoroso e incisivo», reafirmou o Bispo. Na sua homilia, reflectiu sobre alguns aspectos da vida do Cura d'Ars e do modo como São João Maria Vianney compreendia o sacerdócio: «O Sacerdócio é o Amor do Coração de Jesus», dizia o Santo Cura.²⁷ Assim, o bispo fez menção à «excepcional profundidade espiritual manifestada pelo Cura d'Ars, [...] a piedade e a humildade [que] permitiram que a graça de Deus tenha realizado nele

²⁵ Cf. António Marto, «*Carta aos Sacerdotes, Ano Sacerdotal*», In Leiria-Fátima. Órgão Oficial da Diocese, Ano XVI (2009) Nº 47, p. 18.

²⁶ António Marto, «*Homilia da Missa Crismal*», In Leiria-Fátima. Órgão Oficial da Diocese, Ano XVIII (2010) Nº 49, pp. 40-44.

²⁷ Manuel Pelino Domingues, «*O Sacerdócio é o Amor do Coração de Jesus*», In Boletim Anual, Diocese de Santarém, Ano V (2008-2009), pp. 142-144.

maravilhas»²⁸, como aspectos a serem assumidos pelos presbíteros de hoje, no exercício do seu ministério. O Bispo referiu ainda a necessidade de os presbíteros centrarem-se no essencial, não olvidando quanto se pode aprender dos santos e especialmente do Cura d'Ars, ao longo Ano Sacerdotal. «A espiritualidade não nos dispensa da acção inteligente, coordenada, em comunidade. A fidelidade a Cristo no sacerdote é, como sabemos, indissociável da fidelidade à igreja e em Igreja. A união faz a força, o individualismo enfraquece».²⁹ Na sua Carta Pastoral para o ano 2009 e 2010, o Bispo de Santarém abordou o tema: «O Cura d'Ars, ícone da missão», destacando o ardor deste Santo na pregação do Evangelho, no cuidado dos doentes e na ajuda aos necessitados, o que faz dele um “exemplo”, fonte de bênção para a Igreja.³⁰ Lugar houve também para orações pela santificação dos sacerdotes³¹; falou-se ainda na participação dos fiéis na pastoral vocacional, bem como as paróquias e vigararias, entre outras.³²

²⁸ Manuel Pelino Domingues, «*O Sacerdócio é o Amor do Coração de Jesus*», In Boletim Anual, Diocese de Santarém, Ano V (2008-2009), pp. 142-143.

²⁹ Manuel Pelino Domingues, «*O Sacerdócio é o Amor do Coração de Jesus*», p. 144.

³⁰ Cf. Manuel Pelino Domingues, «*Carta Pastoral 2009-2010*», In Boletim Anual, Diocese de Santarém, Ano VI (2009-2010), p. 89; Manuel Pelino Domingues, «*São João Maria Vianney, Exemplo de Espiritualidade e de Caridade*», In Boletim Anual, Diocese de Santarém, Ano VI (2009-2010), p. 93.

³¹ Cf. Manuel Pelino Domingues, «*Ano Sacerdotal*», In Boletim Anual, Diocese de Santarém, Ano VI (2009-2010), p. 93.

³² Cf. Manuel Pelino Domingues, «*Ano Vocacional*», In Boletim Anual, Diocese de Santarém, Ano VI (2009-2010), p. 93.

e) Ecos da Diocese do Algarve

Na Diocese do Algarve realizaram-se diversas actividades, das quais destacamos o Comunicado do Conselho Pastoral³³, com as seguintes propostas: Sugeriu a criação de um grupo que acompanhe e sensibilize os jovens na sua descoberta vocacional; a realização da Assembleia do Clero e a criação do Encontro «Chama por mim» pela Pastoral Vocacional.³⁴ A Paróquia da Luz de Lagos celebrou o «Dia da Paróquia» no contexto do Ano Sacerdotal.³⁵ Destaca-se igualmente a reunião mensal do Clero, com os seguintes objectivos: em Dezembro, «Concretização do Evangelho na vida do Padre»³⁶; em Janeiro: «Radicalidade Evangélica como alicerce da vida do Sacerdote»³⁷; em Fevereiro: «Identidade e especificidade da vida consagrada»³⁸. Também realizou-se encontros mensais do Pré-Seminário por vigararias³⁹; a criação de «Jantares Vocacionais»⁴⁰; a Vigília de Oração da Pastoral Vocacional⁴¹; homilia de Dom Manuel Quintas na Missa Crismal sobre o Ano Sacerdotal, onde O Bispo reflectiu sobre os objectivos

³³<http://www.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=CmodsDownload&file=index&req=viewdownload&cid=12&orderby=dateD> [13.07.2012].

³⁴<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=17> [13.07.2012].

³⁵<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=190> [13.07.2012].

³⁶<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=152> [13.07.2012].

³⁷<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=435> [13.07.2012].

³⁸<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=653> [13.07.2012].

³⁹<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=210> [13.07.2012].

⁴⁰<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=209> [13.07.2012].

⁴¹<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=483> [13.07.2012].

apresentados pelo Sumo pontífice para o Ano Sacerdotal⁴²; também os Padres Algarvios realizaram um Concerto de Canto Gregoriano para assinalar o Ano Sacerdotal⁴³; Oração pelas vocações em Loulé⁴⁴ Portimão. Devemos fazer igualmente menção às Catequeses Quaresmais sobre a Eucaristia e o sacerdócio⁴⁵; desafio do Bispo ao Clero Diocesano em dia de Quinta-Feira Santa⁴⁶; entre outras actividades. Finalmente, referimos a Eucaristia de encerramento do Ano Sacerdotal⁴⁷, que reflectiu igualmente sobre temas inerentes ao ministério ordenado, numa dinâmica que permite olhar para o futuro.

f) Ecos da Diocese de Bragança-Miranda

A Diocese de Bragança-Miranda escolheu como tema para o seu plano pastoral para 2009-2010 o Ano Sacerdotal, instituído pelo Papa Bento XVI. «O programa contemplou duas áreas principais: a dimensão celebrativa e a reflexão doutrinal».⁴⁸ Assim, realizaram-se celebrações festivas na Catedral de Bragança e nas sedes de alguns Arciprestados. Celebrou-se a Eucaristia no Seminário na primeira Quinta-Feira de cada mês e visita; a imagem do Cura d'Ars muitas

⁴²www.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=CmodsDownload&file=index&req=getit&lid=66 [13.07.2012].

⁴³<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=829> [13.07.2012].

⁴⁴<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=913> [13.07.2012].

⁴⁵<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=1107> [13.07.2012].

⁴⁶<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=1147> [13.07.2012].

⁴⁷<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=1618> [13.07.2012].

⁴⁸ António Montes Moreira, «Abertura», In VV.AA., *Configurados com Cristo, Bom Pastor*, p. 7.

paróquias do arciprestado de Macedo de Cavaleiros e de Miranda.⁴⁹ Com a peregrinação da imagem do Cura d'Ars, pretendia-se fomentar a “vivência sacerdotal” e as “vocações para o ministério presbiteral”.⁵⁰ Foram igualmente ressaltadas as acções de actualização teológica com o Clero da diocese de Vila Real; a componente formativa das Conferências Interarciprestais foi valorizada, entre outras actividades.⁵¹ Com efeito, devemos destacar a colaboração entre a diocese de Bragança-Miranda e a diocese de Vila Real, no domínio da formação permanente do Clero. Assim, realizaram-se diversas conferências nas quais foram abordados temas inerentes à teologia do sacerdócio ministerial, a saber: «Os Presbíteros, servidores do Povo Sacerdotal»⁵²; «Formação doutrinal e espiritual nos Seminários»⁵³; «Configurados com Cristo, Bom Pastor»⁵⁴, só para citar alguns aspectos. Muitos outros aspectos poderiam ser apresentados, porém, estes ilustram-nos sobre os principais aspectos ressaltados ao longo do Ano Sacerdotal, na Diocese de Bragança-Miranda.

g) Ecos da Arquidiocese de Évora

No decorrer do Ano sacerdotal, realizaram-se várias actividades na arquidiocese de Évora, das quais destacamos as mais importantes. O Ano Sacerdotal teve início

⁴⁹ Cf. António Montes Moreira, «Abertura», In VV.AA., *Configurados com Cristo, Bom Pastor*, p. 7.

⁵⁰ Cf. António Montes Moreira, «Abertura», p. 7.

⁵¹ Cf. António Montes Moreira, «Abertura», p. 7.

⁵² Luís Rubio Morán, «Los Presbíteros, Servidores Del Pueblo Sacerdotal», In VV.AA., *Configurados com Cristo, Bom Pastor*, p.63.

⁵³ Silvério Pires, «Formação Doutrinal e Espiritual nos Seminários», In VV.AA., *Configurados com Cristo, Bom Pastor*, p.25.

⁵⁴ Mauro Alves, «Configurados Com Cristo, Bom Pastor», In VV.AA., *Configurados com Cristo, Bom Pastor*, p.9.

no dia 19 de Junho de 2009, festa do Sagrado Coração de Jesus. Assim, neste mesmo dia, arcebispo de Évora presidiu a uma Eucaristia de abertura solene do Ano Sacerdotal na diocese de Évora.⁵⁵ Houve, ainda, durante o Ano Sacerdotal, espaços de oração para promover as vocações ao sacerdócio e para pedir a santificação dos presbíteros. Destaque também para reflexões diversas em torno ao tema do sacerdócio ministerial, na chamada «Cartilha Sacerdotal»;⁵⁶ as homilias proferidas pelo arcebispo; conferências realizadas no âmbito do Ano Sacerdotal. Finalmente, o Ano Sacerdotal foi encerrado, na arquidiocese de Évora com uma Eucaristia presidida por Dom José Alves, na qual o Bispo apelada para necessidade de oração pela santificação dos sacerdotes. Além disso, é igualmente importante que se impulsione o Apostolado da Oração, em todas as paróquias e mesmo nas comunidades mais envelhecidas, em prol do ministério dos sacerdotes.⁵⁷

h) Ecos da Diocese Arquidiocese de Braga

Na arquidiocese de Braga, a abertura do Ano Sacerdotal aconteceu em Barcelos, no dia 19 de Junho de 2009. O arcebispo reflectiu sobre a necessidade de os presbíteros se concentrarem na sua identidade e encararem o Ano Sacerdotal «não como um momento ou conjunto de actividades a organizar para outros. Trata-se de reconhecerem o dom – algo que nos é dado e não nos pertence – e intuir a resposta mais adequada à mediação que Cristo quer operar por nosso

⁵⁵ Cf. <http://www.adeesa.org/noticia.php?codigo=185> [15.07.2012].

⁵⁶ <http://www.adeesa.org/noticia.php?codigo=235> [15.07.2012].

⁵⁷ Cf. <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=80040> [15.07.2012].

intermédio».⁵⁸ Houve um calendário de visitas aos sacerdotes por arciprestados para conversar e rezar juntos, entre outras actividades; à Quinta-Feira Santa e às ordenações, dar-se-ia um significado particular; «dar preferência ao Seminário em relação a outros lugares», visitando, agradecendo; realização de uma Assembleia Sacerdotal no dia 10 de Junho de 2010, com diversos temas de reflexão⁵⁹; entre outras actividades. A Comissão Episcopal Vocações e Ministérios também facultou diversos subsídios com sugestões de actividades para apoiar as dioceses no seu trabalho de preparação e realização do Ano sacerdotal. O encerramento do Ano Sacerdotal na arquidiocese de Braga aconteceu no dia 11 de Junho, com a celebração de Vésperas solenes.

i) Ecos do Patriarcado de Lisboa

No Patriarcado de Lisboa, o Ano Sacerdotal, convocado pelo santo Padre por ocasião dos 150 anos da morte de São João Maria Vianney, o Cura d'Ars, sugeriu os temas das Catequeses Quaresmais.⁶⁰ As Catequeses Quaresmais do Cardeal-Patriarca de Lisboa e as homilias por ocasião de ordenações de presbíteros e diáconos, constituíram momentos cruciais de reflexão em torno ao tema do sacerdócio ministerial. Com efeito, haverá muitas outras actividades realizadas ao longo do Ano Sacerdotal, sobretudo no âmbito das paróquias que não nos é possível apresentar aqui. Assim, nas suas Catequeses Quaresmais, o

⁵⁸ <http://www.diocese-braga.pt/index.php?url=noticia3.php&recordID=2193&seccao=5&grupo=1> [15.07.2012].

⁵⁹ Cf. <http://www.diocese-braga.pt/index.php?url=noticia3.php&recordID=2063&seccao=5&grupo=1> [15.07.2012].

⁶⁰ Cf. <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=77525> [15.07.2012].

Cardeal-Patriarca de Lisboa frisou que «só o sacerdócio apostólico torna possível à Igreja exprimir a sua atitude sacerdotal no sacrifício de louvor, oferecendo os frutos da sua fidelidade a Jesus Cristo, unindo-se a Ele na oferta do seu sacrifício de louvor a Deus».⁶¹ Podemos extrair ainda um outro texto que ressalta a importância do sacerdócio ministerial, ao serviço do Povo Sacerdotal. «Para que seja Povo Sacerdotal, nesta fase peregrina, Cristo é Sacerdote através da mediação dos que receberem o “sacerdócio apostólico”, e agem “in persona Christi”».⁶² Neste contexto, os presbíteros são «Chamados à fidelidade cristã como todos os outros membros da Igreja, são “sacramentos de Jesus Cristo”, forma de Este presidir ao louvor sacerdotal da Igreja».⁶³

1.4 Os textos e o contexto

O nosso estudo debruça-se particularmente sobre os discursos e documentos emanados pelo Papa Bento XVI, por ocasião do Ano Sacerdotal, a saber: a Carta de Proclamação do Ano Sacerdotal, dirigida especialmente aos Presbíteros; as Homilias; as Audiências Gerais; as Orações do Ângelus; os diversos discursos proferidos: à Congregação para o Clero no dia 16 de março de 2009; discurso dirigido à Plenária do Pontifício Conselho para os Leigos no dia 21 de maio de 2010; discurso dirigido aos participantes do Congresso Europeu sobre a Pastoral Vocacional no dia 4 de julho de 2009; a Videomensagem dirigida aos participantes do retiro sacerdotal internacional que decorreu de 27 de setembro a 3

⁶¹ http://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?cont_=40&id=165&tem=129 [15.07.2012].

⁶² http://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?cont_=40&id=165&tem=129 [15.07.2012].

⁶³ http://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?cont_=40&id=165&tem=129 [15.07.2012].

de outubro de 2009, em Ars; Vigília por ocasião do Encontro Internacional de Sacerdotes no dia 10 de junho de 2010; Mensagem para o 47º dia mundial de Oração pelas Vocações, 25 de abril de 2010. Parece-nos ainda útil, utilizarmos alguns documentos do magistério da Igreja, a saber: o Concílio Vaticano II e a Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, bem como outras obras relevantes para o nosso trabalho.

Posto isto, convém realçar que o Ano Sacerdotal foi proclamado numa altura em que a Igreja se via confrontada com o «descrédito do clero ordenado devido à agressão dos meios de comunicação que usam os “escândalos”⁶⁴ de alguns para “sujar” a figura dos sacerdotes». Por outro lado “a crise de vocações; O risco de uma “profissionalização” ou redução do padre à de “funcionário de Deus”; A perda ou esbatimento do vínculo que deve unir o sacerdote ao seu povo e à Igreja; Urgência de uma “identidade”⁶⁵ forte, através da recuperação de uma espiritualidade vocacional e do serviço, em Cristo, à Igreja.

O Papa Bento XVI sabe o quanto é importante, para fazer face a estes problemas e minimizar as suas consequências, formar Presbíteros que sejam “homens totais”, homens de Deus para o Homem contemporâneo. Trata-se de homens que «vivem uma existência cristã, assumindo o quotidiano cinzento vivido na fé, na esperança e na caridade», parafraseando Hans U. V. Balthasar.⁶⁶ Para isso é fundamental viver uma espiritualidade adequada à Missão que os

⁶⁴Referimo-nos aos escândalos sexuais contra crianças e aos casos de pedofilia que envolveram alguns presbíteros, que sobressaíram no decorrer do Ano Sacerdotal.

⁶⁵ Cf. Bento XVI, «*Audiência Geral*», 1 de Julho de 2009, onde o Sumo Pontífice, de certa forma, define a identidade do presbítero.

⁶⁶ Hans Urs Von Balthasar, *Puntos centrales de la fe*, p. 351.

Presbíteros receberam. Esta espiritualidade, que não se reduz a uma atitude «piedosa», será abordada no terceiro capítulo do nosso trabalho. Este Ano Sacerdotal vem, em boa altura, fomentar um novo dinamismo nos presbíteros em especial, uma “nova” forma de olhar para o Homem, para o Mundo e para Deus. Todavia, para que tal tarefa seja possível, há que recuperar a espiritualidade presbiteral. Por essa razão, o tema central do nosso trabalho é o da espiritualidade presbiteral.

Com efeito, diz-nos o Papa Bento XVI referindo-se ao Santo Cura d’Ars: «A primeira coisa que devemos aprender é a sua total identificação com o próprio ministério».⁶⁷ O Presbítero não poderá, de modo algum, exercer o seu ministério se não se identificar com ele, implicando a totalidade da sua existência. Tal ensejo é possível mediante a escuta e vivência da Palavra de Deus, a celebração dos sacramentos, a caridade para com todos, especialmente os mais necessitados, a oração e a total doação de si mesmo a Cristo. O capítulo terceiro do nosso trabalho elucidar-nos-á melhor acerca do tema da espiritualidade presbiteral, porquanto, terá, no referido capítulo, um desenvolvimento mais alargado.

2. Questões suscitadas

No decorrer do Ano Sacerdotal, foram trazidas a lume algumas questões a que faremos referência de seguida. Contudo, não é nossa pretensão explicar todo o seu conteúdo. Há questões que permanecem abertas à reflexão teológica por se

⁶⁷ Bento XVI, «*Litterae Apostolicae*», AAS 101 (2009) 571.

prestarem a modos distintos de compreensão e vivência. Não obstante estas formas complementares de compreender e viver determinadas realidades, permanece a possibilidade de diálogo e integração das diferenças: estas constituem um ponto proporcionador de crescimento.

2.1 Os Leigos e os movimentos

O Ano Sacerdotal não foi direccionado primariamente aos leigos de um modo geral. É facto que se destinou, em primeiro lugar, aos presbíteros. Se é verdade que os Presbíteros fazem parte do povo de Deus, todavia, aos presbíteros é confiada uma missão especial, a saber, a de serem pastores dum povo de que são parte, a exemplo de Cristo bom Pastor.⁶⁸ O presbítero, adaptando a si as palavras de Santo Agostinho, pode dizer, também ele, aos cristãos «Se por um lado me atemoriza o que sou para vós, por outro lado consola-me o que sou convosco. Para vós [sou presbítero], convosco sou cristão. Aquele é nome de cargo, este de graça; aquele é nome de perigo, este de salvação».⁶⁹ Santo Agostinho tinha a plena consciência da necessidade de imitar os sentimentos de Cristo no trato com os cristãos. Como o santo de Hipona, o presbítero aprende a ser servo dos cristãos, a ser, também ele, ovelha de Cristo Bom Pastor e imitador deste Bom Pastor. Para patentear a importância da dedicação dos presbíteros em função dos leigos, é importante que os presbíteros, tal como recorda o Papa Bento XVI:

⁶⁸ Sobre este ponto, Cf. Luís Rubio Morán, *Nuevas Vocaciones Para un Mundo Nuevo*, laicos, religiosos y presbíteros para una nueva evangelización, p.243ss.

⁶⁹ «Ubi me terret, quod vobis sum; ibi me consolatur, quod vobiscum sum. Vobis enim sum episcopus, vobiscum sum christianus. Illud est nomen suscepti officii, hoc gratiae; illud periculi est, hoc salutis». Agostinho, *Sermão* 340, 1, PL 38, 1483.

«Reconheçam e promovam sinceramente a dignidade e participação própria dos leigos na missão da Igreja. Estejam dispostos a ouvir os leigos, tendo fraternalmente em conta os seus desejos, reconhecendo a experiência e competência deles nos diversos campos da actividade humana, para que, juntamente com eles, saibam reconhecer os sinais dos tempos».⁷⁰

Com efeito, existem no seio da Igreja, alguns movimentos que são indispensáveis para o cumprimento da sua missão. O Papa Bento XVI, referindo-se aos Movimentos, apresenta-nos a atitude adequada a ser adoptada pelos Presbíteros em relação aos Movimentos que vão surgindo no seio da Igreja. Assim, diz o Papa Bento XVI:

«No contexto da espiritualidade alimentada pela prática dos conselhos evangélicos, aproveito para dirigir aos sacerdotes, [presbíteros], neste Ano a eles dedicado, um convite particular para saberem acolher a nova primavera que, em nossos dias, o Espírito está a suscitar na Igreja, através nomeadamente dos Movimentos Eclesiais e das novas Comunidades. O Espírito é multiforme nos seus dons. [...] Ele sopra onde quer. E fá-lo de maneira inesperada, em lugares imprevistos e segundo formas precedentemente inimagináveis [...]; mas demonstra-nos também que Ele age em vista do único Corpo e na unidade do único Corpo».⁷¹

O Sumo Pontífice convida os presbíteros a estarem dispostos para acolher os Movimentos Eclesiais e as novas Comunidades que vão surgindo no seio das comunidades paroquiais. Os presbíteros, como homens que cuidam de “almas” acham-se perante um terreno escorregadio. O discernimento é, neste caso, o melhor caminho a seguir. A propósito disto, vale a indicação do decreto *Presbyterorum Ordinis*:

⁷⁰ Bento XVI, «*Litterae Apostolicae*», AAS 101 (2009) 572.

⁷¹ Bento XVI, «*Litterae Apostolicae*», AAS 101 (2009) 577.

«Sabendo discernir se os espíritos vêm de Deus, [os presbíteros] perscrutem com o sentido da fé, reconheçam com alegria e promovam com diligência os multiformes carismas dos leigos, tanto os mais modestos como os mais altos. Estes dons, que impelem não poucos para uma vida espiritual mais elevada, podem ser de proveito não só para os fiéis leigos mas também para os próprios ministros. Com efeito, da comunhão entre ministros ordenados e carismas pode brotar um válido impulso para um renovado compromisso da Igreja no anúncio e no testemunho do Evangelho da esperança e da caridade em todos os recantos do mundo».⁷²

Nota-se a intenção de inserir o dinamismo dos novos Movimentos no seio da Igreja e ministérios “ordenados”. Particularmente nos dias que correm, e podemos captar isso nos textos acima citados, a Igreja precisa do dinamismo dos diversos Movimentos. Feita a devida avaliação, ou seja, depois de se ter perscrutado o impulso que os move, será importante colaborar de forma sincera e inteligente com os Movimentos. A acção do Espírito Santo desenrola-se livremente e escapa ao controlo e domínio do Homem. Nesta linha, o Papa Bento XVI aponta Cristo como Aquele que todos têm o direito de conhecer e louva a disposição de pastores e fiéis leigos, inclusive membros de antigas ordens religiosas e de novos movimentos eclesiais, para anunciar e testemunhar o Evangelho.⁷³ A ligação que se pode constatar entre o sacerdócio ministerial e o sacerdócio comum, tema que abordaremos de seguida, manter-nos-á inseridos neste dinamismo, onde o Espírito Santo age livremente, sempre para o bem da Igreja de Cristo.

⁷² Bento XVI, «*Litterae Apostolicae*», AAS 101 (2009) 577.

⁷³ Cf. Bento XVI, «*Audiência Geral*», 3 de Fevereiro de 2010.

2.2 O sacerdócio comum e o sacerdócio ministerial

Pelo sacramento da Ordem, os ministros ordenados são configurados a Cristo Cabeça e Pastor.⁷⁴ O sacerdócio ministerial que inclui os bispos e os presbíteros está ao serviço do sacerdócio comum, ou seja, de todo o Povo de Deus que, por meio do baptismo se tornam membros da Igreja, que tem Cristo por Cabeça. «O sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico embora se diferenciem essencialmente e não apenas em grau, ordenam-se mutuamente um ao outro».⁷⁵ Com efeito, o sacerdócio comum implica vários aspectos, a saber:

«Cristo Nosso Senhor, Pontífice escolhido de entre os homens, fez do novo povo um “reino sacerdotal para seu Deus e Pai”. Na verdade, os baptizados, pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, são consagrados para serem casa espiritual, sacerdócio santo, para que, por meio de todas as obras próprias do cristão, ofereçam oblações espirituais e anunciem os louvores daquele que das trevas os chamou à sua admirável luz. Por isso, todos os discípulos de Cristo, perseverando na oração e louvando a Deus, ofereçam-se a si mesmos como hóstias vivas, santas, agradáveis a Deus, dêem testemunho de Cristo em toda a parte e àqueles que Lha pedirem dêem razão da esperança da vida eterna que neles habita».⁷⁶

É Cristo que confere este «direito» a cada baptizado. Por isso, a diferenciação do sacerdócio comum do sacerdócio ministerial não está em choque, o importante é o nexo existente entre eles, o facto de o sacerdócio ministerial estar para o sacerdócio comum. Pois, «os presbíteros, dado que a sua figura e o seu

⁷⁴ Cf. LG, n° 10; PDV, n° 12.

⁷⁵ LG, n° 10; PDV n° 17.

⁷⁶ LG n° 10; PDV n° 17.

papel na Igreja não substitui, mas antes promove o sacerdócio baptismal de todo o Povo de Deus, conduzindo-o à sua plena actuação eclesial, encontram-se numa relação positiva e promotora com os leigos».⁷⁷ No entanto, «o sacerdócio ministerial, pelo seu poder sagrado, forma e conduz o povo sacerdotal, realiza o sacrifício eucarístico fazendo as vezes de Cristo e oferece-o a Deus em nome de todo o povo [...]».⁷⁸ Este ministério é um serviço que é realizado, pelo presbítero, em nome de Cristo e em nome da Igreja, tendo sempre presente a caridade pastoral que brota do coração de Cristo.⁷⁹

Com efeito, Jesus Cristo «quis que os sucessores deles, [dos Apóstolos] os Bispos, fossem pastores na sua Igreja até ao fim dos tempos» (LG, nº18). Assim, compreendemos que são os bispos os principais responsáveis pela Missão confiada por Cristo aos Apóstolos. Cristo é o único sacerdote. Assim, os presbíteros não se apresentam no exercício do seu ministério desunidos dos bispos, nem os bispos dos presbíteros, por isso, faremos alusão à comunhão requerida entre os bispos e os presbíteros, no terceiro capítulo. Por outro lado, irrompe a questão do sacerdócio comum, acima clarificado, que se acha intimamente unido ao sacerdócio ministerial: os bispos e os presbíteros. Com efeito, este tema vai sendo aprofundado ao longo do nosso trabalho, tendo em conta a forma como o Papa Bento XVI o desenvolve nos documentos por ele escritos e publicados, por ocasião deste Ano Sacerdotal.

⁷⁷ PDV nº 17.

⁷⁸ LG, nº 10.

⁷⁹ Cf. Agostino Favale, *Spiritualità del Ministero Presbiterale*, pp. 62-63.

2.3 O Sacerdócio Ordenado: Os Bispos e Presbíteros

No concernente aos bispos, é possível constatar, nos documentos do Papa Bento XVI, emanados por ocasião do Ano Sacerdotal, que não são eles os destinatários prioritários do Ano Sacerdotal. Não queremos com isso afirmar que a vivência do Ano Sacerdotal não lhes diga respeito. Para patentear a importância de uma união plena entre o Bispo e os presbíteros, afirma o Papa Bento XVI, apoiado na Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis* do Papa João Paulo II:

«Que o ministro ordenado tem uma radical “forma comunitária” e pode ser cumprido apenas na comunhão dos presbíteros com o seu Bispo. É preciso que esta comunhão entre os sacerdotes [presbíteros] e com o respectivo Bispo, baseada no sacramento da Ordem e manifestada na concelebração eucarística, se traduza nas diversas formas concretas de uma fraternidade sacerdotal efectiva e afectiva».⁸⁰

Porquanto, sem o Bispo o Presbitério deixa de ser uma realidade. É que o Presbítero não sobrevive acéfalo. Só o Bispo pode garantir a coesão necessária no seio do Presbitério e, sob a orientação e obedecendo ao Bispo, o presbítero obedece a Cristo, Bom Pastor. O Bispo é, com efeito, o garante da comunhão entre os Presbíteros. A concelebração eucarística é um momento privilegiado onde o Bispo, de certo modo, apresenta a fidelidade dos seus presbíteros a Cristo, ora por eles e se faz servo da comunhão entre os presbíteros e os leigos.⁸¹ O Bispo é o primeiro responsável pela santificação dos presbíteros, de todo o Povo de Deus. Mas os presbíteros também têm uma missão importante, a saber:

⁸⁰ Bento XVI, «*Litterae Apostolicae*», AAS 101 (2009) 578.

⁸¹ Para uma compreensão mais completa deste ponto, pode consultar-se o capítulo III da LG; PDV nº 65.

«Os presbíteros, embora não possuam o fastígio do pontificado e dependam dos Bispos no exercício do próprio poder, estão-lhes, porém, unidos na honra do sacerdócio e, por virtude do sacramento da Ordem, são consagrados, à imagem de Cristo, sumo e eterno sacerdote, para pregar o Evangelho, apascentar os fiéis e celebrar o culto divino, como verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento».⁸²

Os presbíteros acabam por «estabelecer» e favorecer o diálogo entre Deus e os homens. Mas como é que os presbíteros podem «estabelecer» e favorecer o diálogo entre Deus e os homens sendo também eles pecadores? Isto acontece em virtude do sacramento da Ordem que é conferido aos presbíteros, pelo qual, são «consagrados à imagem de Cristo sumo e eterno sacerdote»; mas também por meio da caridade pastoral que se manifesta no dom total de si mesmos a Cristo e ao rebanho a eles confiado. A própria espiritualidade a que os presbíteros são chamados a encarnar na sua vida, advém do exercício do seu ministério no dia-a-dia, em comunhão com o Bispo, não excluindo qualquer dimensão inerente ao ministério. Neste contexto, afigura-se relevante dizer que «o Bispo, por seu lado, considere os sacerdotes, seus colaboradores, como filhos e amigos, à imitação de Cristo que já não chama aos seus discípulos servos mas amigos».⁸³ Mas será que tal atitude diz respeito apenas aos presbíteros diocesanos? De facto, «todos os sacerdotes, tanto diocesanos como religiosos, estão associados ao corpo episcopal em razão da Ordem e do ministério, e, segundo a própria vocação e graça, contribuem para o bem de toda a Igreja».⁸⁴ Também, entre os presbíteros, é mister

⁸² LG, n° 28.

⁸³ LG, n° 28; Miguel Ponce Cuéllar, *Llamados a Servir, Teologia del sacerdocio ministerial*, pp. 317-318.

⁸⁴ LG, n° 28.

cultivar um ambiente de «fraternidade» para que possam melhor exercer o seu ministério e ser um «exemplo» para os cristãos, um «caminho» em direção a Cristo.⁸⁵

2.4 Igreja Casta e Pecadora

A Igreja de Jesus Cristo é santa mas os seus membros são pecadores. Os membros da Igreja de Cristo não são perfeitos, pois, caminham para a perfeição. É resposta ao apelo de Cristo quem nos diz: «Portanto, sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste» (Mt 5,48). Nós tendemos para a perfeição, para uma vida santa, porquanto, «se vivemos no Espírito, sigamos também o Espírito» (Gl 5,25).

Na Igreja “casta e pecadora”, refere o Sumo Pontífice: «infelizmente existem também situações, nunca suficientemente deploradas, em que é a própria Igreja a sofrer pela infidelidade de alguns dos seus ministros. Daí advém, então, para o mundo motivo de escândalo e de repulsa».⁸⁶ Esta situação lamentável, é muitas vezes explorada da parte dos inimigos da Igreja.⁸⁷ Há uma certa comunicação social hostil à Igreja, que tenta relegar para o descrédito a acção dos ministros ordenados. Esta atitude hostilidade à Igreja patenteia o sintoma de uma

⁸⁵ Para uma descrição mais detalhada da comunhão do presbítero com os Bispos, com os outros presbíteros, com os diáconos e com os leigos, Cf. Agostino Favale, *Spiritualità del Ministero Presbiterale*, pp. 72-86.

⁸⁶ Bento XVI, «*Litterae Apostolicae*», AAS 101 (2009) 570.

⁸⁷ Sobre os inimigos que atacaram a Igreja, concretamente no assunto dos «abusos contra menores» por parte de alguns presbíteros, Cf. António Vaz Pinto, «*Bento XVI, entre o escândalo e a Visita*», In *Brotéria* 170 [2010] 349-356.

crise do “sacerdócio”.⁸⁸ Mas será que esta crise encontra o seu motivo principal na infidelidade de alguns dos seus ministros? Ou terá que ver com a identidade sacerdotal, assumida no quotidiano de cada presbítero e em comunhão no Presbitério, cujo Bispo é cabeça? Podemos levantar várias questões, mas não adoptar a questão da infidelidade de alguns dos ministros ordenados como sendo o único motivador de uma crise do “sacerdócio”. A questão é muito mais séria e complexa. No entanto, basta olharmos para o tema proposto pelo Sumo Pontífice para o Ano Sacerdotal: «Fidelidade de Cristo, fidelidade do sacerdote», para percebermos o critério fundamental a adoptar no seguimento de Cristo, o caminho que aponta para a identidade do presbítero, *alter Christus*. A figura de São João Maria Vianney, que apresentaremos mais à frente, é um exemplo sempre “novo” de uma vivência do ministério sacerdotal ancorado em Cristo, que continua sempre actual.

3. Balanço do Ano Sacerdotal

Não é nosso objectivo fazer um balanço exaustivo do Ano Sacerdotal, tarefa de difícil alcance e, ao mesmo tempo, audaciosa. Isto sobretudo porque os seus frutos “espirituais” e pastorais dificilmente se poderão “avaliar”, pelo menos em tão curto prazo. Por conseguinte, o Ano Sacerdotal procurou despertar nos presbíteros a grandeza e a beleza do sacerdócio; a certeza de que «o sacerdote não

⁸⁸ Para um melhor conhecimento do modo como o Papa Bento XVI tratou a questão da “crise do sacerdócio”, cf. Bento XVI, «Entrevista aos jornalistas durante o voo para os Estados Unidos», 15 de Abril de 2008.

é simplesmente o detentor de um ofício, como aqueles de que toda a sociedade tem necessidade para nela se realizarem certas funções».⁸⁹

O Sumo Pontífice demonstrou aos presbíteros, ao longo do Ano Sacerdotal que, «o sacerdócio não é simplesmente «ofício», mas sacramento: Deus serve-Se de um pobre homem a fim de, através dele, estar presente para os homens e agir em seu favor».⁹⁰ Cada homem que se entrega a Deus no sacerdócio deve ter a consciência de ser «um vaso de barro», todavia, nunca deverá pensar que tudo depende exclusivamente dele, das suas capacidades e forças; o próprio Deus confia no homem, apesar da sua fraqueza.⁹¹ Neste contexto, observa o Sumo Pontífice:

«Era de que esperar que este novo resplendor do sacerdócio não fosse visto com agrado pelo «inimigo»; este teria preferido vê-lo desaparecer, para que em definitivo Deus fosse posto fora do mundo. E assim aconteceu que, precisamente neste ano de alegria pelo sacramento do sacerdócio, vieram à luz os pecados dos sacerdotes – sobretudo o abuso contra crianças, no qual o sacerdócio enquanto serviço da solicitude de Deus em benefício do homem se transforma no contrário».⁹²

Apesar de tudo, podemos afirmar, que o Ano Sacerdotal foi um tempo de intensa reflexão e meditação, em que o Sumo Pontífice se encontrou com os sacerdotes de várias partes do mundo, escutou as suas preocupações, sofrimentos e alegrias e lhes comunicou a esperança que os deve animar: Cristo.⁹³

⁸⁹ Bento XVI, «*Homilia*», 11 de junho de 2010.

⁹⁰ Bento XVI, «*Homilia*», 11 de junho de 2010.

⁹¹ Cf. Bento XVI, «*Homilia*», 11 de junho de 2010.

⁹² Bento XVI, «*Homilia*», 11 de junho de 2010.

⁹³ Cf. Bento XVI, «*Diálogo com os sacerdotes*», 10 de Junho de 2010.

O Ano sacerdotal foi uma magnífica ocasião para aprofundar o valor da missão dos presbíteros na Igreja e no mundo.⁹⁴ Um tempo de aprofundamento, um pouco por toda a Igreja Latina, da identidade sacerdotal, da vocação e da missão dos sacerdotes, quer seja na Igreja, quer na sociedade. Nesta linha, foram realizados congressos de estudo, jornadas de reflexão sobre temas referentes ao sacerdócio, exercícios espirituais para presbíteros, seminaristas, conferências e semanas teológicas em diversas faculdades eclesiásticas, imensas pesquisas científicas e respectivas publicações, simpósios Teológicos, Cartas Pastorais, Publicações de Livros.⁹⁵ Inclui-se aqui as inúmeras iniciativas levadas a cabo nas múltiplas dioceses, paróquias e conferências episcopais. Ficam também por nomear as inúmeras iniciativas que tiveram lugar no seio das pequenas comunidades que não estão documentadas.

Tais iniciativas revelam igualmente a solicitude dos leigos para com os seus ministros ordenados, que os animam na fé. Por conseguinte, o futuro encarrega-se de patentear os frutos «espirituais» e pastorais do Ano Sacerdotal, também na medida em que for assumido não como um conjunto de propostas, coisas a fazer, senão como um impulso para a interioridade do ser presbítero. Trata-se de um mergulhar no coração de Cristo, único Sacerdote.

Modesto fruto do “Ano Sacerdotal” é, finalmente, este meu trabalho que espero venha a dar bons frutos em mim para bem da Igreja.

⁹⁴ Cf. Bento XVI, «*Angelus*», 2 de Agosto de 2009.

⁹⁵ Para uma constatação mais detalhada e actualizada das actividades realizadas no âmbito das paróquias e das dioceses, Cf. www.annussacerdotalis.org.

CAPÍTULO II

1. Fundamentos e modelos de uma espiritualidade sacerdotal, segundo o Papa Bento XVI e a Pastores Dabo Vobis

Partindo dos modelos bíblicos, patrísticos e de outros santos contemporâneos referidos pelo Papa Bento XVI por ocasião do Ano Sacerdotal, e da doutrina da PDV sobre a espiritualidade sacerdotal, vamos procurar apresentar a espiritualidade destas figuras que tanto contribuíram e contribuem para o crescimento da Igreja de Cristo, para um melhor desempenho da Missão dos presbíteros no mundo hodierno. Por outro lado, vamos questionar-nos sobre como fazer a actualização, no hoje da Igreja, daquele dinamismo interior que imprimiram na escuta e vivência da Palavra de Deus (quer como presbíteros, como bispos ou como fiéis leigos) para a santificação pessoal e sobretudo do Povo de Deus.

1.1. O Fundamento: Cristo

Jesus Cristo é o fundamento, o Modelo por excelência de sacerdote. Ele é a fonte de inspiração de todos os presbíteros de todos os tempos, especialmente daqueles que se deixaram e deixam-se conformar a Cristo, Bom Pastor. De facto, «a centralidade de Cristo traz consigo a justa valorização do sacerdócio ministerial, sem o qual não haveria Eucaristia, nem muito menos a missão e a

própria Igreja».⁹⁶ Por isso, «Cristo, que é o Caminho, a Verdade e a Vida (cf. Jo 14,6), [diz o Papa Bento XVI] seja o tema do nosso pensar, o argumento do nosso falar e o motivo do nosso viver».⁹⁷ Efectivamente, o próprio Cristo não atribuiu a si mesmo o título de sacerdote (cf. Hb 5,5). Neste sentido, destacamos alguns «modelos» de sacerdote, reconhecendo Jesus como único e eterno Sacerdote (cf. Hb 7,1-28). Jesus Cristo é Aquele que se entrega pela salvação da humanidade. Os presbíteros são os continuadores da obra de Cristo, são os «representantes» de Cristo, particularmente na celebração da Eucaristia e no perdão dos pecados. No contexto do Ano Sacerdotal, referindo-se a Carta aos Hebreus, diz o Papa Bento XVI:

«Cristo [...] entrou uma só vez no Santo dos Santos, não com o sangue dos carneiros ou dos bezerros, mas com o Seu próprio sangue, tendo obtido uma redenção eterna. Porque, se o sangue dos carneiros e dos touros e a cinza da novilha com que se aspergem os impuros os santifica, quanto à pureza da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito Santo Se ofereceu a Si mesmo sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência das obras mortas para servir o Deus vivo (cf. Hb 9, 11-14)».⁹⁸

Compreendemos, assim, que a entrega que cada presbítero faz de si mesmo no dia da ordenação, há-de ser uma entrega enraizada e dependente de Cristo. Trata-se de uma entrega que requer que Cristo seja o centro da vida dos presbíteros, o motivo por que existem, vivem e assumem os desafios pastorais do quotidiano. A entrega que Cristo fez de si mesmo a Deus foi total, uma entrega

⁹⁶ Bento XVI, «Discurso durante a Audiência concedida à Congregação Para o Clero», 16 de Março de 2009.

⁹⁷ Bento XVI, *Pensamentos Sobre o Sacerdócio*, p. 17.

⁹⁸ Bento XVI, «Angelus», 5 de Julho de 2009.

que deve ditar como há-de ser a entrega feita pelos presbíteros no dia da sua ordenação sacerdotal. Uma verdadeira configuração com Cristo.

1.2. Maria na Vida dos Presbíteros

Ao falarmos dos presbíteros, acabamos por nos questionarmos sobre a presença e acção de Maria na vida dos mesmos. Que nexos se pode constatar entre Maria e os presbíteros? Será que ela pode ser considerada um «modelo» a imitar pelos presbíteros? O «Fiat» de Maria há-de conduzir, sempre, a vida e missão dos presbíteros, para que o sim que eles dão diariamente a Cristo seja total. Com efeito, entre Maria e o sacerdócio existe um nexo profundamente arraigado no mistério da Encarnação. «Quando Deus decidiu fazer-se homem no seu Filho, tinha necessidade do «Sim» livre de uma sua criatura. [...] E aconteceu algo verdadeiramente extraordinário: Deus faz-se dependente da liberdade, do «sim» de uma sua criatura».⁹⁹ E esta criatura, Maria, é «modelo» de fé e de obediência para os presbíteros: «A sua fé obediente face à iniciativa de Deus plasma cada instante da sua vida. Virgem à escuta, vive em plena sintonia com a Palavra divina; conserva no seu coração os acontecimentos do seu Filho, compondo-os por assim dizer num único mosaico (cf. Lc 2,19.51)».¹⁰⁰ Mas Maria é também «modelo» de esperança, caridade, generosidade, humildade, misericórdia, pobreza, pureza, santidade, para todos os presbíteros.¹⁰¹ Estas atitudes de Maria são patentes quer no seu «Fiat», quer ao pé da Cruz e na sua presença junto dos

⁹⁹ Bento XVI, «*Audiência Geral*», 12 de Agosto de 2009.

¹⁰⁰ Bento XVI, *Verbum Domini, A Palavra de Deus*, nº 27, p. 49.

¹⁰¹ Sobre as virtudes de Maria, Cf. LG nº 65.

discípulos do seu Filho. Ela «foi dada como mãe do discípulo por Jesus Cristo moribundo na cruz» (cf. PO nº 8), por isso, é a ela que «os presbíteros devem amar e venerar com devoção e culto filial, como Mãe do sumo e eterno sacerdote, como rainha dos Apóstolos e auxílio do seu ministério» (cf. PO nº 18). Maria aparece, desse modo, como a mãe de todos os sacerdotes. Efectivamente, os sacerdotes são os que «mais se assemelham» ao seu Filho, Jesus Cristo; são os continuadores da Missão do seu Filho no mundo. Mas a acção de Maria não está separada do Mistério da Encarnação, que tem Cristo por centro. Assim, ensina-nos o Concílio Vaticano II:

«A Virgem Santíssima, predestinada para Mãe de Deus desde toda a eternidade, simultaneamente com a encarnação do Verbo, por disposição da divina Providência foi na terra a nobre Mãe do divino Redentor, a Sua mais generosa cooperadora e a escrava humilde do Senhor. Concebendo, gerando e alimentando a Cristo, apresentando-O ao Pai no templo, padecendo com Ele quando agonizava na cruz, cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É por esta razão nossa mãe na ordem da graça».¹⁰²

Agora, com maior razão, compreendemos que a maternidade da Virgem Maria em relação aos presbíteros, não se compreende se não se tiver em conta a maternidade divina. Maria é mãe dos sacerdotes porque antes é Mãe do Redentor. O Papa Bento XVI, por ocasião do Ano Sacerdotal, refere que «pela sua identificação e conformação sacramental com Jesus, Filho de Deus e Filho de Maria, cada sacerdote pode e deve sentir-se verdadeiramente filho predilecto desta Mãe excelsa e humilíssima».¹⁰³ E desta mãe, os presbíteros hão-de aprender a

¹⁰² LG nº 61.

¹⁰³ Bento XVI, «*Audiência Geral*», 12 de Agosto de 2009.

amar a Eucaristia, pois ela tem uma profunda ligação com a Eucaristia.¹⁰⁴ Em jeito de conclusão, diremos que, «fundamento imprescindível de toda a vida sacerdotal, permanece a Santa Mãe de Deus. A relação com ela não pode limitar-se a uma prática devocional piedosa mas deve ser alimentada pela entrega contínua, nos braços da sempre Virgem, de toda a nossa vida, do nosso ministério na sua totalidade».¹⁰⁵ Ela é quem melhor pode ajudar os presbíteros no dom total de si mesmos a Cristo e a quantos conhecem (ou ainda não conhecem) Cristo.

1.2 Os Modelos Bíblicos do Pastor

Esta ocasião apresenta-se-nos propícia para analisarmos os modelos bíblicos do Pastor. Em primeiro lugar vamos olhar para os profetas Isaías e Jeremias, ainda que o Sumo Pontífice não tenha feito alusão directa à figura do profeta Jeremias. De seguida, é mister captar o modo como alguns dos primeiros seguidores de Jesus assumiram e viveram o acontecimento Cristo. Será que ainda hoje é possível viver a fé em Jesus Cristo?¹⁰⁶ Como será possível actualizar, no hoje da Igreja, o «impulso vital» que estes modelos imprimiram, então, na pregação da Palavra de Deus, na prática da caridade e na vivência dos Sacramentos?

¹⁰⁴ Cf. João Paulo II, *Ecclesia De Eucharistia, A Igreja Vive Da Eucaristia*, nº 53-58, pp. 65-70.

¹⁰⁵ Congregação Para o Clero, *Carta Para o Clero por Ocasão do dia Mundial de Oração pela Santificação dos Sacerdotes*, 21 de Abril de 2008.

¹⁰⁶ Para enriquecer este aspecto, podemos consultar uma análise que continua actual de Karl Ranher, *Escritos de Teología*, pp. 11-31.

1.3 Os Profetas

O profeta Isaías é apresentado como «modelo» exactamente pela entrega total que ele faz de si mesmo à vontade de Deus, em favor do Povo. Esta entrega manifesta-se na humildade e na fé testemunhadas por Isaías, atitudes que o tornam «modelo» a seguir pelos presbíteros.¹⁰⁷ Ele decide entregar-se a Deus para que a vontade de Deus seja feita. Assim, aterrorizado diz: «Ai de mim, estou perdido, porque sou um homem de lábios impuros, que habita no meio de um povo de lábios impuros, e vi com os meus olhos o Rei, Senhor do universo!» (Is 6,5). Isaías toma consciência do seu pecado, da sua situação perante o Senhor, todavia, não fica alheio àquilo que é a vontade do Senhor. O profeta manifesta, pois, a sua generosidade para com o Senhor e o povo. Eis uma faceta imitável nos nossos tempos sobretudo pelos Presbíteros: a generosidade. Trata-se de um aspecto que importa cultivar-se já no tempo de Seminário. Com efeito, o Senhor serviu-se do profeta Isaías para comunicar com o povo.

Assim, diz o profeta: «Um dos serafins voou na minha direcção; trazia na mão uma brasa viva, que tinha tomado do altar com uma tenaz. Tocou na minha boca e disse: «Repara bem, isto tocou os teus lábios, foi afastada a tua culpa, e apagado o teu pecado!» (Is 6,6-7). O Senhor aceitou o profeta com a sua realidade, perdoou-lhe os pecados e, uma vez purificado de sua miséria, envia-o como seu mensageiro. Mas é o próprio profeta Isaías que, ante a pergunta do Senhor, a saber: «Quem enviarei? Quem será o nosso mensageiro?» (Is 6,8),

¹⁰⁷ Cf. Bento XVI, «*Angelus*», 7 de Fevereiro de 2010.

responde: «Eis-me aqui, envia-me» (Is 6,8). A partir daquele momento o profeta é enviado em nome do Senhor, com os «sentimentos» do Senhor ao povo. Isaías é modelo de generosidade encarnada, de total disponibilidade pela causa do Reino. Ainda hoje, o envio de mensageiros continua a ser uma realidade, com contornos actuais. O Senhor continua a chamar e a enviar presbíteros para serem profetas no meio do seu Povo, para proteger, ensinar, cuidar, amar o seu Povo «real». Todavia, do profeta Isaías, os presbíteros podem haurir o exemplo de generosidade, de grandeza de alma, de disponibilidade a toda a prova. A caridade pastoral consiste no dom que o profeta Isaías faz de si mesmo, e que será assumido com propriedade por Jesus Cristo no NT. Nisto consiste igualmente a espiritualidade do presbítero; no dom total de si mesmo, não reservando nada para si mesmo, dando-se na sua integridade a Cristo Bom Pastor. Com efeito, esta atitude há-se ser renovada cada momento, em todas as tarefas que o presbítero esteja implicado, como sinal de despojamento, de «Cristificação».

Isaías demonstra, todavia, que o facto de se ser pecador, em vez de nos afastar de Deus, aumenta a possibilidade de Ele nos «trabalhar». Isto pode fortalecer o amor do Presbítero pela Palavra de Deus, uma «paixão» madura pelas coisas de Deus, uma regular aproximação do sacramento da reconciliação, impulsionador da santidade do presbítero, e dos fiéis leigos. Possam os presbíteros viver, anunciar e permanecer na Palavra de Deus, tendo o profeta Isaías como modelo sempre actual. Tal como o profeta Isaías, possam (os presbíteros) dizer «Eis-me aqui, envia-me» (Is 6,8).

1.4 O Profeta Jeremias¹⁰⁸

A figura do profeta Jeremias está rodeada de imensos aspectos essenciais para a compreensão da pessoa de Cristo, como Bom Pastor. Ao contemplar a figura de Jeremias, os ministros ordenados podem haurir o modo como ele enfrenta a sua missão de profeta; as diversas provações a que a sua fé foi submetida; a tentação de se esquivar ao projecto que Deus lhe propunha; a sua sensibilidade perante a situação do povo; a confiança depositada no Senhor; o seu amor à Palavra de Deus; entre outros aspectos.

A figura do profeta Jeremias espelha as qualidades de um Pastor bom. Jeremias foi «conhecido», ou seja, foi escolhido e predestinado pelo Senhor; a iniciativa partiu do Senhor.¹⁰⁹ Foi «consagrado»¹¹⁰ e constituído profeta pelo Senhor (Jr 1,4-5). Também nos tempos actuais, a resistência ao chamamento à imitação do Bom Pastor é um facto. «Jeremias não pode pensar na sua existência, sem pensar que, antes dela, há o chamamento divino. Ele faz a experiência de uma absoluta primazia do amor divino que se inclina sobre nós».¹¹¹ O profeta diz ao Senhor que ele não sabe falar, pois, ainda é um jovem (cf. Jr 1,6). Perante a objecção de Jeremias, o Senhor apresenta-se-lhe como o autor da Missão que lhe quer confiar; é o Senhor que dirá aonde Jeremias deve ir e o que ele deverá falar. O Senhor garante a Jeremias a sua presença constante (cf. Jr 1, 7-8). Tendo aceite

¹⁰⁸ Apesar de o Sumo Pontífice não referir o profeta Jeremias directamente como «modelo» de pastor nas suas intervenções, o profeta Jeremias é-nos apresentado como «modelo» de total doação a Deus.

¹⁰⁹ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, pp. 183-186.

¹¹⁰ Clément Dillenschneider, *Teología y Espiritualidad Del Sacerdote*, p. 282.

¹¹¹ Carlo Maria Martini, *Bíblia e vocação, da vocação baptismal à vocação presbiteral*, p.89.

a proposta do Senhor, Jeremias é consagrado e inicia uma etapa complexa. Agora o profeta sabe que é enviado pelo Senhor e, por isso, ele deve imitar o Senhor, Bom Pastor. O ministério profético de Jeremias não foi fácil. Com efeito, olhemos para a postura de Jeremias perante estas dificuldades e obstáculos, o modo como ele imita o Bom Pastor; em que medida tais atitudes podem resultar iluminadoras para os ministros ordenados dos nossos tempos?

Jeremias é «modelo» de uma confiança inquebrantável no Senhor (Jr 20,11). Trata-se de uma confiança permanente em todos os momentos do seu ministério profético, inclusive nas adversidades e provações, nas dores e angústias (cf Jr 11,18-19; 12,6). Ao ser alvo de uma conspiração, Jeremias não se deixou abalar e permaneceu firme na fé em Deus (cf Jr 18,18). O profeta Jeremias ama a Palavra de Deus; ele devorava as Palavras de Deus, que são alegria e contentamento para ele (cf. Jr 15,16). Perante estes cenários vividos por Jeremias, ele diz : «seduziste-me, Senhor, e eu me deixei seduzir! Tu me dominaste e vencestes». Possam os ministros ordenados, especialmente os Presbíteros, dizer e viver o mesmo que Jeremias. O ministério que os presbíteros desempenham nos nossos dias reclama esta vitalidade encarnada pelo profeta Jeremias. Jeremias não guarda nada para si, dá-se até nada mais possuir. Por isso, Jeremias, foi e continua a ser um «Modelo» de apaixonado por Deus, um verdadeiro imitador do Bom Pastor.

1.5 São Paulo

Apraz-nos iniciar a reflexão sobre a figura de São Paulo¹¹² com as palavras do Papa Bento XVI, a saber: «Assim como Jesus chamou os Doze para estarem com Ele (cf. Mc 3, 14) e só depois é que os enviou a pregar, assim também nos nossos dias os sacerdotes [presbíteros] são chamados a assimilar aquele “novo estilo de vida” que foi inaugurado pelo Senhor Jesus e assumido pelos Apóstolos».¹¹³ O próprio Apóstolo se apresenta como «modelo» a ser imitado pelos presbíteros, no amor a Cristo, no zelo pelo anúncio do Evangelho, na dedicação às comunidades, na elaboração de sínteses eficazes de teologia pastoral.¹¹⁴

Os presbíteros, para realizarem este “novo estilo de vida” referido pelo Sumo Pontífice, têm uma fonte firme que lhes pode servir de «modelo»: referimo-nos, nesta circunstância, aos modelos bíblicos. Começamos por ver a figura de São Paulo.¹¹⁵ Ele, que passou de perseguidor a perseguido por causa de Cristo. Ele sabia-se inferior ao Mestre, por isso, depois de sofrer as tribulações «próprias» do munus de pastor do rebanho de Cristo (cf. 2Cor 11,16-28), não se achou digno de glória, pois, tudo foi em nome de Cristo e por Cristo. Trata-se, também hoje, de uma atitude aplicável aos presbíteros. Não se trata de anunciar uma mensagem diferente, mas sim, a mesma Mensagem com um ardor renovado, respondendo aos

¹¹²Cf. Bento XVI, «*Angelus*», 28 de Junho de 2009.

¹¹³ Bento XVI, «*Litterae Apostolicae*», AAS 101 (2009) 576.

¹¹⁴ Cf. Bento XVI, «*Angelus*», 28 de Junho de 2009.

¹¹⁵Cf. Bento XVI, «*Angelus*», 7 de Fevereiro de 2010.

desafios dos tempos actuais, realizando-se no exercício do próprio ministério.¹¹⁶ E faz com que, todos os fiéis leigos, e particularmente os presbíteros, vivam totalmente para Cristo bom Pastor.¹¹⁷ Esta entrega total a Cristo implica a fidelidade ao Evangelho, porquanto, por meio da escuta do Evangelho brota a fé. Referindo-se ao Ano Paulino, que precedeu o Ano Sacerdotal, Bento XVI diz:

«O Ano Paulino que está a chegar ao fim encaminha o nosso pensamento também para o Apóstolo das nações, em quem refulge aos nossos olhos um modelo esplêndido de sacerdote, totalmente “doado” ao seu ministério. “O amor de Cristo nos impele – escrevia ele - ao pensarmos que um só morreu por todos e que todos, portanto, morreram” (2 Cor 5,14). E acrescenta: Ele ‘morreu por todos, para que os vivos deixem de viver para si próprios, mas vivam para Aquele que morreu e ressuscitou por eles’ (2 Cor 5, 15). Que programa melhor do que este poderia ser proposto a uma sacerdote [presbítero] empenhado a avançar pela estrada da perfeição?»¹¹⁸

Este texto aponta um aspecto fundamental que, será abordado mais pormenorizadamente no terceiro capítulo do nosso trabalho, a saber: a caridade pastoral. Na existência de São Paulo, está patenteada a imitação da caridade pastoral de Cristo, que «é aquela virtude pela qual nós imitamos Cristo na entrega de Si mesmo e no Seu serviço».¹¹⁹ Esta atitude de Cristo, assumida existencialmente por São Paulo, é apresentada hoje aos presbíteros de todo o mundo, particularmente nestes tempos difíceis, em que «caminhos» como o relativismo ético¹²⁰, o consumismo desenfreado, entre outras atitudes nefastas, ameaçam a propagação e vivência da Fé em Cristo. São Paulo não se deteve

¹¹⁶ Cf. Enzo Bianchi, *Aos Presbíteros*, pp. 13-16.

¹¹⁷ Sobre este ponto, consultar a obra de Luís Rubio Morán, *Nuevas Vocaciones Para un Mundo Nuevo, laicos, religiosos y presbíteros para una nueva evangelización*, p. 243ss.

¹¹⁸ Bento XVI, «*Litterae Apostolicae*», AAS 101 (2009) 578.

¹¹⁹ PDV, nº 23.

¹²⁰ Cf. Bento XVI, «*Audiência Geral*», 4 de Novembro de 2009.

indiferente a olhar para as incompreensões, perseguições, etc, ele, fortalecido pela caridade de Cristo, que implica o dom total da pessoa, partiu em missão, ao encontro de gente sedenta de Cristo consciente ou inconscientemente. Mas a solicitude de Paulo pelo rebanho que lhe havia sido confiado por Cristo, manifesta-se também, na resolução dos conflitos que surgiam no seio das diferentes comunidades. Paulo corrigia-os com solicitude e com «doçura», consciente de que só lhe competia amar, apontar Cristo como centro da vida de cada comunidade. Paulo estava consciente da necessidade de zelar por que as comunidades não se desviassem do verdadeiro Cristo.¹²¹ Além disso, Paulo procura despertar as comunidades para a caridade para com os mais pobres, para a unidade e boa relação entre os membros das comunidades, enfim, o Apóstolo procura a reconciliação entre os membros das comunidades.¹²² O Apóstolo das nações entregou-se totalmente ao exercício do seu ministério, ele identifica-se com o ministério, «gastando-se» para que Cristo crescesse e ele diminuísse, sempre numa dinâmica de entrega total: eis a espiritualidade do presbítero.

1.6 São Pedro

O Papa Bento XVI apresentou-nos também a figura de São Pedro como «modelo» de pastor a seguir pelos Presbíteros.¹²³ No episódio da pesca milagrosa, Simão Pedro, reconhecendo-se pecador, pede a Jesus que se afaste dele. Jesus,

¹²¹ Cf. Jerome Murphy-O'Connor, *Paulo, Um homem inquieto, um apóstolo insuperável*, pp. 203-206; Jürgen Becker, *Pablo, El Apóstol de los Paganos*, pp. 450-458.

¹²² Cf. Étienne Trocmé, *São Paulo*, pp. 111-123.

¹²³ Cf. Bento XVI, «*Angelus*», 7 de Fevereiro de 2010.

porém, diz-lhe: «Não tenhas receio; de futuro, serás pescador de homens» (Lc 5,10). O evangelista Lucas diz-nos que Pedro deixou tudo e seguiu Jesus.¹²⁴ Desde que Simão Pedro foi conduzido até Jesus pelo seu irmão André¹²⁵, ele nunca mais deixou de «regressar» a Jesus. Era sempre necessário fazer a actualização dos «sentimentos» do Mestre, regressar à Fonte. Observemos algumas circunstâncias em que Simão Pedro «regressa» a Jesus. O Evangelho segundo São João diz-nos que o outro discípulo, que era conhecido do Sumo Sacerdote, conseguiu que Pedro entrasse no Palácio.¹²⁶ Depois de ter negado Jesus três vezes ouviu o galo cantar e lembrou-se de Jesus lhe haver dito que não cantaria o galo sem que ele O tivesse negado três vezes.¹²⁷ Mas Pedro volta a Jesus. Mais uma vez, Pedro encontra quem o ajuda a voltar a Jesus:

«Pedro, com medo, não é capaz de «testemunhar» e «nega» o seu discipulado (18,25.27). Por isso, o DA continua a ser para Pedro, a referência a «seguir», na descoberta do sepulcro vazio [...] e da presença do Ressuscitado (21,7), o que lhe possibilita o reencontro com o Senhor, que o reabilita no amor (21,15-18), e lhe permite, novamente, o seguimento (21,19.22: [...]).»¹²⁸

Desta forma, compreendemos que Pedro seja um exemplo vivo e perene de humildade, de fé e de «bondade» para todos os presbíteros. (cf. Lc 5,1-11). Sobretudo nestes tempos difíceis em que vivemos, urge, não obstante as debilidades que infelizmente são uma realidade nalguns Presbíteros, ter o olhar

¹²⁴ Cf. Lc 5,1-11.

¹²⁵ Cf. Jo 1, 40-41.

¹²⁶ Cf. Jo 18,15-16.

¹²⁷ Cf. Jo 13,38.

¹²⁸ Mário José Rodrigues de Sousa, *Para Que Também Vós Acrediteis, Estudo exegético-teológico de Jo 19,31-37*, p. 323.

fixo em Cristo, Bom Pastor. Na figura de Pedro, os presbíteros encontram aquele estilo «apaixonante» de seguir Jesus, aquela determinação para voltar a Jesus. Isto apela, em boa hora, para a redescoberta do Sacramento da Reconciliação por parte dos presbíteros, e para a vivência, tendo em conta as circunstâncias peculiares, dos conselhos evangélicos. Ao olhar para a figura de Pedro, diz o Papa Bento XVI:

«Durante todo o tempo do seu discipulado e parece-me que até à sua própria crucifixão, São Pedro teve de ouvir sempre de novo Jesus, para entrar mais profundamente no mistério do seu sacerdócio, do sacerdócio de Cristo comunicado aos apóstolos sucessores. Neste sentido, a figura de Pedro parece-me a figura de todos nós nestes dias.»¹²⁹

De facto, podemos afirmar que a nossa vida é um constante voltar a Jesus para reaprendermos a «amar» como Ele. É esta a grande vocação dos presbíteros: amar à maneira de Jesus, como Jesus que entregou tudo inclusive a própria Mãe. Com efeito, tal atitude requer a «humildade», pois, o voltar sempre a Cristo é, ao mesmo tempo, reconhecer que Ele é o sentido da vida dos presbíteros, a Fonte propulsora e meta do Ministério dos presbíteros. Partimos de Cristo e a Ele regressamos. Deste modo, pode alimentar-se uma espiritualidade presbiteral, centrada em Cristo.

2. Alguns «Modelos» Patrísticos de Sacerdote

Após termos percorrido, em breves traços o zelo pela Palavra de Deus manifestado pelo profeta Isaías e pelo profeta Jeremias no AT, seguido da

¹²⁹ Bento XVI, *Pensamentos sobre o sacerdócio*, pp. 60-61.

reflexão à volta da actividade apostólica de São Paulo e de São Pedro, propomos apresentar uma figura da Patrística sugerida pelo Sumo Pontífice como «modelo» de sacerdote, a saber: São Gregório de Nazianzo, bem como outras figuras também da Patrística, não referenciadas expressamente pelo Sumo Pontífice nas suas catequese sobre o Ano Sacerdotal, a saber: Santo Agostinho e São João Crisóstomo. Destas figuras acima referidas, limitar-nos-emos a apresentar breves traços da sua vida, pensamento e acção. Num segundo momento, apresentaremos, igualmente, três «modelos» contemporâneos de sacerdote, sugeridos pelo Papa Bento XVI.

2.1 São Gregório de Nazianzo

Ao apresentarmos a figura de São Gregório de Nazianzo, ansiamos referir os motivos pelos quais ele pode ser considerado «modelo» de pastor. São Gregório, distingue-se pelo zelo que imprimiu na sua acção pastoral, o desejo de imitar a misericórdia de Cristo Bom Pastor para com a grei. Ele próprio prestava atenção àquilo que o seu amigo Basílio encarnava na sua vida, fazia o mesmo e encorajava os outros a fazerem o mesmo.¹³⁰ São Gregório apresenta-nos uma vida marcada pela obediência.

«Como escreve na sua autobiografia, recebeu a ordenação presbiteral com uma certa resistência, porque sabia que depois teria que ser Pastor, ocupar-se dos outros, das suas coisas, e portanto já não podia recolher-se só na meditação. Contudo aceitou depois esta vocação e assumiu o ministério

¹³⁰ Cf. Bento XVI, «Audiência Geral», 8 de Agosto de 2007; Bento XVI, *Os Padres da Igreja, De Clemente Romano a Santo Agostinho*, pp. 103-113.

pastoral em total obediência, aceitando, com frequência lhe aconteceu na sua vida, ser guiado pela Providência aonde não queria ir (cf. Jo 21, 18)».¹³¹

São Gregório afigura-se, deste modo, para os presbíteros de hoje, como «modelo» de obediência, de verdadeira caridade pastoral, de entrega total à vontade de Cristo, o Modelo de Bom Pastor. Neste sentido, o «não querer» de São Gregório de Nazianzo abre-se e deixa-se transformar pela vontade da Providência. São Gregório é igualmente «modelo» de santidade, porquanto, «a sua santidade é exigida pela função pastoral, que reclama caridade e obediência».¹³² Mais, «o sacerdote, ao iluminar acerca de Deus, santifica o povo. O Bom Pastor é o seu modelo para “reger os homens” como “arte das artes”».¹³³ Por outro lado, ao olharmos para o modo como São Gregório de Nazianzo soube viver num mundo cheio de conflitos¹³⁴, traçando um caminho exemplar de um cristão sofredor, um homem de uma interioridade extraordinária¹³⁵, não será exagerado dizer: Eis um «modelo» de pastor incansável, dedicado e digno de ser imitado pelos presbíteros deste tempo. No contexto do Ano Sacerdotal, diz o Sumo Pontífice a respeito de São Gregório de Nazianzo:

«Sigam o exemplo de Pastores sábios e zelosos, como fez São Gregório de Nazianzo, que assim escrevia ao amigo fraterno e Bispo São Basílio:

¹³¹ Gregório de Nazianzo, *Carmina [histórica] 2,1, 11, De vita sua* 340-349, PG 37, 1053, In Bento XVI, «Audiência geral», 8 de Agosto de 2007.

¹³² Saturnino López Santidrián, «*San Gregorio Nacianceno*», In Profesores de la Facultad de Teología de Burgos (dirs), *Diccionario del Sacerdocio*, Madrid, BAC, 2005, 300.

¹³³ Saturnino López Santidrián, «*San Gregorio Nacianceno*», 300.

¹³⁴ Neste caso concreto, referimo-nos ao conflito desencadeado pelo facto de, no Segundo Concílio Ecuménico, em 381, Gregório ter sido eleito Bispo de Constantinopla e assumido a presidência do Concílio. Cf. Bento XVI, «Audiência Geral», 8 Agosto 2007.

¹³⁵ Cf. Bento XVI, «Audiência geral», 8 de Agosto de 2007.

Ensina-nos o teu amor pelas ovelhas, a tua solicitude e a tua capacidade de compreensão, a tua vigilância... a severidade na doçura, a serenidade e a mansidão na actividade... as lutas em defesa da grei, as vitórias... alcançadas em Cristo».¹³⁶

Que outra realidade se pode vislumbrar neste texto de São Gregório de Nazianzo senão a caridade pastoral? A verdadeira solicitude pelas «almas», alicerçada na entrega total a Cristo, Pastor do Rebanho. Além do mais, a essência do conteúdo do texto acima referido aponta para a santificação presbiteral por meio do exercício do ministério. Neste contexto, o pedido que São Gregório de Nazianzo faz a São Basílio torna-se actual para os presbíteros de hoje.

2.2 Santo Agostinho

Muito brevemente vamos olhar para Santo Agostinho e apontar alguns aspectos da sua vida que podem contribuir para auxiliar os presbíteros no exercício do ministério hoje. O santo de Hipona, na sua busca incansável de Deus, afigura-se como modelo para os presbíteros de hoje. Santo Agostinho afirmou:

«Aterrorizado com os meus pecados e com o peso da minha miséria, tinha considerado e meditado no meu coração fugir para a solidão, mas tu proibiste-me e encorajaste-me, dizendo: “Cristo morreu por todos, a fim de que os que vivem já não vivam para si, mas para aquele que morreu por eles”. Eis, Senhor, que eu lanço em ti a minha inquietação, a fim de que viva, e considerarei as maravilhas da tua Lei. Tu conheces a minha incapacidade e a minha fragilidade: ensina-me e cura-me. O teu Unigénito, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência, redimiu-me com o seu sangue. Não me caluniem os soberbos, porque penso no preço da minha redenção, e como, e bebo, e distribuo, e, pobre, desejo saciar-me dele entre aqueles que dele se alimentam e saciam: e louvam o Senhor aqueles que o procuram».¹³⁷

¹³⁶ Bento XVI, «*Regina Caeli*», 25 de Abril de 2010 ; Gregório de Nazianzo, *Discours*, IX, 5.

¹³⁷ Agostinho, *Confissões*, X, 70.

De facto, os presbíteros só poderão cultivar uma espiritualidade profunda e coerente na medida em que forem capazes de imitar a entrega feita por Jesus Cristo ao Pai. A fidelidade dos presbíteros está intimamente ligada e é alimentada pela fidelidade de Cristo ao Pai. Mediante a fidelidade no exercício do ministério, e no dom gratuito, generoso e consciente de si mesmos, os presbíteros descobrem a espiritualidade presbiteral autêntica. É este o exemplo que Santo Agostinho nos transmite.¹³⁸ Ele pondera sobre qual será a vontade de Deus a seu respeito e, uma vez «iluminado» não perde tempo, entrega-se a Cristo. Com efeito, esta entrega é feita cada dia, num constante regresso a Cristo, tal como o apóstolo Pedro e o próprio Santo Agostinho. Esta entrega a Cristo, manifesta a plena liberdade de quem a realiza. É uma entrega que visa, não a perda da vida, mas a sua plena realização e compromisso com a própria existência total do presbítero. O santo de Hipona mostra-nos que é sempre tempo de voltar a Cristo, de partir de Cristo, de nos tornarmos «menos» para que Ele nos torne mais n'Ele e com Ele:

«Santo Agostinho [...] inicialmente, depois da conversão, pensava que tinha chegado ao vértice e que vivia no paraíso da novidade do ser cristão. Depois descobriu que o caminho difícil da vida continuava, embora já dentro da luz de Deus, e que era necessário dar todos os dias de novo este salto para fora de si mesmo; dar este eu para que morra e se renove no grande Eu de Cristo que é, de certo modo muito verdadeiro, o eu comum de todos nós, o nosso nós».¹³⁹

¹³⁸ Para um maior aprofundamento da doutrina, vida e escritos de Santo Agostinho, Cf. Bento XVI, *Os Padres da Igreja, De Clemente Romano a Santo Agostinho*, pp. 209-243.

¹³⁹ Bento XVI, *Pensamentos sobre o Sacerdócio*, p.62.

2.3 São João Crisóstomo

Ao destacarmos a figura de São João Crisóstomo, não pretendemos apresentar de forma detalhada a sua reflexão teológica, mas sim, os traços da sua vida que o identificam como «modelo» de pastor, de santidade sacerdotal e de uma vivência totalmente entregue àqueles que lhe foram confiados por Cristo. Por isso, ele apresenta-se como «modelo» para os presbíteros hodiernos. Com efeito, no tratado «De Sacerdotio»¹⁴⁰, São João Crisóstomo apresenta-nos «uma visão muito completa sobre os aspectos do ministério e da santidade sacerdotal».¹⁴¹ João Crisóstomo entende que a santidade do sacerdote é de extrema importância. Será que esta referência à santidade sacerdotal, feita por João Crisóstomo, não tem em vista a caridade pastoral, a tarefa de «gastar-se» para ganhar os que lhe foram confiados? De qualquer forma, constatamos no livro VI, 1, que «os presbíteros são responsáveis também pelos pecados cometidos pelos outros».¹⁴² Não estará, João Crisóstomo, na sua reflexão, afirmando que o sacerdote é responsável por aqueles que possam vir a perder-se? Porquanto, se o sacerdote não cuidar dos que lhe forem confiados, passará não só pela vergonha, mas também pelo castigo eterno.¹⁴³ Estas «severas» advertências de João Crisóstomo continuam actuais para os sacerdotes e, no contexto do Ano Sacerdotal, especialmente para os presbíteros.

¹⁴⁰ «Segundo um termo empregado no século XIX, esta obra, juntamente com *A Fuga* de Gregório Nazianzo e a *Regra Pastoral* de Gregório Magno, formam a “trilogia pastoral” da antiguidade cristã». Cf. L. Viscanti, «Introdução», In Gregório de Nazianzo, *Fuga y autobiografia*.

¹⁴¹ Saturnino López Santidrián, «São João Crisóstomo», In Profesores de la Facultad de Teología de Burgos (dirs), *Diccionario del Sacerdocio*, Madrid, BAC, 2005, 300.

¹⁴² João Crisóstomo, *Sur le Sacerdoce*, VI, 1.

¹⁴³ Cf. João Crisóstomo, *Sur le Sacerdoce*, VI, 1.

É neste contexto que diz João Crisóstomo: «exige-se maior pureza ao sacerdote do que ao monge».¹⁴⁴ O cuidado daqueles que lhe são confiados (ao sacerdote) exige, antes de mais nada, que o sacerdote leve uma vida «santa», numa atitude de constante vigilância (consigo e com os outros) para que nenhum se perca por sua culpa.¹⁴⁵ Com efeito, a actividade do sacerdote exige uma «maior pureza» em relação ao monge.¹⁴⁶ As debilidades do sacerdote, devido à função pastoral que desempenha, facilmente serão conhecidas por todos. «Até as mais pequenas rapidamente se manifestam».¹⁴⁷

Por isso, «a alma do sacerdote há-de ser mais pura do que os raios do sol para que o Espírito Santo nunca o deixe só, para que possa dizer: já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim (cf. Ez 33,6)».¹⁴⁸ Cristo passa a ser a razão de ser do sacerdote, como que o próprio ar que o sacerdote respira. O sacerdote há-de cumprir assim a sua missão, certo de que «aqueles que curam os corpos dos homens têm à disposição vários remédios. [...] Em nosso caso, além do exemplo, não temos outro instrumento ou método de cura além do ensinamento que damos pelo uso da palavra».¹⁴⁹ O sacerdote manifesta, desse modo, a sua total dedicação ao ministério. Trata-se de uma vida que exige muita coragem e dedicação. O Pastor (do rebanho) não pode ter em mente os seus interesses pessoais; o seu coração deve ter sempre em primeiro lugar o bem do

¹⁴⁴ João Crisóstomo, *Sur Le Sacerdoce*, VI, 2.

¹⁴⁵ Cf. João Crisóstomo, *Sur le Sacerdoce*, p. 308, nota 1.

¹⁴⁶ São João Crisóstomo foi monge, portanto, ninguém melhor do que ele para expor as adversidades, as vicissitudes por que passa o sacerdote enquanto pastor; por outro lado, conhecer muito bem a vida do monge, como ele se acha «protegido» de inúmeras contrariedades próprias de quem desempenha a «função» de pastor.

¹⁴⁷ João Crisóstomo, *Sur le Sacerdoce*, III, 10.

¹⁴⁸ João Crisóstomo, *Sur Le Sacerdoce*, VI, 2.

¹⁴⁹ João Crisóstomo, *Sur Le Sacerdoce*, IV, 3.

rebanho a ele confiado.¹⁵⁰ Quando o ministro ama o rebanho a ele confiado, não mede esforços para que não falte o essencial ao rebanho. Tudo o que faz o ministro, fá-lo porque ama o rebanho. Com efeito, observa, João Crisóstomo, «o mestre perguntou ao discípulo se o amava não para que pudesse ele mesmo sabê-lo: porque precisaria fazer isso, ele, que perscruta e conhece o coração de todos? Nem tampouco “pretendia demonstrar-nos o quanto Pedro o amava: isso muitos entre nós já o sabiam. O que queria demonstrar era o quanto ele [o Senhor] amava a sua Igreja, e ensinar a Pedro e a todos nós quanto cuidado deveríamos dedicar a essa obra».¹⁵¹ Nisto compreendemos a diferença entre o “mercenário” e o “pastor”: «o bom pastor dá sua vida pelas suas ovelhas» (cf. Jo 10,11). João Crisóstomo é, por isso, um homem preocupado com a identidade e a missão do sacerdote. Procura destacar a unidade que existe entre o presbítero e Cristo. Que este caminho percorrido por João Crisóstomo possa servir de «modelo» e de «encorajamento» para os presbíteros deste tempo.

3. Modelos de Sacerdote mais recentes

Para além da figura de São João Maria¹⁵² Vianney¹⁵³, que é como que o «modelo» principal referenciado pelo Sumo Pontífice ao longo do Ano Sacerdotal, pela sua identificação com o próprio ministério, pela dedicação à cura pastoral: particularmente na administração dos Sacramentos da Confissão e da

¹⁵⁰ Cf. João Crisóstomo, *Sur Le Sacerdoce*, II, 4.

¹⁵¹ João Crisóstomo, *Sur Le Sacerdoce*, II, 1.

¹⁵² No dia do baptismo de João Maria Vianney, «o padrinho, sem mais delongas, contentou-se em dar ao afilhado o seu próprio nome». Cf. Francis Trochu, *O Cura D'Ars*, p.18.

¹⁵³ Sobre o nome *Vianney*, Cf. Francis Trochu, *O Cura D'Ars*, p.15, nota 1.

Eucaristia, pela sua santidade de vida, sua dedicação à oração, entre outros aspectos, apresentamos mais duas figuras, a saber: São João Eudes e São João Leonardo. Destes «modelos» de sacerdotes, pretendemos destacar alguns aspectos da sua vida, pensamento e acção, que possam ser imitados pelos presbíteros actuais no exercício do seu ministério.

3.1 São João Maria Vianney «Modelo» de Sacerdote

Ao proclamar o Ano Sacerdotal, o Papa Bento XVI aproveita a figura de São João Maria Vianney para oferecer aos presbíteros um modelo credível, “prático” de entrega a Cristo e aos fiéis; um homem que se configurou a Cristo na vivência dos conselhos evangélicos, no desempenho do seu ministério, mediante o dom total de si mesmo. Com efeito, não se poderia conceber outra data para iniciar o Ano Sacerdotal: Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, fonte da qual brotam os presbíteros. «O sacerdócio é o amor do Coração de Jesus»,¹⁵⁴ dizia o Cura d’ Ars. O Sumo Pontífice aproveita esta ocasião para recordar os imensos «presbíteros que propõem, humilde e quotidianamente, aos fiéis cristãos e ao mundo inteiro as palavras e os gestos de Cristo, procurando aderir a Ele com os pensamentos, a vontade, os sentimentos e o estilo de toda a sua existência».¹⁵⁵ Existem presbíteros que, todos os dias, procuram configurar a sua existência, o seu modo de actuar no mundo àquele modo próprio de Cristo. Estes homens assumem as agruras do quotidiano como sendo pedras do caminho que conduz à

¹⁵⁴ Bernard Nodet, *João Maria Vianney, Cura de Ars, O seu pensamento, o seu coração*, p. 116.

¹⁵⁵ Bento XVI, «*Litterae Apostolicae*», AAS 101 (2009) 569.

felicidade plena: Cristo. Sabem que são pastores e não mercenários; estão para servir e não para serem servidos; estão para cuidar e não para dominar, tal como fez Cristo. «O Cura d’Ars continua a ser, para todas as nações, um modelo ímpar, simultaneamente da realização do ministério e da santidade do ministro».¹⁵⁶ Da espiritualidade de São João Maria Vianney, vamos haurir alguns aspectos que podem ser úteis para a vivência do ministério dos presbíteros actuais, numa atitude de «renovação interior», e de fidelidade a Cristo. Para o Cura d’Ars, os presbíteros são um dom que Cristo concede à sua Igreja, à própria humanidade¹⁵⁷. Hoje, mais do que nunca, os presbíteros são necessários para proporem e reproporem Cristo ao mundo, aos homens e mulheres sedentos de sentido para as suas vidas. Esta é uma das características assumidas na missão de São João Maria Vianney. Todavia, «a primeira coisa que devemos aprender [de São João Maria Vianney] é a sua total identificação com o próprio ministério».¹⁵⁸ Nisto, sem margem para dúvidas, consiste a espiritualidade presbiteral.¹⁵⁹ Compreendemos que a espiritualidade presbiteral envolve toda a vida do presbítero, enquanto *Alter Christus* e deve ser uma permanente identificação com Cristo, Pastor e Servo. O Papa Bento XVI refere um aspecto importante, a saber: «Não se pode deixar de ter em conta a extraordinária frutificação gerada do encontro entre a santidade objectiva do ministério e a subjectiva do ministro».¹⁶⁰ O Cura d’Ars é um exemplo vivo desta conjugação: a sua pessoa não se achava separada do

¹⁵⁶ Françoise Bouchard, *O Santo Cura D’Ars. Visceralmente Sacerdote*, p. 325.

¹⁵⁷ Cf. Bento XVI, «*Litterae Apostolicae*», AAS 101 (2009) 569.

¹⁵⁸ Bento XVI, «*Litterae Apostolicae*», AAS 101 (2009) 571.

¹⁵⁹ Cf. Enzo Bianchi, *Aos Presbíteros*, pp. 13-16.

¹⁶⁰ Bento XVI, «*Litterae Apostolicae*», AAS 101 (2009) 572.

ministério que lhe havia sido confiado. Isto manifesta-se na caridade pastoral por ele vivida, que desemboca no dom total de si mesmo a Cristo e ao rebanho que lhe fora confiado.

«Estava convencido de que todo o fervor da vida de um Padre dependia da Missa: A causa do relaxamento do sacerdote [presbítero] é porque não presta atenção à Missa! Meu Deus, como é de lamentar um padre que celebra [a Missa] como se fizesse uma coisa ordinária! E, ao celebrar, tinha tomado o costume de oferecer sempre também o sacrifício da sua própria vida: Como faz bem um padre oferecer-se em sacrifício a Deus todas as manhãs!». ¹⁶¹

Na celebração da Eucaristia, o presbítero não só se oferece a si mesmo como oferece todo o Povo de Deus, colocando-o em cima do altar. Nesta perspectiva, compreendemos a importância da paternidade espiritual que deve ser vivida e exercida pelo presbítero. «Cristo precisa de sacerdotes que sejam maduros, vigorosos, capazes de cultivar uma verdadeira paternidade espiritual. Para que isto aconteça, servem a honestidade consigo mesmos, a abertura ao director espiritual e a confiança na divina misericórdia». ¹⁶² Assim, na celebração da Eucaristia, todos os fiéis devem estar conscientes daquilo que celebram, do seu lugar na celebração e ter plena consciência de serem chamados, convocados por Cristo. ¹⁶³ São João Maria Vianney viveu isto na profundidade da sua entrega total ao ministério: entregando-se, todos os dias, sobre o altar, entregava também os seus paroquianos para que Cristo os santificasse. «Cada sacerdote [presbítero]

¹⁶¹ Bento XVI, «*Litterae Apostolicae*», AAS 101 (2009) 573.

¹⁶² Bento XVI, «*Discurso*», 25 de Maio de 2006; Sobre a paternidade espiritual, Cf. PDV, nº 74; LG, nº 28; PO, nº 6; Henri Nouwen, *O Regresso do Filho Pródigo. Meditações perante um quadro de Rembrandt*, pp. 27-31.

¹⁶³ Esta «nova postura» fora incutida pelo Cura d'Ars nos seus paroquianos e se tornou numa atitude assumida livre e conscientemente.

deve poder sentir-se feliz em servir a Igreja. Seguindo a escola do santo cura d'Ars, [...] não cesseis de repetir que um homem não pode fazer nada de maior que dar aos fiéis o Corpo e o Sangue de Cristo e perdoar os pecados».¹⁶⁴ Enquanto pastor zeloso, o Santo Cura d'Ars ensinava os seus paroquianos com o seu exemplo e com a sua palavra.¹⁶⁵ O Santo Cura ensinava aos seus paroquianos que, «para rezar bem, não há necessidade de falar muito. Sabe-se que Jesus está ali, no tabernáculo sagrado: abramos-lhe o nosso coração, alegremo-nos pela sua presença sagrada. Esta é a melhor oração».¹⁶⁶ O Santo Cura, falando aos seus paroquianos dizia-lhes: «Vinde à comunhão, meus irmãos, vinde a Jesus. Vinde viver dele para poderdes viver com Ele».¹⁶⁷ «É verdade que não sois dignos, mas tendes necessidade!»¹⁶⁸ E referindo-se à Santa Missa, observava: «todas as boas obras reunidas não igualam o valor do sacrifício da Missa, porque aqueles são obra de homens, enquanto a Santa Missa é obra de Deus».¹⁶⁹ Do exercício do ministério do cura d'Ars haurimos a generosidade sincera, a vivência consciente da Eucaristia, a importância do sacramento da reconciliação e a entrega a Cristo de coração inteiro e a tempo inteiro. Com efeito, observa São João Maria Vianney: «o bom Deus sabe tudo. Ainda antes de vos confessardes, já sabe que voltareis a pecar e todavia perdoa-vos. Como é grande o amor do nosso Deus, que vai até ao ponto de esquecer voluntariamente o futuro, só para poder perdoar-

¹⁶⁴ Bento XVI, «Discurso», 14 de Setembro de 2008.

¹⁶⁵ Cf. Bernard Nodet, *João Maria Vianney, Cura De Ars, O seu pensamento, o seu coração*, p. 27.

¹⁶⁶ Bernard Nodet, *João Maria Vianney, Cura de Ars, O seu pensamento, o seu coração*, p. 100.

¹⁶⁷ Bernard Nodet, *João Maria Vianney, Cura De Ars, O seu pensamento, o seu coração*, p. 137.

¹⁶⁸ Bernard Nodet, *João Maria Vianney, Cura De Ars, O seu pensamento, o seu coração*, p. 142.

¹⁶⁹ Bernard Nodet, *João Maria Vianney, Cura De Ars, O seu pensamento, o seu coração*, p. 126.

nos!»¹⁷⁰ O santo Cura d'Ars procura incutir nos seus paroquianos a necessidade que temos de nos abeirarmos do sacramento da «confissão». É deste modo que melhor nos preparamos para receber Jesus na Eucaristia, conscientes de que «não é o pecador que regressa a Deus para lhe pedir perdão, mas é o próprio Deus que corre atrás do pecador e o faz voltar para Ele».¹⁷¹ Este modo confiante do Santo Cura d'Ars viver o sacramento da reconciliação, é um convite perene para todos os presbíteros no exercício da sua acção pastoral.¹⁷² A propósito, observa João Paulo II: «do encontro com a sua figura nasceu-me a convicção de que o sacerdote realiza uma parte essencial da sua missão através do confessional, através daquele «fazer-se prisioneiro do confessional».¹⁷³

São João Maria Vianney foi um homem dedicado aos seus paroquianos, zelava por que recebessem e vivessem os sacramentos; é o pastor, o amigo, o pai, o juiz de paz e o médico dos seus paroquianos: homem da escuta, não apegado às coisas materiais.¹⁷⁴ O Santo Cura dizia, «deixai uma paróquia sem padre durante vinte anos e aí se adorarão as bestas».¹⁷⁵ Neste contexto, compreendemos a solicitude que o Cura d'Ars nutria pelos seus paroquianos. Ele tinha a consciência clara de que não se poderia privar o povo da presença de um presbítero. Neste contexto, podemos perceber a grandeza que o Cura d'Ars reconhece nos presbíteros, a grandeza do Sacerdócio. «O padre - diz João Maria Vianney- não é

¹⁷⁰ Bernard Nodet, *João Maria Vianney, Cura De Ars, O seu pensamento, o seu coração*, p. 159.

¹⁷¹ Bernard Nodet, *João Maria Vianney, Cura De Ars, O seu pensamento, o seu coração*, p. 158.

¹⁷² Para uma mais ampla compreensão do sacramento da Confissão no tempo do Santo Cura d'Ars, cf. Philippe Boutry, *Prêtres et Paroisses au Pays du Curé d'Ars*, pp. 377-451.

¹⁷³ João Paulo II, *Dom e Mistério*, p. 66.

¹⁷⁴ Cf. Philippe Boutry, *Prêtres et Paroisses au Pays du Curé d'Ars*, pp. 353-354.

¹⁷⁵ Alfred Monnin, *Le Curé d'Ars*, Cit. por Philippe Boutry, *Prêtres et Paroisses au Pays du Curé d'Ars*, p. 344.

padre para si mesmo. Não pode absolver-se, nem ministrar os Sacramentos a si próprio. Não existe para si mesmo, existe para vós».¹⁷⁶ Assim, observa o Cura d'Ars a respeito do padre:

«Oh, como é grande o padre! Se lhe fosse dado compreender-se a si mesmo, morreria. Deus obedece-lhe: ele pronuncia duas palavras e, à sua voz, Nosso Senhor desce do Céu e encerra-se numa pequena hóstia».¹⁷⁷ Que expressão mais forte nos poderia patentear a grandeza do sacerdócio? E referindo-se aos sacramentos, observa o Cura d'Ars:

«Sem o sacramento da Ordem, não teríamos o Senhor. Quem o colocou ali naquele sacrário? O sacerdote. Quem acolheu a vossa alma no primeiro momento do ingresso na vida? O sacerdote. Quem a alimenta para lhe dar a força de realizar a sua peregrinação? O sacerdote. Quem a há-de preparar para comparecer diante de Deus, lavando-a pela última vez no sangue de Jesus Cristo? O sacerdote, sempre o sacerdote. E se esta alma chega a morrer [pelo pecado], quem a ressuscitará, quem lhe restituirá a serenidade e a paz? Ainda o sacerdote».¹⁷⁸

Estas afirmações feitas pelo Santo Cura d'Ars demonstram o lugar que o sacerdote ocupa no coração da Trindade e o valor que representa para os que lhe são confiados. Mas o sacerdote é também um homem dado ao mundo, ele está para a salvação da humanidade e conduzi-la até Cristo. Também, no que se refere a vivência dos conselhos evangélicos, no modo em que convém a um presbítero, São João Maria Vianney é um «modelo» a ser imitado pelos presbíteros hodiernos. Ele sabia que, para o exercício do seu ministério, não poderia descuidar a obediência, a castidade e a pobreza, na medida em que podem ser requeridas a

¹⁷⁶ Bernard Nodet, *João Maria Vianney, Cura De Ars, O seu pensamento, o seu coração*, p. 118.

¹⁷⁷ Bernard Nodet, *João Maria Vianney, Cura De Ars, O seu pensamento, o seu coração*, p. 115.

¹⁷⁸ Bernard Nodet, *João Maria Vianney, Cura De Ars, O seu pensamento, o seu coração*, p. 116.

um presbítero. O de Cura d'Ars deu o exemplo de prática de «ascese», pois, privava-se de imensas coisas, inclusive de alimentos (não aceitava alimentos demasiado «substanciais»), tudo por amor a Jesus Crucificado.¹⁷⁹ Por fim, «S. João Maria Vianney impressiona, sobretudo porque nele se revela a força da graça que age na pobreza dos meios humanos».¹⁸⁰ Com o Cura d'Ars, os presbíteros hodiernos podem aprender também a confiar o seu ministério ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo. Tudo é de Deus. O presbítero pertence a Deus a tempo inteiro e em todos os lugares.

3.2 São João Eudes

São João Eudes, uma figura proveniente da “Escola Francesa”, do século XVII. Apraz-nos destacar alguns aspectos da sua vida, pensamento e acção que, de algum modo, podem ser imitados pelos presbíteros hodiernos. No contexto do Ano Sacerdotal, o Sumo Pontífice destaca «o zelo apostólico de São João Eudes, particularmente voltado para a formação do clero diocesano».¹⁸¹ Perante a situação em que se encontrava a formação dos sacerdotes, João Eudes aparece como uma «luz».¹⁸² João Eudes percorreu e propôs como caminho de santidade,

¹⁷⁹ Cf. Archives Paroissiales d'Ars, procès de l'ordinaire, 622. Cit. por Philippe Boutry, *Prêtres et Paroisses au Pays du Curé d'Ars*, p. 352.

¹⁸⁰ João Paulo II, *Dom e Mistério*, p. 66.

¹⁸¹ Bento XVI, «Audiência Geral», 19 de Agosto de 2009.

¹⁸² «O concílio de Trento, em 1563, tinha emanado normas para a erecção dos Seminários diocesanos e para a formação dos presbíteros, enquanto o Concílio estava consciente de que toda a crise da reforma fora também condicionada por uma insuficiente formação dos sacerdotes, que não estavam preparados para o sacerdócio de modo justo, intelectual e espiritualmente, no coração e na alma. No entanto, dado que a aplicação e a realização das normas tardavam tanto na Alemanha como na França, São João Eudes viu as consequências desta falta» Cf. Bento XVI, «Audiência Geral», 19 de Agosto de 2009.

uma sólida confiança no amor que Deus revelou à humanidade no Coração Sacerdotal de Cristo e no Coração materno de Maria.¹⁸³ O coração de Cristo é o centro e a raiz do sacerdócio. É de lá que brota o sacerdócio, do coração «amoroso» de Cristo. E Maria, porque é Mãe de Cristo Sacerdote, é também Mãe e «Modelo» para os sacerdotes. É «Modelo» de seguimento, de perseverança, de entrega total à vontade de Deus. «Deste amor do Coração de Cristo e de Maria, cada presbítero tem o dever de ser testemunha e apóstolo».¹⁸⁴ São João Eudes expressa-se assim: «Entregai-vos a Cristo, para entrardes na imensidade do seu grande Coração, que contém o Coração da sua Santa Mãe e de todos os Santos, e para vos perderdes neste abismo de amor, caridade, misericórdia, humildade, pureza, submissão e santidade».¹⁸⁵ Podemos concluir que São João Eudes se destaca, concretamente, em dois aspectos fundamentais, a saber: na formação do clero e enquanto «mestre» de santidade, propondo o abandono ao Coração de Cristo e de Maria. Os presbíteros hodiernos podem sempre voltar a figura de São João Eudes e beber da riqueza que ele lhes legou. Mediante o exemplo de São João Eudes, os presbíteros hodiernos, além de o poderem imitar na sua santidade, no modo por que ele se deixou transformar por Cristo, hão-de imitá-lo também na sua entrega pela causa vocacional. Cada presbítero há-se sentir-se responsável por aqueles que o hão-de substituir na cura pastoral. Esta atitude requer uma constante preocupação pelo testemunho pessoal de vida de cada presbítero, uma vivência do

¹⁸³ Cf. Bento XVI, «*Audiência Geral*», 19 de Agosto de 2009.

¹⁸⁴ Bento XVI, «*Audiência Geral*», 19 de Agosto de 2009.

¹⁸⁵ São João Eudes, *Coeur Admirable*, III, 2, Cit. por Bento XVI, «*Audiência Geral*», 19 de Agosto de 2009.

ministério sacerdotal de tal modo, que os jovens hodiernos não hesitem perante o chamamento de Deus ao sacerdócio ministerial, mas dêem-se todo a Cristo.

3.3 São João Leonardo

Outro nome invocado pelo Santo Padre é São João Leonardo. João Leonardo nasceu em 1541 em Diecimo, na província de Lucca. Faleceu em 1609, enquanto cuidava de pessoas atingidas por uma epidemia. Diz-nos o Sumo Pontífice a respeito de São João Leonardo: «trata-se portanto de uma luminosa figura de sacerdote, que me apraz indicar a todos os presbíteros neste Ano Sacerdotal, como exemplo».¹⁸⁶ Neste sentido, vamos procurar apresentar alguns aspectos da vida, pensamento e acção de São João Leonardo, que possam ser vividos pelos presbíteros hodiernos, tendo em conta o contexto eclesial e social actuais. São João Leonardo enveredou-se pela área farmacêutica, então boticário. Algum tempo depois, quando já podia ter a sua mercearia própria, resolve «reacender» o desejo «antigo» de ser sacerdote.¹⁸⁷ João Leonardo tinha uma carreira de farmacêutico «brilhante» pela frente, mas não desistiu do seu ideal de ser presbítero:

«Contudo [ao «reacender» o desejo de ser sacerdote] não abandonou a paixão pela farmacopeia, porque sentia que a mediação profissional de farmacêutico lhe teria permitido realizar plenamente a sua vocação, a de transmitir aos homens, mediante uma vida santa, “a medicina de Deus”, que é Jesus Cristo crucificado e ressuscitado, “medida de todas as coisas».¹⁸⁸

¹⁸⁶ Bento XVI, «*Audiência Geral*», 7 de Outubro de 2009.

¹⁸⁷ Cf. Bento XVI, «*Audiência Geral*», 7 de Outubro de 2009.

¹⁸⁸ Bento XVI, «*Audiência Geral*», 7 de Outubro de 2009.

Enquadrado no contexto do Ano Sacerdotal, apraz-nos recordar uma frase que São João Leonardo gostava de repetir: «É necessário recomeçar de Cristo».¹⁸⁹ Era este, podemos dizer, o mote que orientava a sua entrega a Cristo. A consciência da necessidade de voltar a Cristo acaba por iluminar a consciência interior, sobre se está ou não no caminho de Deus. A própria vida sacerdotal de São João Leonardo era pautada pelo *recomeçar de Cristo*; exercia o seu ministério segundo a vontade de Cristo e assim ensinava aos seus discípulos.

«Recomendava aos seus discípulos que pusessem diante dos olhos da mente só a honra, o serviço e a glória de Cristo Crucificado e, como bom farmacêutico habituado a dosear as porções graças a uma referência clara, acrescentava: Elevai um pouco mais os vossos corações a Deus e com Ele medi as coisas».¹⁹⁰

São João Leonardo estava igualmente consciente da necessidade de uma renovação da Igreja e colaborava com a sua experiência para tal, enviando as suas reflexões ao então Papa Paulo V. Ele era consciente de que, qualquer renovação da Igreja teria de ser feita «a partir de Cristo» que é a medida de todas as coisas; «a renovação da Igreja se deve verificar de igual modo nos chefes e nos empregados, no alto e em baixo. Deve começar por quem dirige e alargar-se aos súbditos».¹⁹¹ Tal como São João Leonardo, os presbíteros hodiernos hão-de preocupar-se com a educação cristã das crianças, promover as vocações ao sacerdócio: nas suas pregações e, sobretudo, com o seu exemplo de vida, ensinando a todos que

¹⁸⁹ Bento XVI, «*Audiência Geral*», 7 de Outubro de 2009.

¹⁹⁰ Bento XVI, «*Audiência Geral*», 7 de Outubro de 2009.

¹⁹¹ Bento XVI, «*Audiência Geral*», 7 de Outubro de 2009.

«Cristo [está] antes de tudo».¹⁹² Vivendo deste modo, os presbíteros estarão aptos também para colaborar na renovação da Igreja, proclamando Cristo como a «medida» nossa medida. De facto, diz-nos o Sumo Pontífice: «A luminosa figura deste Santo convida os sacerdotes em primeiro lugar, e todos os cristãos, a tender constantemente para a “medida alta da vida cristã”, que é a santidade, cada um naturalmente segundo o próprio estado».¹⁹³ Efectivamente, a fidelidade a Cristo será um apoio fundamenta para que se possa alcançar os objectivos alcançados por São João Leonardo e propostos pelo Sumo Pontífice aos presbíteros hodiernos. A fidelidade dos presbíteros a Cristo poderá constituir uma motivação profunda para «atrair» os jovens hodiernos para o sacerdócio. Tal como São João Leonardo, os presbíteros hodiernos hão-de crescer na capacidade de amar a Igreja na sua vertente santa e na pecadora, sempre dispostos a ser «ícone de Cristo» no seio da Igreja. A Igreja necessita, particularmente nos tempos actuais, de presbíteros com um ardor evangelizador, cultores da fidelidade a Cristo, como São João Leonardo, para que ela se mantenha sempre «actualizada». Finalmente, em São João Leonardo, os presbíteros encontrarão um «modelo» de presbítero totalmente entregue ao ministério sacerdotal, um pastor a exemplo de Cristo, disposto a trabalhar na santificação pessoal e do Povo de Deus, na renovação da Igreja.

¹⁹² Bento XVI, «*Audiência Geral*», 7 de Outubro de 2009.

¹⁹³ Bento XVI, «*Audiência Geral*», 7 de Outubro de 2009.

III CAPÍTULO

1. A Espiritualidade do Presbítero

Falar da espiritualidade do presbítero é tocar num assunto tão recorrente como complexo. «Uma espiritualidade é, para cada cristão, o modo e os meios de viver, “segundo o Espírito”, a sua vocação à santidade».¹⁹⁴ A Carta aos Gálatas diz-nos: «se vivemos no Espírito, sigamos também o Espírito».¹⁹⁵ No nosso âmbito, entenderemos «a espiritualidade presbiteral em termos de unidade de vida e de acção duma pessoa que se vai identificando com Cristo, Bom Pastor [cientes de que] é pelo exercício da caridade pastoral que se progride nessa via».¹⁹⁶ Com efeito, para Jacques Bur, as espiritualidades podem ser diversas e diferentes.¹⁹⁷ O Concílio Vaticano II fala da vocação de todos os fiéis à santidade.¹⁹⁸ Mas concretamente sobre os presbíteros diz a *Lumen Gentium*:

«Os presbíteros, à semelhança da ordem dos bispos de quem são a coroa espiritual, já que participam das suas funções por graça de Cristo, eterno e único mediador, cresçam no amor de Deus e do próximo com o exercício do seu dever quotidiano; guardem o vínculo da unidade sacerdotal, abundem em toda a espécie de bens espirituais e dêem a todos vivo testemunho de Deus, tornando-se émulo daqueles sacerdotes que no decorrer dos séculos, em serviço muitas vezes humilde e escondido, nos deixaram magnífico exemplo de santidade. O seu louvor persevera na Igreja. Orando e oferecendo o sacrifício pelo próprio rebanho e por todo o

¹⁹⁴ Jacques Bur, *A Espiritualidade Sacerdotal*, p.11; Sobre o conceito de «espiritualidade», Cf. Agostino Favale, *Spiritualità Del Ministero Presbiterale*, pp.18-19.

¹⁹⁵ Gl 5,25.

¹⁹⁶ Carlos Alberto Pessoa Paes, «*Espiritualidade e Espiritualidade Sacerdotal*», In Comissão Episcopal do Clero Seminários e Vocações, p.14; P.O., nº 14; L.G., nº 8 e 12; P.O., nº 13.

¹⁹⁷ Sobre as diversas espiritualidades, Cf. Jacques Bur, *A Espiritualidade Sacerdotal*, p.11ss.

¹⁹⁸ Sobre este assunto, Cf. L.G., nº 11; Ver ainda o número 32, que aborda a questão da santidade. Também o número 41 fala da santidade nos diversos estados.

Povo de Deus, conforme é seu ofício, conscientes do que fazem e imitando as realidades com que lidam, longe de serem impedidos pelos cuidados, perigos e tribulações do apostolado, devem antes por eles elevar-se a uma santidade mais alta, alimentando e afervorando a sua acção com a abundância da contemplação, para alegria de toda a Igreja de Deus».¹⁹⁹

De facto, a espiritualidade do presbítero não acontece à margem daquilo que é a exigência diária do seu ministério. O presbítero, para que possa viver uma espiritualidade genuína, há-de integrar bem a sua humanidade e entendê-la em união com a sua missão de ensinar, santificar e governar. É igualmente importante que o presbítero procure compreender e apoiar os fiéis que lhe são confiados, apurando as suas angústias, anseios e sofrimentos na busca do sentido da vida e de Deus, Sumo Pastor. Caminhar com os homens e mulheres deste tempo, «sentir o que eles sentem» é, sem dúvida alguma, caminho de santificação para os presbíteros, pois, eles não se santificam à margem desta realidade. «Pelos próprios ritos sagrados diários, como também por todo o seu ministério, exercido em união com o bispo e com os demais sacerdotes, eles mesmos se orientam para a perfeição da própria vida».²⁰⁰ Uma vida que é entrega constante a Cristo e ao seu Povo, entrega livre e responsável, como «dispensador» das graças de Deus. «Portanto, é o exercício do seu ministério que é, para o padre, o melhor meio de se santificar: o ministério determina um tipo específico de espiritualidade e de santidade».²⁰¹ Tal espiritualidade não suporta compartimentação, ou seja, o presbítero há-de exercer o seu ministério em união com os meios de santificação

¹⁹⁹ LG, nº 41.

²⁰⁰ PO, nº 12; 13; ver também, Cf. PDV nº 24.

²⁰¹ Jacques Bur, *A Espiritualidade Sacerdotal*, p.13.

e, viver o ministério em si como meio de santificação. Neste caso, compartimentar é sinónimo de destruição, de desvinculação do verdadeiro sentido da «espiritualidade» presbiteral. Este caminho pode ser contrariado com uma integração quotidiana daquilo que constitui a humanidade do presbítero no dom total de si mesmo a Cristo e ao seu Povo. São João Maria Vianney é um exemplo sempre actual desta integração, realizada no dom total de si mesmo a Cristo e ao seu rebanho: «Todas as vezes que o Cura d'Ars teve a tentação de fugir da sua paróquia para, na solidão, trabalhar na própria santificação, o Senhor reconduziu-o para o meio do seu povo; foi como pároco que foi santo...».²⁰² É que o caminho pastoral tende para a santidade (cf. *Novo Millennio Ineunte*, 30). O presbítero há-de perseguir este objectivo sempre.

Com efeito, «o sacerdote deve reservar [...] amplo espaço para a vida espiritual. É chamado a ser continuamente um autêntico perscrutador de Deus, embora ao mesmo tempo permaneça solidário com as preocupações dos homens» (Cf. *Sacramentum Caritatis*, nº 80).²⁰³ Se o presbítero não se empenhar no cultivo da sua vida interior, como poderá iluminar aqueles que estão sob a sua guia? De facto, «dos sacerdotes os fiéis esperam somente uma coisa: que sejam especialistas na promoção do encontro do homem com Deus. Ao sacerdote não se pede para ser perito em economia, em construção ou em política. Dele espera-se

²⁰² Cardeal Marty, *Le Concile. Vingt ans de notre histoire*, Desclé, pp. 103-104, Cit. por Jacques Bur, *A Espiritualidade Sacerdotal*, Coimbra, p.14.

²⁰³ Sobre este assunto, Cf. Gisbert Greshake, *Ser Sacerdote Hoy*, pp. 347-367.

que seja perito em vida espiritual».²⁰⁴ Por outro lado, o presbítero há-de cultivar uma ascese adequada ao seu estado de vida, que lhe permitirá uma adequada integração do seu ser e da sua existência humana e sacerdotal, numa dinâmica de doação total a Cristo e ao seu rebanho. «A arte da ascese sacerdotal [...] é necessária também hoje: ela não deve ser colocada ao lado da acção pastoral, como um fardo em acréscimo que torna ainda mais pesado o nosso dia. Ao contrário, na própria acção devemos aprender a superar-nos, a deixar e a doar a nossa vida».²⁰⁵ Esta é a dinâmica da espiritualidade do presbítero. «Convém lembrar finalmente –diz Enzo Bianchi –, que a eficácia do vosso ministério [dos presbíteros] está condicionada pela autenticidade e pela fidelidade com que o vivais...».²⁰⁶

1.1 A identidade e Missão do Presbítero

Propomo-nos tratar estas duas dimensões da espiritualidade presbiteral em simultâneo, devido à intrínseca ligação existente entre elas. A identidade do presbítero acarreta e implica o conteúdo da sua missão. Nesta perspectiva, qualquer dicotomia entre a identidade e a missão do presbítero resultaria numa incompreensão da essência do ministério presbiteral. O presbítero identifica-se com Cristo Pastor também no cumprimento harmonioso da sua missão, identificando-se sempre com Cristo, ou seja, estando “in Persona Christi”. Com

²⁰⁴ Bento XVI, «Discurso no Encontro com os Sacerdotes e Religiosos, Catedral de Varsóvia», 25 de Maio de 2006.

²⁰⁵ Bento XVI, «Discurso aos Sacerdotes e Diáconos da Diocese de Roma na Cátedra de São João de Latrão», 13 de Maio de 2005.

²⁰⁶ Enzo Bianchi, *Aos Presbíteros*, p. 15.

efeito, esta identificação com Cristo é progressiva e o presbítero não contará meramente com as suas forças, pois, ele está em nome de Cristo, é Cristo quem o envia e não os homens. «O sacerdote é um homem totalmente do Senhor, porque é o próprio Deus que o chama e o constitui no seu serviço apostólico. E precisamente porque é todo do Senhor, é todo dos homens e para os homens»²⁰⁷. Procurando a verdade e a unidade, trabalha na construção do Reino, prestando um serviço à Igreja e à humanidade, ou seja, «representa» Cristo. Não age por uma decisão pessoal. No contexto do Ano Sacerdotal, diz-nos o Sumo Pontífice:

«Na verdade, precisamente considerando o binómio "identidade-missão", cada sacerdote pode sentir melhor a necessidade daquela progressiva identificação com Cristo, que lhe assegura a fidelidade e a fecundidade do testemunho evangélico. O próprio título do Ano sacerdotal Fidelidade de Cristo, fidelidade do sacerdote põe em evidência o facto de que o dom da graça divina precede toda a possível resposta e realização pastoral do homem e assim, na vida do sacerdote, anúncio missionário e culto nunca são separáveis, como nunca devem ser separadas a identidade ontológico-sacramental e a missão evangelizadora. De resto, a finalidade da missão de cada presbítero, poderíamos dizer, é "cultural": para que todos os homens possam oferecer-se a Deus como hóstia viva, santa e do seu agrado (cf. *Rm* 12, 1)».²⁰⁸

O presbítero, quando está consciente da sua identidade, sabe que a sua consagração está unida à sua missão. «A missão não representa um elemento exterior e justaposto à consagração, mas constitui a sua meta intrínseca e vital: a consagração é para a missão».²⁰⁹ O presbítero é consagrado para a missão. E a sua identidade fortalece-se na fidelidade e identificação com Cristo Cabeça e Pastor, no exercício consciente, livre e responsável do seu ministério. Efectivamente, a

²⁰⁷ Bento XVI, «*Audiência Geral*», 1 de julho de 2009.

²⁰⁸ Bento XVI, «*Audiência Geral*», 1 de julho de 2009.

²⁰⁹ PDV n° 24.

busca da identidade engloba diversos aspectos.²¹⁰ De facto, a identidade sacerdotal nasce do sacramento da ordem, «carácter». E encontra-se unida a identidade sacerdotal, pelo sacramento da ordem, ao mistério: união com Deus, uno e trino. Configuração com Cristo: vida e mensagem.²¹¹ O sacramento da ordem une também a identidade sacerdotal à missão (caridade pastoral) e a comunhão.²¹² Com efeito, a questão da identidade presbiteral não se esgota na esfera da nossa exposição. Trata-se de um tema que se vai afirmando e se esclarecendo, quer por meio do trabalho de teólogos, quer da parte dos presbíteros, mediante a vivência da fidelidade de Cristo ao Pai, do múnus de pregar a Palavra de Deus, da santificação por meio dos sacramentos e do serviço ao Povo de Deus. Também a vivência dos conselhos evangélicos pode constituir um meio de descobrir e aprofundar a riqueza da identidade presbiteral, vividos sempre no intuito de trabalhar também e sobretudo na santificação do Povo de Deus. Por outro lado, o presbítero há-de estar consciente daquilo que ele é em virtude do sacramento da ordem, da sua configuração com Cristo, Cabeça e Pastor; a própria comunidade de fiéis, na qual o presbítero se acha inserido como «representante» de Cristo e colaborador do Bispo, há-de estar implicada na afirmação e aprofundamento da identidade do presbítero, pois, ele também age «in nomine Ecclesiae» e, nunca como acéfalo.²¹³ Com efeito, a questão da identidade

²¹⁰ Cf. Afrodisio Hernández Casero, *La Formación Espiritual De los Candidatos Al Sacerdocio, Del Vaticano II al Sínodo de los Obispos de 1990*, pp. 143-154.

²¹¹ Cf. Afrodisio Hernández Casero, *La Formación Espiritual De los Candidatos Al Sacerdocio, Del Vaticano II al Sínodo de los Obispos de 1990*, p. 304.

²¹² Cf. Afrodisio Hernández Casero, *La Formación Espiritual De los Candidatos Al Sacerdocio, Del Vaticano II al Sínodo de los Obispos de 1990*, p.304.

²¹³ Cf. Gisbert Greshake, *Ser Sacerdote Hoy*, p. 149ss.

presbiteral permanece sempre como uma questão a aprofundar, a partir de Cristo e do seu Corpo, a Igreja.

1.2 O Presbítero e o Anúncio do Evangelho

O Presbítero é «ministro da Palavra».²¹⁴ A relação do presbítero com a Palavra de Deus há-de ser de intensa proximidade, fidelidade e compromisso. Estas exigências, não sendo as únicas, são inerentes à própria missão do presbítero. De facto, diz-nos a *Presbyterorum Ordinis*:

«O Povo de Deus é reunido antes de mais pela palavra de Deus vivo, que é justíssimo esperar receber da boca dos sacerdotes. Com efeito, como ninguém se pode salvar se antes não tiver acreditado, os presbíteros como cooperadores dos Bispos, têm, como primeiro dever, anunciar a todos o Evangelho de Deus, para que, realizando o mandato do Senhor: Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a todas as criaturas (Mt 16,15), constituam e aumentem o Povo de Deus».²¹⁵

No contexto do Ano Sacerdotal, o Sumo Pontífice referiu-se à necessidade perene de os presbíteros se deixarem plasmar e guiar pela Palavra de Deus, pois, de outro modo não a poderão propor de forma credível aos homens e mulheres de todos os tempos. Estes homens e mulheres, sobretudo aqueles que ainda não conhecem a Palavra de Deus, podem, a qualquer momento, pedir aos presbíteros as razões da sua esperança (cf. 1Pe 3,15). Isto exige dos presbíteros um profundo enraizamento e uma escuta sincera e assídua da Palavra de Deus, acompanhada da

²¹⁴ Enzo Bianchi, *Presbíteros, El Arte de Servir el Pan y la Palabra*, pp. 69-81; Jacques Bur, *A Espiritualidade Sacerdotal*, pp.86ss; Louis Bouyer, *O Sentido da Vida Sacerdotal*, pp. 45-68; Miguel Ponce Cuéllar, *Llamados a servir, Teología del sacerdocio ministerial*, pp. 477- 481.

²¹⁵ PO, nº 4.

prática diária da *lectio divina*²¹⁶, individualmente e em comunidade. Diz-nos o Sumo Pontífice a respeito da relação dos presbíteros com a Palavra de Deus: «sejam verdadeiramente imbuídos da Palavra de Deus, a conheçam deveras, a amem a ponto que ela lhes dê realmente vida e forme o seu pensamento».²¹⁷ Vivemos num tempo de intensa actividade frenética, onde as pessoas buscam o sentido para as suas vidas, respostas para os seus anseios e questões; é neste tempo concreto que o presbítero há-de acreditar na Palavra de Deus e dar um testemunho credível da mesma, «anunciando só a Palavra de Deus não as suas ideias pessoais».²¹⁸ De facto, «a Palavra de Deus pode tornar-se verdadeiramente luz e força, nascente de esperança, pode traçar um caminho que passa através de Jesus, “caminho” e “porta”; através da sua Cruz, que é plenitude de amor».²¹⁹

Com efeito, o anúncio da Palavra de Deus há-de ser realizado pelo presbítero com *exousía*, ou seja, com «autoridade». Esta foi a atitude de Jesus sempre que falava: «quando Jesus acabou de falar, a multidão ficou vivamente impressionada com aos seus ensinamentos, porque Ele ensinava-os como quem possui autoridade e não como os doutores da Lei» (Mt 7,28-29).²²⁰ Esta autoridade só a pode ter quem deveras escuta e responde, quotidianamente, aos

²¹⁶ Sobre a prática da “lectio divina” como forma de potenciar a relação com a Palavra de Deus, Cf. Charles André Bernard, *Teologia Espiritual, Hacia la plenitude de la vida en el Espíritu*, pp. 365-367; Bento XVI, *Verbum Domini, A Palavra de Deus*, nº 86-87, pp. 139-145; Armindo dos Santos Vaz, *A Arte de Ler a Bíblia, Em louvor da «Lectio Divina»*, pp. 131-172.

²¹⁷ Bento XVI, «*Angelus*», 28 de Fevereiro de 2010; Bento XVI, «Homilia, Santa Missa Crismal», 9 de Abril de 2009.

²¹⁸ PO, nº 4; Para um maior aprofundamento deste assunto, Cf. Enzo Bianchi, *Presbíteros, El Arte de Servir el Pan y la Palabra*, p.75; Enzo Bianchi, *Aos Presbíteros*, p. 29.

²¹⁹ Bento XVI, «*Discurso aos Participantes no Congresso Europeu Sobre a Pastoral Vocacional*», 4 de Julho de 2009.

²²⁰ Cf. Mc 1, 22.

apelos da Palavra de Deus, numa atitude de fé sempre renovada no Espírito Santo. O presbítero tem a consciência de que anuncia a Cristo e não a si mesmo, assim pois, sabe que o espírito Santo o acompanha no anúncio da Palavra de Deus. Mas o presbítero está «in Persona Christi», portanto, «ele é um outro Cristo» e «representa» Cristo. «O pregador deve esquecer-se de si mesmo, fixar o seu olhar só em Jesus (cf. Hb12,2), manter os seus ouvidos atentos à Palavra e entregar o coração dócil ao Espírito».²²¹ No contexto do anúncio, e sabendo que o presbítero anuncia a Palavra de Deus aos outros, a «função» do anúncio deve ser a seguinte:

«Compete ao anúncio difundir a luz da vida no meio das trevas do mundo, trazer luz à vida das pessoas e descobrir o verdadeiro sentido das coisas e da vida. O anúncio não é uma ideologia entregue aos humanos, uma doutrina moral abstracta que nada tenha que ver com a vida. Trata-se de levar luz à vida, interpretar experiências da vida e descobrir nelas o seu verdadeiro sentido. Este é um serviço para a vida, de importância transcendental, para que os homens tenham vida e a tenham em plenitude (cf. Jo 10,10). Só quando o evangelho é entendido desta maneira se converte em mensagem de alegria, uma tocha para nossos passos e luz para os caminhos escuros da vida (Sl 119,105)».²²²

O presbítero, ao pregar na Palavra de Deus, sabe o quão grande é a responsabilidade que tal ministério acarreta para ele. De facto, além da coerência que lhe é exigida entre aquilo que ele prega e a totalidade da sua vida, «a credibilidade da comunicação de Deus e de Jesus Cristo aos homens depende muito estreitamente da credibilidade de quem o anuncia».²²³ E quem escuta o presbítero, escuta o próprio Deus (cf. Lc 10,16). O presbítero há-de ter bem

²²¹ Enzo Bianchi, *Presbíteros, El Arte de Servir el Pan y la Palabra*, p.76.

²²² Walter Kasper, *El sacerdote, servidor de la alegría*, Cit. por Enzo Bianchi, *Presbíteros, El Arte de Servir el Pan y la Palabra*, p.76.

²²³ Enzo Bianchi, *Presbíteros, El Arte de Servir el Pan y la Palabra*, p.77.

presente, portanto, o equilíbrio trazido pelo Concílio Vaticano II no que diz respeito às funções ministeriais, ciente do lugar e importância da pregação da Palavra de Deus. Não existe choque entre as diversas funções, como se poderia constatar antes do Concílio Vaticano II.²²⁴ Existe sim, uma perfeita unidade entre o ministério da Palavra, dos Sacramentos e do Serviço. No contexto desta unidade, o presbítero há-de ter presente a prioridade do ministério da Palavra. De facto, o presbítero age «in persona Christi», ou seja, «no sacerdócio existe um intercâmbio: na administração dos sacramentos, o sacerdote age e fala então in persona Christi. Nos sagrados mistérios ele não se representa a si mesmo e não fala expressando-se a si mesmo, mas fala pelo Outro –por Cristo»²²⁵ e «in nomine Ecclesiae».²²⁶ Recordemos as palavras que Jesus disse aos Onze: «Ide pelo mundo, proclamai o Evangelho a toda a criatura. Quem acreditar e for baptizado será salvo...» (cf. Mc 16, 15-16). Jesus também disse: «nem só de pão vive o homem, mas de toda a Palavra que sai da boca de Deus» (cf. Mt 4,4; Dt 8,3).

1.3 O Presbítero, Ministro da Eucaristia

A Liturgia é um meio concreto e fundamental de santificação da Igreja e do presbítero. «A Liturgia é simultaneamente a meta para a qual se encaminha a acção da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força». ²²⁷ O presbítero, no

²²⁴ Sobre este assunto, Cf. Jacques Bur, *E Espiritualidade Sacerdotal*, p. 86ss.

²²⁵ Bento XVI, «Homília na Basílica Vaticana», 5 de Abril de 2007.

²²⁶ Congregação para o Clero, *O Presbítero, Mestre da Palavra, Ministro dos Sacramentos e Guia da Comunidade, Em Vista do Terceiro Milénio*, p.19ss; Miguel Ponce Cuéllar, *Llamados a servir, Teología del sacerdocio ministerial*, pp. 372-376.

²²⁷ SC, nº 10.

exercício do *munus sanctificandi*, há-de adoptar uma atitude de servo de Cristo e dos fiéis, pois, ele não faz a sua vontade nem diz palavras suas²²⁸, antes, age «in persona Christi Capitis»²²⁹ e «in nomine Ecclesiae».²³⁰ Ele obedece a Cristo e à Igreja. Mediante a consagração operada no sacramento da ordem, o presbítero passa a agir como um «outro Cristo», em plena cooperação com o seu bispo, em comunhão com os demais presbíteros e colaborando com os fiéis.

Com efeito, quando o presbítero celebra a Eucaristia, ao dizer as palavras que Jesus pronunciou sobre os dons, e sob a acção do espírito Santo, o pão e o vinho convertem-se no Corpo e Sangue de Cristo. «Ali, portanto, não está só o sacerdote, que lembra os acontecimentos da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo; está também o Espírito Santo, que faz com que tais acontecimentos se realizem sobre o altar, através do ministério do sacerdote».²³¹ O presbítero, na sua liberdade e responsabilidade, adere à vontade de Cristo para servir a Cristo e ao Povo de Deus, consciente de ser um «dispensador das graças de Deus» para o seu Povo. É facto que não se pode compreender a identidade do presbítero se a não ligarmos ao Sacramento da Eucaristia também. Ele há-de estar constantemente voltado para a Eucaristia, momento por excelência de encontro com Cristo – Eucaristia. Neste sentido, diz o **Papa Bento XXI**:

«No âmago da vida sacerdotal encontra-se a Sagrada Eucaristia, na qual o sacrifício de Jesus na Cruz permanece contínua e realmente presente no meio de nós. E a partir disto aprendemos também o que significa celebrar a

²²⁸ Cf. Enzo Bianchi, *Presbíteros, El Arte de Servir el Pan y la Palabra*, p. 16.

²²⁹ Congregação Para o Clero, *O Presbítero, Mestre da Palavra, Ministro dos Sacramentos e Guia da Comunidade, Em Vista do terceiro Milénio*, pp. 31-33.

²³⁰ Enzo Bianchi, *Presbíteros, El Arte de Servir el Pan y la Palabra*, p. 17.

²³¹ João Paulo II, *Dom e Mistério*, pp. 86-89.

eucaristia de maneira adequada: trata-se de um encontro com o Senhor, que por nós Se despoja da sua glória divina, se deixa humilhar até à morte de Cruz e assim Se entrega a Si mesmo a todos, a cada um de nós».²³²

O presbítero há-de ser capaz de, sempre que celebrar a Eucaristia²³³, levar para cima do altar, cada um daqueles que estão confiados ao seu cuidado pastoral. Não havemos de olvidar que, mediante o serviço à comunidade dos fiéis, o presbítero cresce e aprofunda a sua santificação pessoal, elemento importante para que ele possa testemunhar a caridade pastoral de Cristo Pastor. Mediante a relação tão estreita que há-de existir entre o presbítero e Cristo, os homens e mulheres de todos os tempos e particularmente os de hoje, hão-de poder contemplar Cristo na pessoa do presbítero, devido ao seu zelo apostólico e à sua caridade pastoral, manifestada no dom total de si mesmo. De facto, «é pelo ministério dos sacerdotes que se consuma o sacrifício espiritual dos fiéis em união com o sacrifício de Cristo, único Mediador, que, em nome de toda a Igreja, é pelos ditos sacerdotes oferecido incruenta e sacramentalmente na eucaristia, até que o próprio senhor venha (cf. P.O. nº 2). Cristo está, portanto, sacramentalmente presente sempre que o presbítero celebra a eucaristia.²³⁴ Efectivamente, «a celebração eucarística é, pois, o centro da assembleia dos fiéis a que preside o sacerdote» (cf. P.O. nº 5). E não pode existir a Igreja sem a Eucaristia; por outro lado, também

²³² Bento XVI, «Homilia, Dia Mundial de Oração Pelas Vocações», 7 de Maio de 2006.

²³³ Na homilia do Dia Mundial de Oração Pelas Vocações, 7 de Maio de 2006, o Sumo Pontífice fala na importância que tem para o sacerdote, celebrar a Eucaristia todos os dias, colocando-se de uma forma sempre nova nas mãos de Deus.

²³⁴ Sobre os diversos aspectos de se compreender a Eucaristia, Cf. Jacques Bur, *A Espiritualidade Sacerdotal*, pp. 113-124.

não pode existir Eucaristia sem padre.²³⁵ O Cura d'Ars «estava convencido de que todo o fervor da vida de um padre dependia da Missa: A causa do relaxamento do sacerdote é porque não presta atenção à Missa! Meu Deus, como é de lamentar um padre que celebra a Missa como se fizesse uma coisa ordinária»!²³⁶ O Cura d'Ars tinha uma compreensão bastante profunda acerca da importância do sacerdote para a Igreja e para o mundo. Ele dizia: «um bom pastor, um pastor segundo o coração de Deus, é o maior tesouro que o bom Deus pode conceder a uma paróquia e um dos dons mais preciosos da misericórdia divina».²³⁷ Juntamente com o Cura d'Ars, também São Francisco de Assis tinha uma compreensão sumamente profunda sobre a importância do sacerdote e da Eucaristia: «passe o homem inteiro, estremeça todo o mundo e exulte o céu quando, sobre o altar, na mão do sacerdote, está Cristo, Filho do Deus vivo».²³⁸ Este será, certamente, um caminho de santificação do presbítero e, por meio dele, sob a acção do Espírito Santo, o caminho de santificação e de preparação dos fiéis para o encontro com Cristo.

1.4 O Presbítero ao Serviço da Caridade

A caridade dos presbíteros fundamenta-se na caridade pastoral de Jesus Cristo e, «em virtude da sua consagração, estes são configurados a Jesus Bom

²³⁵ Cf. Jacques Bur, *A Espiritualidade Sacerdotal*, p. 127ss.

²³⁶ Bernard Nodet, *João Maria Vianney, Cura de Ars, O seu pensamento, o seu coração*, p.126.

²³⁷ Bernard Nodet, *João Maria Vianney, Cura de Ars, O seu pensamento, o seu coração*, p.121 ; Para aprofundar o tema da importância do sacerdote no pensamento do Cura d'Ars, Cf. Bernard Nodet, *João Maria Vianney, Cura de Ars, O seu pensamento, o seu coração*, p.115ss.

²³⁸ São Francisco de Assis, *Carta a toda a Ordem*, nº 26, Fontes Franciscanas I, p.100.

Pastor e são chamados a imitar e a reviver a Sua própria caridade pastoral».²³⁹ De outra forma não se compreende a caridade presbiteral, ou seja, não parte da iniciativa do presbítero e a sua realização não depende, primeiramente, da vontade do presbítero. A exortação apostólica pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis*, referindo-se à «caridade pastoral» de Jesus diz:

«E a Sua vida é uma ininterrupta manifestação, melhor, uma quotidiana realização da Sua «caridade pastoral»: sente compaixão pelas multidões porque estão cansadas e esgotadas como ovelhas sem pastor; procura as dispersas e tresmalhadas e festeja o tê-las reencontrado, recolhe-as e defende-as, conhece-as e chama-as uma a uma pelo seu nome, condu-las aos pastos verdejantes e às águas refrescantes, para elas põe a mesa, alimentando-as com a Sua própria vida».²⁴⁰

Jesus não se limita a cuidar das suas ovelhas, mas conhece-as pelo nome. Ele sabe do que precisam em cada momento porque as acompanha no dia-a-dia. Jesus dá a Sua própria vida pelas ovelhas: desde a Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição, Jesus não fez outra coisa senão dar-Se, «gastar-Se» pelas Suas ovelhas, especialmente as que andavam tresmalhadas e sem pastor. Estando Jesus na Cruz e, «ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: “Mulher, eis o teu filho!”. Depois, disse ao discípulo: “Eis a tua mãe!” E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua» (cf. Jo 19,26-27). Perante a iminência da Sua morte, Jesus «não deixa a mãe sozinha, confiando-a à solicitude do discípulo que Lhe era muito querido. E assim também ao discípulo é dado um

²³⁹ PDV nº 22; Santiago Guijarro, *Servidores de Dios y Esclavos Vuestros, La Primera Reflexión Cristiana Sobre el Ministerio*, p.59ss.

²⁴⁰ PDV, nº 22.

novo lar, com a mãe que cuida dele e com a qual ele se preocupa».²⁴¹ Com efeito, que aspectos os presbíteros podem haurir, nos tempos actuais, deste episódio que acabamos de ver? Efectivamente podemos compreender a atitude de Jesus em relação à Sua Mãe e ao discípulo amado como uma manifestação da «caridade pastoral de Jesus» para com o Seu rebanho. Mas Jesus ensina também, ao entregar o discípulo amado à sua Mãe e a Mãe ao discípulo amado, como deve ser a caridade dos pastores que cuidam do Seu rebanho.

«E como Maria, a mulher, também o discípulo predilecto é, simultaneamente, uma figura concreta e um modelo do discipulado que existe e deverá existir sempre. Ao discípulo, que o é verdadeiramente na comunhão de amor com o Senhor, é confiada a mulher: Maria, a Igreja. A palavra de Jesus na cruz permanece aberta a muitas realizações concretas. É continuamente dirigida quer à mãe, quer ao discípulo, e a cada um é confiada a tarefa de a realizar na própria vida, tal como está previsto no plano do Senhor. É continuamente pedido ao discípulo que acolha no mais próprio da sua vida Maria como pessoa e como Igreja e, deste modo, dê cumprimento à última vontade de Jesus».²⁴²

Ao cuidar do Povo de Deus, os presbíteros são chamados a tornar presente aquela relação que imperou entre Jesus, Maria e o discípulo amado. E, porque agem «in persona Christi», os presbíteros hão-de ter os mesmos sentimentos de Jesus. Estes sentimentos adquirem-se especialmente no cuidado pelo rebanho de Jesus, onde se encontram a evangelização e a caridade, como nos diz o Papa

²⁴¹ Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré, Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, Parte II, p.181; Sobre o tema do Discípulo Amado e Maria, Cf. Mário José Rodrigues de Sousa, *Para Que Também Vós Acrediteis, Estudo exegético-teológico de Jo 19,31-37*, pp.318-322.

²⁴² Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré, Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, Parte II, p.182.

Bento XVI na Encíclica *Deus Caritas Est*, nos números 30 a 39.²⁴³ A caridade não é assistencialismo; é um dever inerente à própria essência da Igreja. Neste sentido, compreende-se que o tríplice dever da Igreja, a saber: anúncio da Palavra de Deus, celebração dos Sacramentos e serviço da caridade, se acham intimamente ligados, não podendo dar-se a cisão entre elas sem que se desvirtua o essencial.²⁴⁴ Os presbíteros hão-de cultivar e cuidar destas três dimensões inerentes à própria natureza da Igreja. Só assim o presbítero poderá ser «imagem viva de Jesus Cristo, Esposo da Igreja» (cf. PDV n° 22), consciente de que «ele permanece sempre parte da comunidade como crente, juntamente com todos os outros irmãos e irmãs convocados pelo Espírito, mas, por força da sua incorporação a Cristo Cabeça e Pastor, encontra-se na referida posição de esposo perante a comunidade».²⁴⁵ Esta reflexão conduz-nos ao pensamento expresso pelo Sumo Pontífice no contexto do Ano Sacerdotal acerca da tarefa de governar que, segundo ele, deve ser feita com a autoridade de Cristo e não com a autoridade própria do presbítero.²⁴⁶ «A autoridade humana nunca é um fim, mas sempre e só um meio e que, necessariamente e em cada época, o fim é sempre a pessoa, criada por Deus com a própria intangível dignidade e chamada a realizar-se com o próprio Criador, no caminho terreno da existência e na vida eterna; é uma

²⁴³ O Sumo Pontífice, na sua Encíclica *Deus Caritas est*, fala das «múltiplas estruturas de serviço caritativo tendo em conta a realidade social actual, portanto, não se restringe ao ambiente eclesial. Por outro lado, o Sumo Pontífice aborda também a questão das características próprias da «actividade caritativa da Igreja». Isto exige que os presbíteros estejam abertos às necessidades do mundo, de todos os homens e mulheres, sem excepção.

²⁴⁴ Sobre este modo de compreender a caridade, Cf. Bento XVI, *Deus Caritas est*, n°s 19-25, pp. 39-46.

²⁴⁵ PDV n° 22.

²⁴⁶ Cf. Bento XVI, «*Audiência Geral*», 26 de Maio de 2010.

autoridade exercida na responsabilidade diante de Deus, do Criador».²⁴⁷ Com efeito, a autoridade que existe na Igreja é exercida como serviço e é realizada em nome de Jesus Cristo, outrora por meio do Colégio Apostólico, hoje através dos bispos e dos presbíteros. Estes cuidam do rebanho de Jesus Cristo «para que cada fiel seja levado, no Espírito Santo, a cultivar a própria vocação segundo o Evangelho, a uma caridade sincera e activa e à liberdade com que Cristo nos libertou (cf. PO nº 6). De facto, para que o presbítero possa cuidar do rebanho que Jesus Cristo lhe confia a cada dia, há-de deixar que Jesus Cristo governe a sua existência sacerdotal.²⁴⁸ Isto requer uma progressiva docilidade, praticada com base nos conselhos evangélicos, sempre abertos à misericórdia divina. Com efeito, diz-nos o Sumo Pontífice a respeito do modo como o presbítero deve exercer a caridade:

«O modo de governar de Jesus não é o do domínio, mas é o serviço humilde e amoroso do Lava-pés, e a realeza de Cristo sobre o universo não é um triunfo terreno, mas encontra o seu ápice no madeiro da Cruz, que se torna juízo para o mundo e ponto de referência para a prática da autoridade, que seja verdadeira expressão da caridade pastoral. Os santos, e entre eles São João Maria Vianney, exerceram com amor e dedicação a tarefa de cuidar da porção do Povo de Deus que lhes foi confiada, mostrando também que eram homens fortes e determinados, com o único objectivo de promover o verdadeiro bem das almas, capazes de pagar em primeira pessoa, até ao martírio, para permanecer fiéis à verdade e à justiça do Evangelho».²⁴⁹

²⁴⁷ Bento XVI, «*Audiência Geral*», 26 de Maio de 2010.

²⁴⁸ Cf. Bento XVI, «*Audiência Geral*», 26 de Maio de 2010.

²⁴⁹ Bento XVI, «*Audiência Geral*», 26 de Maio de 2010; Para um maior aprofundamento do modo adequado de compreender o conceito de “hierarquia” e “autoridade” na Igreja Católica, definida pelo Sumo Pontífice por ocasião do Ano Sacerdotal, Cf. Bento XVI, «*Audiência Geral*», 26 de Maio de 2010.

2. A Oração na vida do Presbítero

A oração deve orientar a vida do presbítero: quer como cristão, quer no exercício do ministério sacerdotal. «O sacerdote não só deve ser «homem de oração», mas há-de ser também «mestre de oração», dado que realiza a favor do povo o ofício de Cristo, tal como se expressa na carta aos Hebreus (Hb 5,7-9)».²⁵⁰ Neste contexto, pretendemos olhar para a importância da oração na vida do presbítero, cientes de que não vamos abordar tudo o que diz respeito ao tema em causa. Com efeito, a oração é uma exigência inerente à própria missão fundamental do presbítero, a saber, anunciar a Palavra de Deus.²⁵¹ Mas o presbítero, antes mesmo de pregar a Palavra de Deus à comunidade, há-de escutá-la, pois, «a escuta é a forma essencial e fundamental da oração cristã».²⁵² Efectivamente, ao escutar a Deus, o presbítero aprende a escutar os homens e mulheres do seu tempo, a escutar o Mundo; isto aprende-se na oração, na relação, no diálogo com Deus. Com efeito, «quando cessa o diálogo, cessa a relação. Assim acontece entre nós, os seres humanos. A coisa não é diferente entre os homens e Deus. Por isso, a oração forma parte essencial da vida de fé: essa oração na qual se expressam as relações do homem com Deus e estas relações realizam-se falando. A oração é “a fé que fala”».²⁵³ Efectivamente existe uma variedade de formas de oração na Igreja, cuja totalidade nós não pretendemos abranger na nossa exposição, mas sim, apresentar algumas. Das diversas formas de oração que

²⁵⁰ Aurelio Fernández, «Oración», In Profesores de la Facultad de Teología de Burgos (dirs), *Diccionario del Sacerdocio*, Madrid, BAC, 2005, p. 528.

²⁵¹ Cf. Enzo Bianchi, *Aos Presbíteros*, p. 33.

²⁵² Enzo Bianchi, *Aos Presbíteros*, p. 34.

²⁵³ Gisbert Greshake, *Ser Sacerdote Hoy*, p. 443.

iremos apontar como sendo fundamentais para os cristãos, em particular para os presbíteros, aprez-nos começar pela Liturgia.

«A partir dos ensinamentos de Jesus Cristo, a oração cristã adoptou múltiplas formas privadas e públicas, populares e solenes. A mais excelente é a oração litúrgica, na qual toda a Igreja ora com Cristo e oferece a Deus o grande sacrifício da sua morte e ressurreição (cf. SC 5-7). Mas a Liturgia “não é a única actividade da Igreja” (cf. SC 9)».²⁵⁴

A oração pode assumir formas diversas, para além da palavra; pode incluir os gestos e, inclusive, o silêncio. Além da oração Litúrgica, temos, a *Lectio Divina*, a oração do Rosário, só para referir algumas. Esta diversidade de formas de orar permite àquele ou àqueles que rezam ter uma oração específica de acordo com a circunstância e os motivos pelos quais se dirigem a Deus. Deste modo, a oração pode ser de adoração, de reparação ou satisfação, de acção de graças ou de petição.²⁵⁵ Como podemos constatar, os cristãos têm imensas formas de oração para se dirigirem a Deus. Efectivamente, o presbítero, em «virtude do próprio estado de vida», procurará cultivar estas formas de oração para a santificação pessoal e do povo de Deus. Neste contexto o presbítero, «em virtude do próprio estado de vida», tem a obrigação de rezar diariamente todas as Horas e de cuidar por que tal prática não seja alheia aos fiéis leigos, mas sim, de grande apreço.²⁵⁶ Não se trata de uma devoção, de modo que o presbítero não esteja obrigado a ela; faz parte da Liturgia. Portanto, há-de ser cultivada quotidianamente, pois,

²⁵⁴ Aurelio Fernández, «Oración», In Profesores de la Facultad de Teología de Burgos (dirs), *Diccionario del Sacerdocio*, Madrid, BAC, 2005, p. 528.

²⁵⁵ Cf. Aurelio Fernández, «Oración», p. 526; Para uma compreensão mais ampla do conceito de oração, Cf. Bernhard Häring, «Oração», In Stefano de Fiores – Tullo Goffi (dirs), *Dicionário de Espiritualidade*, São Paulo, Paulinas, 1989, p. 841-848.

²⁵⁶ Cf. Bento XVI, *Verbum Domini*, A Palavra de Deus, nº 62, p. 112.

contribuirá para a santificação pessoal e, mediante a sua santificação, ajudará na santificação do Povo de Deus, sob a guia do Espírito Santo. De facto, diz-nos a

Verbum Domini:

«Entre as formas de oração que exaltam a Sagrada Escritura, conta-se, sem dúvida, a Liturgia das horas. Os Padres sinodais afirmaram que esta constitui uma forma privilegiada de escuta da Palavra de Deus, porque põe os fiéis em contacto com a Sagrada Escritura e com a Tradição viva da Igreja. Antes de mais nada, há que lembrar a profunda dignidade teológica e eclesial desta oração. De facto, na Liturgia das horas, a Igreja exerce a função sacerdotal da sua Cabeça, oferecendo ininterruptamente (1Ts 5,17) a Deus o sacrifício de louvor, ou seja, o fruto dos lábios que glorificam o seu nome (cf. Hb 13,15). Esta oração é a voz da Esposa a falar ao Esposo e também a oração que o próprio Cristo, unido ao seu Corpo, eleva ao Pai».²⁵⁷

Uma outra forma de oração existente na Igreja é a *Lectio Divina*.²⁵⁸ A espiritualidade do presbítero exige que ele seja «homem de oração», que seja capaz de procurar uma «unificação do coração, da pessoa, mas também dos diferentes momentos apostólicos da jornada: isto pode ser favorecido através da prática quotidiana de escutar a palavra de Deus contida na Escritura, mediante a «Lectio Divina».²⁵⁹ Para a espiritualidade do presbítero, a «Lectio Divina»: leitura meditada e orante da Palavra de Deus, ou seja, “escuta humilde e cheia de amor d’Aquele que fala” (cf. PDV, nº 47), constitui um elemento base. A própria «firmeza da fé, a profundidade do discernimento, a autoridade da palavra, tanto na pregação como nos diálogos pessoais, dependem da assiduidade com a Palavra, da

²⁵⁷ Bento XVI, *Verbum Domini, A Palavra de Deus*, nº 62, p. 111.

²⁵⁸ Sobre os diversos degraus da «Lectio Divina», Cf. Armindo dos Santos Vaz, *A Arte de Ler a Bíblia, em Louvor da «Lectio Divina»*, pp. 11-20.

²⁵⁹ Enzo Bianchi, *Aos Presbíteros*, p. 84.

lectio divina.²⁶⁰ Mas isto não significa que o presbítero não venha a encontrar momentos de solidão, de «vazio», de sensação de ausência ou silêncio de Deus. Com efeito, Deus está sempre presente, escuta sempre; o presbítero, ao contrário, quando se desvia dos caminhos de Cristo, deixando de rezar entra em crise.²⁶¹ «A oração cria o sacerdote e o sacerdote cria-se através da oração».²⁶² Com efeito, diz Greshake:

«A oração é um critério importante para a autocompreensão do sacerdote. Porque na oração, o sacerdote deve interrogar-se, no mais profundo do seu ser, sobre a sua verdadeira realidade: administrador de cura das almas ou homem de Deus, funcionário ou aquele que realiza o seu trabalho a partir da sua união com Jesus Cristo. Sem oração, a pastoral, com o tempo, torna-se superficial e vai-se superficializando e, no melhor dos casos, degenera numa empresa que funciona. De facto, quem não reza, não chega ao essencial, não presta atenção ao apelo de Deus no quotidiano; a sua palavra e acção não brotam da escuta da Palavra de Deus».²⁶³

Deste modo, o presbítero estará em condições de ser um «outro Cristo» para quantos forem confiados ao seu cuidado. E o presbítero só se compreenderá a si mesmo, na medida em que o seu ministério for pautado por esta dinâmica de regresso constante ao Coração de Jesus Cristo. Só assim o presbítero poderá dizer, tal como São Paulo: «já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (cf. Gl 2,20).

²⁶⁰ Cf. Enzo Bianchi, *Aos Presbíteros*, pp. 85-86.

²⁶¹ Sobre a crise provocada pelo facto de se descuidar a oração, Cf. Carlos Azevedo, «A Oração na Vida e o Ministério do Sacerdote», In Comissão Episcopal do Clero Seminários e Vocações, pp.7-23.

²⁶² João Paulo II, *Dom e Mistério*, p. 101.

²⁶³ Gisbert Greshake, *Ser Sacerdote*, p. 182.

2.1 Os Conselhos Evangélicos na Vida do Presbítero

Os tempos hodiernos, não menos do que no passado, exigem do presbítero a vivência dos conselhos evangélicos, para que possa exercer o seu ministério com frutos para si e para os que lhe são confiados, na fidelidade ao Evangelho, guiado pelo Espírito Santo. Neste sentido, diz-nos a *Pastores Dabo Vobis*:

«Expressão privilegiada da docilidade da radicalidade são os diversos «conselhos evangélicos», que Jesus propõe no Sermão da Montanha (cf. Mt 5-7), e, entre estes, os conselhos, intimamente coordenados entre si, da obediência, pobreza e castidade: o sacerdote é chamado a vivê-los segundo as modalidades, e mais profundamente segundo as finalidades e significado original, que derivam e exprimem a identidade própria do presbítero».²⁶⁴

Neste contexto, a obediência, a castidade e a pobreza constituem modos de imitar a Jesus Cristo na sua vida externa. Mas isto não tem a ver com a imitação da maneira de vestir de Jesus ou outros aspectos acidentais menos relevantes, mas sim, tem a ver com a maneira de vida que se aproxima mais da de Deus.²⁶⁵ E o presbítero, em razão da sua configuração com Cristo Cabeça e Pastor, há-de aplicar-se com maior profundidade e entrega à vivência da pobreza, castidade e obediência. Os conselhos evangélicos têm como objectivo principal atingir a caridade de Cristo, por isso, «entre as virtudes que se afiguram mais necessárias no ministério dos presbíteros, convém recordar aquela disposição de ânimo pela qual estão sempre prontos a procurar não a própria vontade, mas a d'Aquele que

²⁶⁴ PDV n° 27.

²⁶⁵ Sobre a imitação de Jesus na sua vida externa, Cf. Juan Esquerda Bifet, *Teología y Espiritualidad Sacerdotal*, pp.193-195.

os enviou».²⁶⁶ Efectivamente, «trata-se da obediência que, no caso da vida espiritual do sacerdote, reveste algumas características particulares».²⁶⁷ Mas a obediência a que nos referimos consiste na «obediência cristã autêntica, rectamente motivada e vivida sem servilismos, [que] ajuda o presbítero a exercitar com evangélica transparência a autoridade que lhe é confiada perante o Povo de Deus: sem autoritarismos ou preferências demagógicas».²⁶⁸ Mais, esta obediência, que não deve afastar-se do Evangelho, há-de ser capaz de requerer a obediência a outrem, bem como, num clima de «pastoralidade», saber obedecer em presbitério ao Bispo e demais autoridades eclesiais competentes.

Entre os conselhos evangélicos acima referidos, «brilha este precioso dom da graça divina, dado pelo Pai a alguns, de se dedicarem unicamente a Deus, mais facilmente e com um coração indiviso, na virgindade e no celibato».²⁶⁹ Trata-se de, animados pelo Espírito Santo, crescer na dádiva gradual e contínua de si próprio a Deus. «É particularmente importante que o sacerdote compreenda a motivação teológica da lei eclesial do celibato. Enquanto lei, exprime a vontade da Igreja, antes mesmo que seja expressa a vontade do sujeito através da sua disponibilidade». Esta entrega da parte do sacerdote é, sobretudo, sinal da progressiva e contínua configuração com Cristo Cabeça e Pastor do Rebanho. Desta forma, o presbítero poderá «gastar-se» mais e melhor para o bem dos homens e mulheres do seu tempo, que tanto precisam de conhecer o rosto e o

²⁶⁶ PDV n° 28.

²⁶⁷ PDV n° 28.

²⁶⁸ PDV n° 28.

²⁶⁹ PDV n° 29.

coração de Deus. «O celibato sacerdotal é, então, o dom de si em e com Cristo à Sua Igreja e exprime o serviço do presbítero à Igreja no e com o Senhor».²⁷⁰ Assim, o presbítero há-de considerar o celibato como um elemento positivo, uma forma de se entregar a Cristo de coração indiviso e total. «Será ainda a oração, unida aos Sacramentos da Igreja e ao empenhamento ascético, a infundir esperança nas dificuldades, confiança e coragem no retomar o caminho».²⁷¹

O último conselho evangélico que pretendemos abordar aqui é a pobreza, entendida como «submissão de todos os bens ao Bem supremo de Deus e do Seu Reino».²⁷² Como se compreende, esta pobreza não se confunde com indigência nem desprezo dos bens materiais; é antes, fazer um uso adequado dos bens materiais e, com liberdade interior, prescindir deles em ordem a Deus e aos Seus desígnios. (cf. PDV nº 30).

«Os sacerdotes, a exemplo de Cristo que, rico como era, Se fez pobre por nosso amor, devem considerar os pobres e os mais fracos como a eles confiados de uma maneira especial, e devem ser capazes de testemunhar a pobreza com uma vida simples e austera, sendo já habituados a renunciar generosamente às coisas supérfluas».²⁷³

Só se o presbítero for capaz de viver esta pobreza, de a encarnar na sua vida, consciente de que Cristo que mereceu imensamente mais se fez «o mais pequeno», estará a responder às necessidades dos homens e mulheres deste tempo

²⁷⁰ PDV nº 29.

²⁷¹ PDV nº 29; Sobre a relação existente entre a obediência, pobreza e castidade, Cf. Enzo Bianchi, *Aos Presbíteros*, pp. 47-50; Afrodisio Hernández Casero, *La Formación Espiritual De los Candidatos Al Sacerdocio, Del Vaticano II al Sínodo de los Obispos de 1990*, pp. 312-317.

²⁷² PDV nº 30.

²⁷³ PDV nº 30.

em particular. Esta necessidade consiste em encontrar o rosto de Cristo pobre, humilde, amigo, próximo dos homens e dos seus problemas existenciais. A pobreza garantirá ao presbítero aquele desprendimento interior para obedecer e para se abrir à castidade. Não é por acaso que existe uma íntima ligação entre a pobreza, a castidade e a obediência. «O sacerdote verdadeiramente pobre é certamente um sinal concreto do desprendimento, da renúncia e da não submissão à tirania do mundo contemporâneo que coloca toda a sua confiança no dinheiro e na segurança material».²⁷⁴

2.2 A Formação Permanente do Presbítero

O tema da formação permanente ocupa todo o capítulo sexto da *Pastores Dabo Vobis*. Trata-se de um tema bastante complexo e sério, que requer uma adequada compreensão. Neste sentido, propomo-nos reflectir sobre as razões da formação permanente e as diversas dimensões da mesma. A formação permanente encontra uma definição adequada nas suas diversas e complementares dimensões: «ela tende a ajudar o padre a ser e a exercer a sua função de padre no espírito e segundo o estilo de Jesus Bom Pastor. A verdade é algo a construir! Assim nos adverte S. Tiago: “Sede cumpridores da palavra e não meros ouvintes, enganando-vos a vós próprios” (Tg 1,22)».²⁷⁵ Neste sentido, fica excluída a ideia de que a formação permanente se resume à «dimensão intelectual», ou seja, a uma aquisição e aprofundamento de conteúdos académicos. Também não se resume a uma aquisição de técnicas ou aprendizagem de estratégias pastorais, ou seja, “não

²⁷⁴ PDV n° 30.

²⁷⁵ PDV n° 73.

é pedagogia mas antes teologia”.²⁷⁶ Não fica reduzida ao aspecto exterior porque ela não é estática, mas sim dinâmica. «A formação permanente não é uma repetição da que foi adquirida no seminário, simplesmente revista ou ampliada com novas sugestões aplicativas».²⁷⁷ Não se reduz a um activismo desenfreado, desprovido de interioridade e profundidade que brotam da caridade de Cristo Bom Pastor.²⁷⁸ A formação permanente requer um constante regresso ao Coração de Cristo e, em Cristo, uma entrega ao Coração materno de Maria, «modelo» de escuta atenta, de entrega total e autora de um «Fiat» que anima na fé toda a Igreja. O presbítero é chamado, na dinâmica da formação permanente, crescer como crente, a ser cada vez mais um apaixonado por Cristo, a «gastar-se» pela causa do Reino. Assim, o presbítero santifica-se no exercício do seu ministério no meio do povo de Deus. E ao acompanhar a evolução social, política, cultural, religiosa, só para citar alguns aspectos, ele apercebe-se da importância da formação permanente, da “necessidade de apresentar as razões da sua esperança” (cf. 1 Pe 3,15).

Antes de passarmos para as dimensões da formação permanente, olhemos as razões teológicas da formação permanente dos sacerdotes. Diz o Apóstolo ao Bispo Timóteo: «Exorto-te a que reanimes o dom de Deus que está em ti» (2Tm 1,6). E numa outra passagem, Paulo diz ao mesmo Timóteo: «Não descuides o dom espiritual que recebeste e que te foi concedido por uma intervenção profética,

²⁷⁶ Comissão Episcopal Vocações e Ministérios, *«Reaviva o dom que há em ti»*, p. 133.

²⁷⁷ PDV n° 71.

²⁷⁸ Sobre aquilo que não é a formação permanente, Cf. Amedeo Cencini, *«Formação Permanente: Desafio e Graça»*, In Comissão Episcopal Vocações e Ministérios, *«Reaviva o dom que há em ti»*, pp. 131-141.

com a imposição das mãos dos presbíteros. [...] Cuida de ti mesmo e do teu ensino; insiste nestas coisas, porque, fazendo isto, salvar-te-ás a ti mesmo e aos outros que te escutam» (cf. 1Tm 4,14-16). Mas este «reanimar» o dom não depende meramente das capacidades humanas, senão que depende da acção do Espírito Santo que anima e guia a acção daqueles que são enviados em nome de Cristo. «Com a efusão sacramental do Espírito Santo que consagra e envia, o presbítero é configurado a Jesus Cristo Cabeça e Pastor da Igreja e é mandado a exercer o ministério pastoral».²⁷⁹ Deste modo, o presbítero passa a pertencer totalmente a Jesus Cristo, deixando de querer o que ele quer, mas antes o que Jesus Cristo quer: amar a Jesus Cristo e ao povo de Deus que lhe é confiado. Efectivamente, «o Sacramento da Ordem confere ao Sacerdote a graça sacramental que o torna participante não só do «poder» e do «ministério» salvífico de Jesus, mas também do seu «amor» pastoral [...]».²⁸⁰ O sacerdote terá igualmente, quando lhe for necessário, as graças actuais para o exercício do seu ministério (cf. PDV n° 70). Neste contexto, podemos concluir que «a formação permanente encontra, assim, o seu fundamento próprio e a sua motivação original no dinamismo do Sacramento da Ordem».²⁸¹ Existem também razões humanas que reclamam do sacerdote a formação permanente, a saber:

«Cada vida é um caminho incessante em direcção à maturidade, e esta passa através da formação contínua. Além disso, é uma exigência do ministério sacerdotal, visto simplesmente na sua natureza genérica e

²⁷⁹ PDV n° 70.

²⁸⁰ PDV n° 70.

²⁸¹ PDV n° 70; Sobre as razões teológicas da formação permanente Cf. Afrodisio Hernández Casero, *La Formación Espiritual De los Candidatos Al Sacerdocio, Del Vaticano II al Sínodo de los Obispos de 1990*, pp. 280-283.

comum a qualquer profissão, ou seja, como um serviço prestado aos outros: hoje não existe profissão, compromisso ou trabalho que não exija uma contínua actualização, se quiser ser credível e eficaz. A exigência de «acertar o passo» com o caminho da história é outra razão humana que justifica a formação permanente».²⁸²

Estas razões, porém, não esgotam os vastos motivos que podem ser apresentados e que, posteriormente, deverão ser desenvolvidos em uníssono com as razões teológicas. Com efeito, a formação permanente dos sacerdotes, sejam diocesanos ou religiosos, está disposta em três dimensões, a saber: dimensão humana, dimensão espiritual e dimensão intelectual e aspecto pastoral.²⁸³ Vamos apresentar alguns aspectos concernentes a cada um destes itens acima referidos.

No que diz respeito a dimensão humana, diz-nos a *Pastores Dabo Vobis*:

«No contacto quotidiano com os homens, partilhando a sua vida de cada dia, o sacerdote deve aumentar e aprofundar aquela sensibilidade humana que lhe permite compreender as necessidades e acolher os pedidos, intuir as questões não expressas, partilhar as esperanças, as alegrias e as fadigas do viver comum, ser capaz de encontrar a todos e de dialogar com todos. Sobretudo conhecendo e partilhado, isto é, fazendo sua a experiência humana da dor na multiplicidade das suas manifestações, desde a indigência à doença, da marginalização à ignorância, à solidão, à pobreza material e moral, o padre enriquece a própria humanidade e torna-a mais autêntica e transparente, num crescente e apaixonado amor pelo homem».²⁸⁴

Não há dúvidas de que a dimensão humana tem a ver também com a caridade pastoral de Cristo, consistindo no dom total que o presbítero faz de si

²⁸² PDV n° 70; Sobre outras perspectivas Cf. Amedeo Cencini, «Formação Permanente: Desafio e Graça», In Comissão Episcopal Vocações e Ministérios, «Reaviva o dom que há em ti», pp. 129-143; Amedeo Cencini, «Do Modelo de Perfeição ao Modelo de Integração», pp. 145-169.

²⁸³ PDV n° 72.

²⁸⁴ PDV n° 72.

mesmo. O presbítero deve ser, especialmente nos tempos actuais, «perito em humanidade». É disto, sobretudo, que os homens de hoje buscam no presbítero: que seja um homem da escuta atenta, que deixe transparecer uma maneira de ser tão «humana» como a de Cristo que amou o mundo e se entregou por ele. Os homens de hoje anseiam por presbíteros que lhes saibam levar Cristo. Esta é a tarefa da Igreja de todos os tempos, com particular incidência nos tempos actuais. Assim o recordou no Concílio Vaticano II, na G.S., nº 1, bem como o Papa João Paulo II, na sua Encíclica *Redemptor Hominis*,¹⁰. Uma outra dimensão, a espiritual, está também ela em íntima ligação com as outras dimensões. Se a dimensão espiritual não for bem cuidada, as outras dimensões correm o risco de se deformarem e deixarem de cumprir a sua função original. Com efeito, diz-nos a *Pastores Dabo Vobis* que a dimensão espiritual:

«É uma exigência da vida nova e evangélica, à qual o presbítero é chamado, de um modo específico, pelo Espírito Santo infundido no Sacramento da Ordem. O Espírito, consagrando-o e configurando-o a Jesus Cristo Cabeça e Pastor, cria uma ligação que, situada no próprio ser do sacerdote, precisa de ser assimilada e vivida de maneira pessoal, isto é, consciente e livre, mediante uma comunhão de vida e de amor cada vez mais rica e uma partilha sempre mais ampla e radical dos sentimentos e das atitudes de Jesus Cristo».²⁸⁵

A espiritualidade do presbítero não suporta outra postura que não seja aquela que lhe foi impressa aquando do Sacramento da Ordem. Mas o presbítero há-de ter em conta que ele não pode dar o que não tem, ou seja, se não permitir que Cristo o habite, ele não poderá crescer e aprofundar-se na dimensão espiritual.

²⁸⁵ PDV nº 72.

Neste contexto, espera-se que o presbítero seja um homem «com interioridade», ou seja, mergulhado em Cristo, conhecedor dos sentimentos e atitudes de Cristo. Deste modo, o presbítero estará a servir os homens de hoje, à maneira de Cristo Bom Pastor. Existe, com efeito, uma outra dimensão, a saber, a intelectual. Tal como as demais dimensões, é fundamental para que o presbítero possa ser fiel à missão que lhe foi confiada. Neste sentido, a *Pastores Dabo Vobis* diz-nos que a dimensão intelectual:

«Precisa de ser continuada e aprofundada durante toda a vida do presbítero, em particular mediante um estudo e actualização cultural séria e empenhada. Participante da missão profética de Jesus e inserido no mistério da Igreja Mestra da verdade, ele é chamado a revelar aos homens, em Jesus Cristo, o rosto de Deus e, com isso, o verdadeiro rosto do homem».²⁸⁶

Antes de o presbítero cumprir esta tarefa, a saber, a de mostrar ao homem o rosto de Deus, ele próprio o terá de encontrar primeiro e deixa-se «consumir» pelo rosto de Deus. Por outro lado, o presbítero terá que aprofundar os conteúdos teológicos, tendo em conta que cabe a ele anunciar a Palavra de Deus que deve, por sua vez, ser anunciada com um «ardor renovado» e um «novo impulso», seguindo as orientações da «Nova Evangelização». Para concluir esta abordagem das dimensões da formação permanente, vamos falar sobre o aspecto pastoral da formação permanente que «está bem expresso nas palavras do Apóstolo Pedro: “como bons administradores das graças de Deus, cada um de vós ponha à

²⁸⁶ PDV n° 72.

disposição dos outros os dons que recebeu” (1Pd 4,10)».²⁸⁷ Neste sentido, o presbítero há-de actuar sempre a partir da caridade pastoral de Cristo, consciente de que, tal como refere o Apóstolo Pedro, o presbítero «dá» o que recebeu de Deus como dom. «A caridade pastoral é um dom e, ao mesmo tempo, uma tarefa, uma graça e uma responsabilidade à qual é preciso ser fiel, ou seja, é preciso acolhê-la e viver o seu dinamismo até as exigências mais radicais».²⁸⁸ Isto deve fazer crescer a disponibilidade e a fidelidade do presbítero para a formação permanente do aspecto pastoral, ao longo da vida sacerdotal, sempre disposto a aceitar «novos desafios e novas propostas», consciente de ser uns dos responsáveis da formação permanente dos presbíteros.²⁸⁹

CONCLUSÃO

Ao proclamar oficialmente o Ano Sacerdotal, que tem por mote *Fidelidade de Cristo, fidelidade do sacerdote*, o Sumo Pontífice destacou como objectivo desta iniciativa: «contribuir para fomentar o empenho de renovação interior de todos os sacerdotes para um seu testemunho evangélico mais vigoroso e incisivo [...]».²⁹⁰ Para que os presbíteros possam alcançar tal «renovação», foram propostos os exemplos de alguns «modelos» de espiritualidade do sacerdote. Não

²⁸⁷ PDV n° 72.

²⁸⁸ PDV n° 72; Sobre o aspecto pastoral da formação permanente, Cf. Afrodísio Hernández Casero, *La Formación Espiritual De los Candidatos Al Sacerdicio, Del Vaticano II al Sínodo de los Obispos de 1990*, pp. 292-293; José H. Barros de Oliveira, *Tesouro em Vasos de Barro, Sacerdócio e Celibato*, pp.74-90.

²⁸⁹ Sobre os responsáveis da formação permanente, Cf. PDV n° 78-79; Afrodísio Hernández Casero, *La Formación Espiritual De los Candidatos Al Sacerdicio, Del Vaticano II al Sínodo de los Obispos de 1990*, pp. 293-296.

²⁹⁰ Bento XVI, «*Litterae Apostolicae*», AAS 101 (2009) 569.

foi, de resto, por acaso que o “ano sacerdotal” coincidiu com o jubileu do Santo Cura d’Ars, figura marcante exemplar de sacerdote e pastor.

O Ano Sacerdotal foi recebido pela Igreja em Portugal como um tempo de graça, um espaço para «reavivar o dom recebido no dia da Ordenação sacerdotal». O Simpósio do Clero, que coincidiu com a celebração do Ano Sacerdotal, foi e é um exemplo vido da aceitação consciente do mote para o Ano Sacerdotal, a saber: «Fidelidade de Cristo, Fidelidade do Sacerdote» e também do desafio lançado pelo Sumo Pontífice, por ocasião do Ano Sacerdotal: «Favorecer a tensão de todo o presbítero para a perfeição espiritual da qual depende sobretudo a eficácia do seu ministério [...]».²⁹¹ Não faltaram iniciativas das Dioceses e paróquias, nos diversos âmbitos, bem como da CEVM, sempre no intuito de contribuir para uma melhor vivência e consciencialização (dos presbíteros) acerca da identidade-missão dos presbíteros, entre outros temas.

Na sua catequese proferida nas mais diversas circunstâncias, Sua Santidade, procurou realmente propor aos sacerdotes uma fundamentação da sua vida e espiritualidade em Cristo, no Evangelho e nos discípulos de Cristo mais exemplares, de entre os quais se destaca Maria, primeira filha e mãe da Igreja. Cristo é realmente o Modelo por excelência, centro e cume da espiritualidade de todos os presbíteros, fundamento da sua identidade e missão evangélica. «Tendo recebido um dom de graça tão extraordinário, mediante a sua «consagração», os

²⁹¹ Bento XVI, «*Audiência Geral*», 24 de Junho de 2009.

presbíteros tornam-se testemunhas permanentes do seu encontro com Cristo».²⁹²

Este encontro dos presbíteros com Cristo, uma vez assumida e encarnada pelos presbíteros, materializa-se no anúncio da Palavra e na administração dos Sacramentos, expressão da caridade pastoral de Cristo.

Partindo das reflexões elaboradas pelo Sumo Pontífice, sobre a espiritualidade do sacerdote e alguns «modelos» de espiritualidade do sacerdote, por ocasião do Ano Sacerdotal e da doutrina da exortação apostólica pós-sinodal PDV sobre a espiritualidade sacerdotal constatamos esta centralidade de Cristo como grande Modelo com o qual o sacerdote deve identificar o seu ministério. Há um crescimento contínuo no assumir dos sentimentos de Cristo, da sua caridade pastoral. Neste sentido, são pastores em Cristo e a partir de Cristo. Como os profetas Isaías e Jeremias, los presbíteros hão-se haurir o «impulso vital» que os impelia a anunciar a Palavra de Deus e a sua total identificação com Cristo.

Já no NT, São Paulo apresenta-se como aquele que assume na sua vida a caridade pastoral de Cristo, na fidelidade e no cumprimento da vontade de Deus. Ele entrega-se totalmente a Cristo e às comunidades cristãs. Por outro lado, São Pedro é um homem que deixa tudo para seguir Jesus; é «modelo» para os presbíteros, particularmente na sua atitude de voltar sempre a Jesus para reaprender d'Ele. Por isso, o S. Padre destaca estas duas “colunas da Igreja” como paradigmas da vida sacerdotal. Dos «modelos» Patrísticos de uma espiritualidade do sacerdote, é-nos sugerido que olhemos para São Gregório de Nazianzo, São João Crisóstomo e

²⁹² Bento XVI, «*Audiência Geral*», 1 de Julho de 2009.

Santo Agostinho. Com São Gregório de Nazianzo podemos aprender a imitar o zelo que ele imprimiu na sua acção pastoral, o desejo de imitar Cristo na sua caridade pastoral, na obediência e na santidade, deixando-se sempre guiar por Cristo. Em São João Crisóstomo destaca-se a consciência da importância da santidade do sacerdote, a responsabilidade dos presbíteros para com os que lhes são confiados. Ele insistia muito no tema da «pureza» do sacerdote, para um melhor desempenho da cura pastoral. Deste modo, os presbíteros hão-de renovar-se interiormente e imprimir maior vigor à sua missão, com o auxílio do Espírito Santo. Com Santo Agostinho os presbíteros hão-de imitar a sua busca incansável de Deus. Assim que ele se sentiu «encontrado» por Deus, entregou-se totalmente à Sua vontade. Ele é um «modelo» de regresso a Cristo, de dom total de si mesmo.

Mas os modelos de vida sacerdotal não se limitam à Igreja antiga. Do nosso tempo, o Santo Padre quis destacar a figura de São João Maria Vianney, que se impõe pela sua total identificação com o ministério, pela consciência do que era essencial no exercício do seu ministério, pela imitação da caridade pastoral de Cristo, que se materializava na sua acção pastoral, concretamente no anúncio da Palavra e na administração dos Sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação, passando imensas horas no confessional. Ele tinha a consciência de que o sacerdócio é um dom de Deus, qual dom se estende a toda a humanidade. «O sacerdócio é o amor do Coração de Jesus»: dizia o Cura d'Ars.²⁹³

²⁹³ Bernard Nodet, *João Maria Vianney, Cura de Ars, O seu pensamento, o seu coração*, p.116.

Ele era consciente de que todos os momentos da vida de um cristão passavam pelas mãos do sacerdote. O próprio Deus obedecia ao sacerdote, particularmente nas palavras que pronuncia durante a celebração da Eucaristia e do Sacramento da Reconciliação. A sua vida foi um contínuo «gastar-se» pelo rebanho que lhe havia sido confiado, consciente de que tudo haveria de fazer para que nenhuma alma se perdesse, ganhando-as para o «Bom Deus». A espiritualidade do Cura d'Ars fundamentava-se em Cristo e, mediante a vivência dos Conselhos evangélicos: pobreza, castidade e obediência, imitava a Cristo. São João Maria Vianney, além de cultivar a santidade pessoal, esforçava-se para que os que o rodeavam seguissem o mesmo caminho; era um homem de oração, profundamente consciente do poder da oração, diálogo amigável com Deus. Com o Cura d'Ars, os presbíteros hodiernos hão-de assimilar o ardor missionário que ele viveu, a total dedicação na salvação das almas e na instrução catequética dos seus paroquianos, a dedicação ao Confessionário e à Eucaristia. Em todos estes aspectos da sua vida, o Cura d'Ars há-se ser um «modelo» sempre actual para todos os presbíteros.

Os «modelos» mais recentes de uma espiritualidade do sacerdote, particularmente São João Eudes e São Leonardo são dois «exemplos» que hão-se ser imitados em diversos aspectos da sua vida. São João Eudes, pelo zelo apostólico que ele imprimiu na formação do clero diocesano, insistindo num caminho de santidade para os presbíteros e confiança no amor que Deus nutre pela humanidade, manifestado no Coração sacerdotal de Cristo e de Maria. João Eudes defendia uma entrega total a Cristo da parte dos presbíteros, o dom total de si

mesmos. Por outro lado, São João Leonardo que acreditava que mediante uma vida santa, seria possível comunicar aos homens «a medicina de Deus». João Leonardo reiterava sempre que é necessário recomeçar de Cristo». Que programa mais importante se pode conceber para um presbítero?

Com efeito, ao considerarmos que não é possível conceber uma separação entre a identidade e a missão, constatamos que o presbítero há-de voltar sempre a Cristo para crescer na identificação com Ele. Disto dependerá a fidelidade do presbítero a Cristo e à missão que lhe é confiada, recordando o mote do Ano Sacerdotal: *Fidelidade de Cristo, fidelidade do sacerdote*. Sem a identificação com Cristo a própria fecundidade da evangelização fica destituída do seu centro: Cristo, Cabeça e Pastor. Jesus convida a estar com Ele, a aprender d'Ele e só depois é que envia em missão. Por outro lado, mediante o sacramento da Ordem, o presbítero fica ontologicamente unido a Cristo e passa a agir *in persona Christi Capitis*, com a autoridade de Cristo e a mesma caridade pastoral. Neste contexto, compreendemos que a identidade e a missão do presbítero são inseparáveis da sua consagração ontológica e sacramental. Se Cristo é o centro da vida do presbítero e da sua missão eclesial, não há-de haver contradição nem choque, mas sim unidade em Cristo. Com efeito, tudo o que o presbítero realiza, a sua missão, o seu empenho missionário, a sua caridade pastoral, é em vista a que «todos os homens possam oferecer-se a Deus como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus. Seja este o vosso verdadeiro culto, o espiritual» (cf. Rm 12,1). Assim compreendemos que o presbítero seja um homem tirado do mundo e oferecido a Deus para ser devolvido ao mundo, com o «programa» de Cristo e não o seu. Deste modo os

presbíteros hão-de viver uma espiritualidade do sacerdote, alicerçados em Cristo, e mediante a intercessão de Maria.

Concluimos cientes de que o assunto esteja longe de estar “acabado”, mas cientes de que valeu a pena tê-lo começado.

BIBLIOGRAFIA

MAGISTÉRIO

BENTO XVI, *Litterae Apostolicae*, Ad Presbyteros Ecclesiae Catholicae, AAS 101 (2009).

BENTO XVI, «*Homilia*», In *Secundis Vesperis Sollemnitatis Sacratissimi Cordis Iesu*, AAS 101 (2009).

BENTO XVI, «*Audiência Geral*», Libreria Editrice Vaticana, 24 de Junho de 2009.

BENTO XVI, «*Audiência Geral*», Libreria Editrice Vaticana, 1 de Julho de 2009.

BENTO XVI, «*Audiência Geral*», Libreria Editrice Vaticana, 3 de Fevereiro de 2010.

Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição *Lumen Gentium*, Roma, Typ. Polyglottis Vaticanis, 1966.

BENTO XVI, «*Entrevista aos jornalistas durante o voo para os Estados Unidos*», 15 de Abril de 2008.

BENTO XVI, «*Homilia*», Libreria Editrice Vaticana, 11 de junho de 2010.

BENTO XVI, «*Diálogo com os sacerdotes*», Libreria Editrice Vaticana, 10 de Junho de 2010.

BENTO XVI, «*Angelus*», Libreria Editrice Vaticana, 2 de Agosto de 2009.

BENTO XVI, «*Discurso durante a Audiência concedida à Congregação Para o Clero*», 16 de Março de 2009.

BENTO XVI, «*Angelus*», Libreria Editrice Vaticana, 5 de Julho de 2009.

BENTO XVI, «*Angelus*», Libreria Editrice Vaticana, 28 de Junho de 2009.

BENTO XVI, «*Audiência Geral*», Libreria Editrice Vaticana, 4 de Novembro de 2009.

BENTO XVI, «*Homilia, Dia Mundial de Oração Pelas Vocações*», Libreria Editrice Vaticana, 7 de Maio de 2006.

BENTO XVI, «*Angelus*», Libreria Editrice Vaticana, 7 de Fevereiro de 2010.

BENTO XVI, «*Audiência Geral*», Libreria Editrice Vaticana, 8 de Agosto de 2007.

BENTO XVI, «*Discurso*», Libreria Editrice Vaticana, 25 de Maio de 2006.

BENTO XVI, «*Discurso*», Libreria Editrice Vaticana, 14 de Setembro de 2008.

BENTO XVI, «*Audiência Geral*», Libreria Editrice Vaticana, 19 de Agosto de 2009.

BENTO XVI, «*Audiência Geral*», Libreria Editrice Vaticana, 7 de Outubro de 2009.

BENTO XVI, «*Audiência Geral*», Libreria Editrice Vaticana, 12 de Agosto de 2009.

BENTO XVI, «*Audiência Geral*», Libreria Editrice Vaticana, 1 de julho de 2009.

BENTO XVI, «*Angelus*», Libreria Editrice Vaticana, 28 de Fevereiro de 2010.

BENTO XVI, «*Homilia*», Santa Missa Crismal, Libreria Editrice Vaticana, 9 de Abril de 2009.

BENTO XVI, «*Discurso aos Participantes no Congresso Europeu Sobre a Pastoral Vocacional*», Libreria Editrice Vaticana, 4 de Julho de 2009.

BENTO XVI, «*Audiência Geral*», Editrice Libreria Vaticana, 26 de Maio de 2010.

BENTO XVI, *Deus Caritas est*, Prior Velho, Paulinas, 2006.

BENTO XVI, «*Discurso aos Sacerdotes e Diáconos da Diocese de Roma na Cátedra de São João de Latrão*», Libreria Editrice Vaticana, 13 de Maio de 2005.

BENTO XVI, «*Discurso no Encontro com os Sacerdotes e Religiosos*», Catedral de Varsóvia, Libreria Editrice Vaticana, 25 de Maio de 2006.

BENTO XVI, *Verbum Domini, A Palavra de Deus*, Lisboa, Paulus, 2010.

BENTO XVI, «*Homilia*», Basílica Vaticana, Libreria Editrice Vaticana, 5 de Abril de 2007.

BENTO XVI, *Os Padres da Igreja, De Clemente Romano a Santo Agostinho*, Lisboa, Portugália Editora, 2008.

BENTO XVI, *Jesus de Nazaré, Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, Parte II, Cascais, Príncípa, 2011.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2^a Ed, 1999.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição Presbyterorum Ordinis, Roma, Typ. Polyglottis Vaticanis, 1966.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, «*Carta Para o Clero por Ocasão do dia Mundial de oração Pela santificação dos Sacerdotes*», Libreria Editrice Vaticana, 21 de Abril de 2008.

JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Pastores Dabo Vobis*, Lisboa, Paulistas, 1992.

JOÃO PAULO II, *Dom e Mistério*, Lisboa, Paulinas, 1996.

JOÃO PAULO II, *Ecclesia de Eucharistia, A Igreja Vive Da Eucaristia*, Lisboa, Paulinas, 2003.

PIO XI, «*Carta Apostólica Con Singular Complacencia*», de 18 de Janeiro de 1939, AAS 34 (1942).

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, «*O Presbítero, Mestre da Palavra, Ministro dos Sacramentos e Guia da Comunidade, Em Vista do Terceiro Milénio*», Lisboa, Paulinas, 1999.

COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES, «*Espiritualidade Sacerdotal*», Coimbra, 1984.

COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES, IV Simpósio do Clero, «*A Oração na Vida e o Ministério do Sacerdote*», Fátima, Paulinas, 2002.

TRADIÇÃO DA IGREJA

AGOSTINHO, *Confissões*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2000.

AGOSTINHO, Sermão, 340, 1; PL XXXVIII, 1483.

GREGÓRIO DE NAZIANZO, *Discours*, Sources Chrétiennes, 405, Paris, Cerf, 1995.

GREGÓRIO DE NAZIANZO, *Fuga y Autobiografía*, Introducción y notas de L. Viscanti, traducción de S. García Jalón, Madrid, Biblioteca de Patrística 35, 1996.

JOÃO CRISÓSTOMO, *Sur le Sacerdoce*, Sources Chrétiennes, 272, Paris, Cerf, 1980.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS, *Carta a toda a Ordem*, nº 26, Fontes Franciscanas I, Escritos, Biografias, Documentos, Braga, Editorial Franciscana, 1994.

PERIÓDICOS

BOLETIM ANUAL, Diocese de Santarém, Ano V (2008-2009).

BOLETIM ANUAL, Diocese de Santarém, Ano VI (2009-2010).

IGREJA PORTUCALENSE, Boletim da Diocese do Porto, Ano 7 (2009) Nº 20, Maio-Agosto.

IGREJA DIOCESANA. Boletim da Diocese de Viseu, Ano XI (2010), Nº 30 e 31.

LEIRIA-FÁTIMA, Órgão Oficial da Diocese, Ano XVI (2009) Nº 47.

LEIRIA-FÁTIMA, Órgão Oficial da Diocese, Ano XVIII (2010) Nº 49.

OUTRA LITERATURA

BALTHASAR, Hans Urs Von, *Puntos centrales de la fe*, Madrid, Catolica, 1985.

BECKER, Jürgen, Pablo, *El Apóstol de los Paganos*, Salamanca, Sígueme, 2007.

BERNARD, Charles André, *Teologia Espiritual, Hacia la plenitude de la vida en el Espíritu*, Madrid, Sociedad de Educación Atenas, 1997.

BIANCHI, Enzo, *Aos Presbíteros*, Salamanca, Sígueme, 2006.

BIANCHI, Enzo, *Presbíteros, El Arte de Servir el Pan y la Palabra*, Salamanca, Sígueme, 2011.

BIFET, Juan Esquerda, *Teología y Espiritualidad Sacerdotal*, Madrid, Editorial ZYX, 1966.

BOUCHARD, Françoise, *O Santo Cura D'Ars. Visceralmente Sacerdote*, Prior Velho, Paulinas, 2010.

BOUTRY, Philippe, *Prêtres et Paroisses au Pays du Curé d'Ars*, Paris, Cerf, 1986.

BOUYER, Louis, *O Sentido da Vida Sacerdotal*, Coimbra, Tenacitas, 2010.

BUR, Jacques, *A Espiritualidade Sacerdotal*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1997.

CENCINI, Amedeo, «*Formação Permanente: desafio e graça*», In COMISSÃO EPISCOPAL Vocações e Ministérios, VI Simpósio do clero de Portugal, «*Reaviva o dom que há em ti*», Fátima, Paulinas, 2009.

COMISSÃO EPISCOPAL VOCAÇÕES E MINISTÉRIOS, VI Simpósio do Clero de Portugal, «*Reaviva o dom que há em ti*», Fátima, Paulinas, 2009.

FAVALE, Agostino, *Spiritualità del Ministero Presbiterale*, Roma, LAS, 1985.

FERNÁNDEZ, Aurelio, «*Oración*», In Profesores de la Facultad de Teología de Burgos (dirs), *Diccionario del Sacerdocio*, Madrid, BAC, 2005.

GRESHAKE, Gisbert, *Ser Sacerdote Hoy*, Salamanca, Sígueme, 2003.

GRESHAKE, Gisbert, *Ser Sacerdote*, Sígueme, Salamanca, 1995.

GUIJARRO, Santiago, *Servidores de Dios y Esclavos Vuestros, La Primera Reflexión Cristiana Sobre el Ministerio*, Salamanca, Sígueme, 2011.

HÄRING, Bernhard, «*Oração*», In Stefano de Fiores – Tullo Goffi (dirs), *Dicionário de Espiritualidade*, São Paulo, Paulinas, 1989, p. 841-848.

HERNÁNDEZ CASERO, Afrodísio, *La Formación Espiritual De los Candidatos Al Sacerdocio, Del Vaticano II al Sínodo de los Obispos de 1990*, Roma, Teresianum, 1993.

LÓPEZ SANTIDRIÁN, Saturnino, «*San Gregorio Nacianceno*», In Profesores de la Facultad de Teología de Burgos (dirs), *Diccionario del Sacerdocio*, Madrid, BAC, 2005.

LÓPEZ SANTIDRIÁN, Saturnino, «*São João Crisóstomo*», In Profesores de la Facultad de Teología de Burgos (dirs), *Diccionario del Sacerdocio*, Madrid, BAC 2005.

MARTINI, Carlo Maria, *Bíblia e vocação, da vocação baptismal à vocação presbiteral*, Lisboa, Paulistas, 1991.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome, *Paulo, Um homem inquieto, um apóstolo insuperável*, Prior Velho, Paulinas, 2008.

NODET, Bernard, *João Maria Vianney, Cura de Ars, O seu pensamento, o seu coração*, Lisboa, Diel, sd.

NOUWEN, Henri, *O Regresso do Filho Pródigo. Meditações perante um quadro de Rembrandt*, Braga, A. O., 1995.

OLIVEIRA, José H. Barros de, *Tesouro em Vasos de Barro, Sacerdócio e Celibato*, V. N. de Gaia, Edição do Seminário do Coração de Maria, Carvalhos, 1999.

PINTO, António Vaz, «*Bento XVI, entre o escândalo e a visita*», *Brotéria* 170 [2010] 349-356.

PONCE CUÉLLAR, Miguel, *Llamados a servir, Teología del sacerdocio ministerial*, Barcelona, Herder, 2001.

RANHER, Karl, *Escritos de Teología*, t V, Madrid, Taurus.

RODRIGUES DE SOUSA, Mário José, *Para Que Também Vós Acrediteis, Estudo exegético-teológico de Jo 19,31-37*, Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2009.

RUBIO MORÁN, Luís, *Nuevas Vocaciones Para un Mundo Nuevo, laicos, religiosos y presbíteros para una nueva evangelización*, Salamanca, Sígueme, 2002.

SANTOS VAZ, Armindo dos, *A Arte de Ler a Bíblia, Em louvor da «Lectio Divina»*, Lisboa, Carmelo, 2008.

SÃO JOÃO EUDES, *Coeur Admirable*, In BENTO XVI, «Audiência Geral», Libreria Editrice Vaticana, 19 de Agosto de 2009.

TROCHU, Francis, *O Cura D'Ars*, Braga, Edições Theologica, 1987.

TROCMÉ, Étienne, *São Paulo*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2004.

ARTIGOS NA INTERNET

<http://www.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=CmodsDownload&file=index&req=viewdownload&cid=12&orderby=dateD> [13.07.2012]. «Comunicado do Conselho Presbiteral».

<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=17> [13.07.2012]. «Encontro vocacional ‘Chama por Mim’ voltou a mobilizar jovens da vigararia de Faro».

<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=190> [13.07.2012]. «Luz de Lagos celebrou Dia da Paróquia no contexto do Ano Sacerdotal».

<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=152> [13.07.2012]. «Clero algarvio alertado para a concretização do Evangelho na vida do padre».

<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=435> [13.07.2012]. «Clero algarvio alertado para radicalidade evangélica como alicerce da vida do sacerdote».

<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=653> [13.07.2012]. «Clero algarvio reflectiu sobre a identidade e especificidade da vida consagrada».

<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=210> [13.07.2012]. «Seminário de Faro acompanha grupo de rapazes no contexto do Pré-seminário».

<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=209> [13.07.2012]. «Seminário do Algarve promove jantares vocacionais para dar a conhecer a instituição».

<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=483> [13.07.2012]. «Pastoral Vocacional da Diocese do Algarve promoveu vigília de oração».

www.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=CmodsDownload&file=index&req=getit&id=66 [13.07.2012]. «Homilia na Missa Crismal 2010».

<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=829> [13.07.2012]. «Paróquia de Albufeira celebrou Ano Sacerdotal com concerto por sacerdotes algarvios».

<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=913> [13.07.2012]. «Vigília de oração em Loulé reuniu mais de uma centena de participantes para rezar pelas vocações».

<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=1107> [13.07.2012]. «Paróquia da matriz de Portimão tem promovido catequeses quaresmais».

<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=1147> [13.07.2012]. «Bispo do Algarve desafiou sacerdotes a “conhecer Cristo” para superarem debilidades».

<http://folhadodomingo.diocese-algarve.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=1618> [13.07.2012]. «D. Manuel Quintas pediu aos sacerdotes algarvios três “frutos” do Ano Sacerdotal».